

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Departamento de Lingüística Aplicada

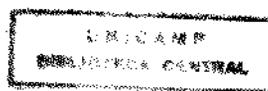
Programa de Mestrado

Rinaldo Vitor da Costa

**O CASO HENFIL: SERÁ QUE A ESQUERDA BRASILEIRA
APRENDE INGLÊS SEM CULPA?**

*Dissertação de mestrado orientada pelo prof.
Dr. Eric Mitchell Sabinson, e co-orientada
pela prof.^a Dr. Celene Margarida Cruz,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de mestre em Lingüística
Aplicada na área de ensino-aprendizagem de
segunda língua, língua estrangeira.*

Campinas, Agosto de 1997



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	Unicamp
	C823c
V. Ex.	
V.º 00 BC/	32479
PREC.	28497
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PRECIO	R\$ 11,00
DATA	16/12/97
N.º CPD	

CM-00104050-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C823c

Costa, Rinaldo Vitor da

O caso Henfil. Será que a esquerda brasileira aprende inglês sem culpa? / Rinaldo Vitor da Costa. -- Campinas, SP: [s.n.], 1997.

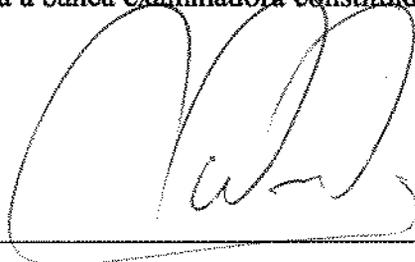
Orientador: Eric Mitchell Sabinson
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição da segunda linguagem. 2. Ideologia. 3. Língua inglesa - estudo e ensino - estudantes estrangeiros. I. Sabinson, Eric Mitchell. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Departamento de Linguística Aplicada

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída dos seguintes professores:



João Wanderley Geraldi

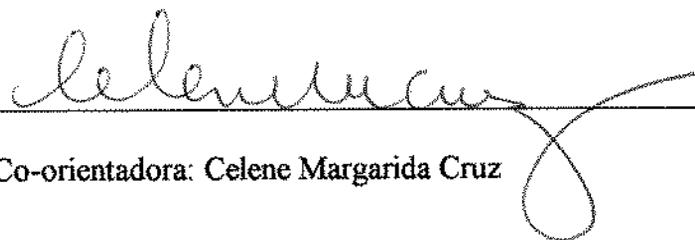
Lúcia K. Xavier Bastos



Enid Yatsuda Frederico



Orientador: Eric Mitchell Sabinson



Co-orientadora: Celene Margarida Cruz

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por RINALDO VITOR DA
COSTA
e aprovada pela Comissão Julgadora em
22, 08, 99.
Prof. Dr. Eric Mitchell Sabinson.

RESUMO

Analiso nesta dissertação o conturbado processo de aprendizagem de língua inglesa pelo jornalista e cartunista Henfil. O material de análise teve como origem as cartas escritas durante o período de 1973 a 1975, em que Henfil esteve em Nova Iorque. Nestas cartas, Henfil relata seu sentimento de inferioridade por não saber inglês e o subterfúgio de um eventual tratamento de hemofilia para poder viajar e permanecer nos EUA.

Esse subterfúgio foi necessário para permanecer nos EUA sem uma provável acusação de traição, uma vez que deixava o Brasil em um período politicamente confuso. O governo ditatorial utilizava a censura como instrumento de cerceamento de liberdade, o que impedia Henfil de levar sua mensagem aos leitores da classe operária. Tanto a questão de ordem política quanto as questões de saúde e profissional levaram Henfil a tentar a sorte nos EUA porque ao publicar nos *syndicates* estaria livre da censura governamental, que não atingia publicações estrangeiras. Embora utilizasse estas razões para sua viagem aos EUA o que se destaca nas cartas é o sentimento de Henfil em relação à língua inglesa. Primeiramente há o sentimento de inferioridade expresso da seguinte forma:

“ Posso me tornar o maior humorista do mundo, mas serei o mais merda dos homens se não falar inglês. O inglês (não saber) é aleijão . Isto aí no Brasil já era um sufoco, já me tornava uma pessoa de segunda classe para os homens, para as mulheres, pros dogs e postes. Pode ser um chato, mas o brasileiro que fala inglês tem a minha inveja e se pudesse eu matava ele a dentadas” (Henfil 1983: 19, 20)

Havia, no entanto um forte temor de aculturação por aprender a língua inglesa, e é devido a este temor que Henfil decide voltar ao Brasil depois de ter conseguido algum espaço na imprensa alternativa de Nova Iorque e na grande imprensa americana e canadense. Além disso, Henfil afirma que nunca falaria inglês, embora tivesse se tornado fluente nesta língua: “ *Tem dia que não consigo traduzir para o português um cartum que criei em inglês. Tenho que consultar o dicionário. Eu já sou dois*” (Henfil op. cit: 248). Devido ao processo de aquisição/aprendizagem de inglês ter se dado em um momento de polarização de forças políticas e ideológicas (nacionalismo e “entreguismo”). Henfil se sentia na necessidade de negar seu conhecimento de inglês, a fim de se manter coerente politicamente: “ *Eu não falo inglês e nunca vou falar. Entenda aí o inglês como a cultura americana. Nunca. Mesmo que queira e não quero.*” (Henfil op. cit: 230).

Para reforçar sua coerência político-ideológica Henfil decide publicar as cartas no livro *Diário de Um Cucaracha* a fim de tentar desmistificar os EUA e resolve dedicá-lo à Dalula, uma brasileira que era empregada doméstica em Nova Iorque e ainda assim não falava uma palavra em inglês. Henfil via nesta atitude de recusa à língua inglesa um símbolo de resistência aos EUA.

Agradecimentos

- a Eric Mitchell Sabinson, meu orientador, pela competência e pela paciência com que me orientou na realização deste trabalho.
- a Celene Margarida Cruz, minha co-orientadora, pela dedicação e pela coragem ao me aceitar como orientando.
- a meus pais, Lucas Evangelista Costa e Ludovina Maria de Jesus, pelo amor através do qual me ensinaram que é necessário persistir sempre.
- a minha esposa, Maria Ceres Pereira, pelo amor e pelo incentivo para a produção deste trabalho.
- ao CNPq pela bolsa de Mestrado

“Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas, pelo contrário, sua existência social lhes determina a consciência” Erich Fromm (Conceito Marxista do Homem, 1983: 29)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 - A HISTÓRIA DA TRANSFORMAÇÃO DE HENRIQUINHO EM HENFIL	23
1.2 - Henfil no Rio de Janeiro	35
CAPÍTULO 2 - O PATRULHEIRO PATRULHADO	43
CAPÍTULO 3 - A TERRA DE MARLBORO	56
3.1 - O Perfil Sócio-Econômico-Racial de Henfil no Contexto Americano	69
3.2 - O “Tanquisguivin” Tupiniquim	75
CAPÍTULO 4 - “Contradictions”	91
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Este trabalho sobre aquisição da língua inglesa por Henfil (Henrique Souza Filho), teve como origem uma tentativa de descrever meu próprio processo de aprendizagem de inglês, uma vez que me recusava terminantemente a aprender este idioma. Considerava o estudo dessa língua uma demonstração de servilismo aos norte-americanos.

Aprender inglês, para mim, era renegar a nacionalidade. O material didático reforçava a impressão de que aprender inglês era uma forma de submissão porque através de suas ilustrações sempre mostrava as glórias norte-americanas. Raramente havia textos informativos nos livros didáticos, apenas arremedos de textos, que eram na realidade exercícios de memorização de léxico e de alguns aspectos gramaticais. Realçando a impressão de que aprender inglês era um ato de submissão eu via a evidência irrefutável de americanização nas professoras. Todas “pareciam querer” ser norte-americanas: eram geralmente de pele branca, algumas loiras e normalmente oxigenadas. Faziam apologia dos feitos, do progresso e da riqueza norte-americanos. Elas tentavam mostrar a importância do inglês através do poderio político e econômico dos EUA, país contra o qual nutria uma enorme aversão.

As professoras tentaram me atrair para a aprendizagem do inglês, esforço totalmente ^à contra prodente, uma vez que via na riqueza e progresso tecnológico norte-americano a causa da pobreza e atraso do Brasil. Eu e meus colegas mostrávamos nossa revolta através da indisciplina durante as aulas de inglês. Tal indisciplina se manifestava através de uma música cantada à exaustão, cujo refrão era: “*O patrão mandou cantar/ com a língua enrolada/ everybody macacada/ everybody macacada*”. Lembro-me que a

música tinha feito sucesso, por volta de 1980, porque satirizava o crescente “consumo” de costumes americanos que vieram embalados na onda da discoteque.

Por desejar ser um autêntico brasileiro me negava a falar inglês. Meu comportamento reprovável para os padrões escolares, embora exemplar do meu ponto de vista nacionalista, valeu-me algumas suspensões, consideradas pelos meus amigos um motivo de orgulho, uma prova heróica de resistência ao invasor “ianque”, (embora em casa a questão não fosse vista da mesma forma). Imputava o fato de não ter conseguido aprender inglês, com exceção de algumas frases como “Yankees, Go Home!” e “Power To The People!” àquilo que Lênin havia chamado de doença infantil do esquerdismo. Só percebi esta infantilidade ao conhecer obras literárias e escritores de língua inglesa, na verdade americanos, como Walt Whitman e Ernest Hemingway. A admiração pela obra destes escritores, e a possibilidade de poder ler textos produzidos por sindicatos americanos que mostravam a realidade da luta de classes nos EUA, e obras de outros escritores “combativos” levaram-me a ingressar no curso de Letras e vir a ser professor de inglês. Através da leitura de vários textos de origem americana pude finalmente perceber que os EUA eram mais do que apenas um país explorador e imperialista formado por “marines” e banqueiros. Inclusive lá, no cerne do símbolo do capitalismo, havia “companheiros” lutando heroicamente pela mesma causa socialista. A infantilidade intelectual, ou sectarismo, em ver os EUA como um país homogêneo e monolítico de direita, ainda perduraria em mim por longos períodos, uma vez que militantes e dirigentes mais velhos, tanto de sindicatos como do movimento estudantil, compartilhavam desse meu sentimento anti-americano, ou anti-imperialista, como dizíamos. Eles, assim como eu, recusávamo-nos a aprender inglês. Víamos na língua inglesa e nas músicas americanas, a presença do ianque imperialista. Mais tarde vim a perceber que esta atitude de recusa à língua inglesa talvez fosse um reflexo das idéias do Partido Comunista do Brasil, da década

de 40, chamada de obreirista, e reflexo da Revolução Cultural Chinesa que valorizava o trabalho dos operários e camponeses e desprezava o trabalho intelectual. Saber outra língua era um fator que levava à desconfiança, principalmente se esta língua fosse a do “imperialista ianque”. Essa reação adversa ao estudo da língua inglesa me intrigava muito porque eu e alguns poucos militantes que sabíamos inglês éramos militantes tão ou mais “combativos” do que os outros, no entanto éramos vistos com desconfiança.

Ao estudar a dinâmica psicológica dos casos de militantes sindicais, listas do movimento estudantil e simpatizantes de partidos de esquerda que sabiam inglês e eram estigmatizados por esta razão, encontrei um caso muito mais interessante e revelador do que aqueles encontrados no cotidiano. Trata-se do conturbado processo de aquisição de inglês pelo jornalista e militante de esquerda Henfil, relatado no livro “Diário de um Cucaracha”, o qual foi escrito a partir da coleta de cartas enviadas de Nova Iorque para os amigos no Brasil, no período de 1973 a 1975. O material que constitui este livro é muito rico e proveitoso para análise, principalmente por ter sido produzido no momento do embate do autor com o aprendizado da língua inglesa. Por esta razão deixei de lado um estudo do meu próprio caso, já que eu tomaria como base apenas uma memória pródiga por ocultar alguns fatos, possivelmente comprometedores e a revelar apenas o processo de aquisição destituído das questões sociais envolvidas.

Em seu livro, Henfil relata e reflete prioritariamente a respeito de seu desejo de morar nos EUA, suas experiências nas interações com brasileiros residentes nos EUA, e com os norte-americanos. Conta também o seu processo de ingresso no sindicato distribuidor de quadrinhos e o fracasso de seus personagens, “Os Fradins”. O fator aprendizagem de língua é apresentado secundariamente, através de comentários sobre aulas e “jeitinhos” de estudar. Henfil também faz uma série de observações do constrangimento dos estrangeiros, no contexto social, por não falarem inglês. Essas

observações demonstram haver maior atenção na linguagem enquanto elemento de interação do que mera habilidade a ser aprendida.

A hipótese central deste trabalho é a de que a língua inglesa pode ser vista pelos militantes intelectuais e simpatizantes de partidos de esquerda como mais um braço do “*polvo imperialista*”. Desta forma, não saber, não querer saber nem admitir querer saber inglês, era uma forma subjetiva de manter que uma aparência de fidelidade ideológica, pois preservava o militante, da influência dos “*imperialistas ianques*”. Há evidências que me permitem pensar assim, visto que alguns militantes, meus companheiros que sabiam inglês, protegiam-se de qualquer possibilidade de acusação de desvio ideológico, argumentando que a compreensão do inglês era, para eles, apenas um mero instrumento para obter informações.

II

A percepção de que a língua não é apenas e tão somente um código, mas um veículo propagador de costumes, pensamentos e valores, é reconhecido pelos órgãos governamentais imperialistas cuja natureza é definida eufemisticamente como elemento de difusão cultural pelo Conselho Britânico. Phillipson demonstra as reais finalidades deste Conselho ao citar uma das atas desta Instituição :

Saber inglês produzirá o desejo de ler livros ingleses, falar com britânicos e conhecer a vida britânica, ou alguns aspectos dela. Enfim, saber inglês é atualmente quase essencial para o estudo de alguns ramos da ciência e tecnologia bem como, é claro, para o estudo da Literatura Inglesa, História e Instituições Britânicas (apud Phillipson 1992:146)¹

O Conselho Britânico explicita que a aprendizagem da língua inglesa serve como “ponte” para ligar o aprendiz à comunidade britânica, ou melhor, à parte da comunidade britânica que o Conselho Britânico deseja ver conhecida pelo aprendiz, o que de certa

forma dava razão à desconfiança dos militantes de esquerda em relação aos companheiros que sabiam inglês. É, também, através do ensino de inglês britânico que se propagam produtos com estereótipos britânicos. Um exemplo claro é o reconhecimento mundial da excelência das universidades de Oxford e Cambridge. Outro exemplo é o reconhecimento mundial da polidez e pontualidade britânicas como sinais de civilização, embora esse mesmo Império tenha se notabilizado, durante o período colonial, pelos inúmeros piratas a serviço de sua majestade, e também pelas pilhagens, realizadas nas colônias africanas, americanas e asiáticas.

O mesmo padrão de divulgação se aplica a outros países de língua inglesa, ainda que os elementos de divulgação sejam outros, tais como: cinema, seriados de televisão (enlatados), músicas, e propagandas de turismo, como é o caso dos EUA. O autor do livro *How to Prepare for TOEFL*, (uma prova de conhecimento de língua e de aspectos culturais elaborada para alunos que pretendem estudar nos EUA), oferece um conjunto de orientações de ordem ideológica para a aquisição de vocabulário :

Leia o máximo possível de vários tipos de material escrito: ficção, não ficção, artigos científicos, jornais, poesia e letras de canções (às vezes impressas nas contracapas do disco), até mesmo inscrições das caixas de cereais e latas de sopa. Assista a colóquios, programas de T.V, ouça shows de rádio e conheça pessoas que falem bem inglês- esse conjunto [de atividades] pode ser uma fonte potencial de enriquecimento de vocabulário."
(Murphy 1987:235)

Fica evidente que uma visão puramente instrumental da língua inglesa exige muita inocência, uma vez que as finalidades "tecnológicas" de aprendizagem vêm atreladas à leitura de latas de sopa, encontradas somente em hipermercados ou lojas de artigos importados e consumidas por um público muito restrito no Brasil. É possível perceber o público alvo das atividades sugeridas para "aquisição" de vocabulário. São apelos ao consumo de produtos de língua inglesa, que não estão isentos, muito pelo contrário, da

ideologia da classe dominante e da estrutura social dos países de origem. Em última análise, trata-se de uma “chantagem” segundo a qual para aprender bem inglês é necessário adquirir novos hábitos e novos valores, ou seja, aculturar-se.

O professor Robert G. Wesson em seu livro, *A Nova Política Externa dos EUA*, publicado em 1977, também já declarava a necessidade de o governo americano apoiar ainda mais os centros de cultura no exterior, pois estes seriam importantes centros de fomentação de simpatia aos valores americanos. Lamenta que não haja uma estratégia oficial para esses centros que são dirigidos cooperativamente com líderes locais, cuja atividade é o ensino de língua inglesa. Para demonstrar a importância desses centros lembra o número de possíveis simpatizantes a serem conquistados *“Foi estimado que os centros atraem mais de 25 milhões de leitores por ano e têm um quarto de milhão de estudantes de inglês”* (Wesson 1977:138)

Há um convite para se aculturar como estrangeiro, ou pelo menos uma tentativa de angariar simpatia aos povos ou governo dos países falantes da língua ensinada, (seja americano, inglês, francês, alemão, etc). Isto pode ser percebido em livros de ensino de inglês produzidos na Inglaterra, os quais trarão informações sobre a família real, ônibus de dois andares, “pubs”, e talvez algumas informações sobre escritores famosos, como Shakespeare ou Dickens. Provavelmente, não haverá nenhuma informação ou ilustração sobre a ocupação britânica na Irlanda e a guerra civil no norte da Ilha, ou ainda, da colonização inglesa na Índia, (com a oposição pacifista de Mahatma Gandhi e os massacres daí decorrentes). No caso dos livros produzidos nos EUA, certamente haverá informações sobre *Mayflower*, o *Thanksgiving*, a marcha para a Califórnia, mas um silêncio sepulcral sobre as terras tomadas dos índios e a guerra contra o México em 1848, ou ainda sobre fatos mais recentes, como a existência de grupos como os *Panteras Negras* e outros que luta(va)m pelos direitos civis. Em muitos desses casos, o material didático era

subsidiado, por instituições governamentais, quando não distribuídos gratuitamente, uma vez que: “o comércio segue os livros” (Ninkovich, 1982 Apud Phillipson 1993: 156).

Na pior das hipóteses o fato de um estrangeiro aprender inglês fará dele um interlocutor: “*Aprender inglês não torna as pessoas automaticamente amigas da América, mas é conveniente para o Secretário de Estado poder comunicar-se diretamente com a maioria dos ministros de relações exteriores do mundo, (Wesson op cit. : 136)*”.

No caso de um militante do movimento sindical ou do movimento estudantil com simpatia e militância por partidos de esquerda há um fator de risco, a possibilidade de o militante deixar de depender das informações e das análises permitidas pelos Partidos, pois pode receber informações de outras fontes de informação em outra língua. O militante fluente em língua estrangeira se torna, então, alvo de desconfiança por estar aparentemente mais suscetível à influências externas

III

Além de fazer aqui algumas observações sobre a relação entre aprendizagem de inglês e a aculturação do aprendiz, acredito ser necessário discutir mais criteriosamente a influência norte-americana no Brasil durante os anos de formação de Henfil. A política de boa vizinhança da década de 40 visava atrair o Brasil para o círculo de países sob o domínio norte americano. Tal iniciativa foi seguida por outras, com o intuito de manter um intercâmbio artístico e cultural entre Brasil e EUA. Como exemplo há a ida de *Carmem Miranda* para os EUA e a “invasão” das histórias em quadrinhos e filmes americanos no Brasil. Houve uma grande aproximação entre os dois países na área cultural, com o Brasil predominantemente na posição de consumidor.

A produção cultural do Brasil era ainda muito pequena, se comparada ao poderio industrial e da sedução da cultura de massa norte-americana. Gerações brasileiras foram muito influenciadas pelos produtos culturais americanos. Tais gerações, posteriores à

aproximação EUA-Brasil, como a de Henfil, (nascido em 1944), cresceram vendo na TV ou no cinema a marcha para o Oeste (mas nada sobre bandeirantes), e índios Sioux, Cheyennes etc... (mas nunca índios Guaranis, Charruas etc). As cidades brasileiras não eram vistas na televisão, exceto em noticiários de acidentes, enchentes, incêndios ou catástrofes de qualquer natureza. Prioritariamente apareciam as cidades norte-americanas, Nova Iorque, Los Angeles, São Francisco, Chicago e, na maioria das vezes, com imagens positivas. Atualmente, pouca coisa mudou, apenas novelas com raras cenas fora de estúdios mostram uma pequena parcela de cidades brasileiras, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. A manutenção prolongada dessa situação tornou as gerações pós 44, de certa forma, alienadas à realidade do nosso país. O resultado dessa alienação pode ser percebido por fatores reveladores de baixa auto-estima. No conceito de beleza, por exemplo, é valorizado ser louro e ter olhos azuis. Critério “estranho” para um país com população na qual não predominam essas características. Há predominantemente um número significativo de pessoas de origem africana, ibérica e indígena, com um forte processo de miscigenação. Este predomínio denuncia um conceito de beleza diferente do qual é constituído a maioria da população, indicando a ausência de orgulho da própria origem. Indício este reforçado pelo irresistível apelo das palavras “produto importado”, pela aversão aos produtos fabricados no Brasil, pelo desprezo a grande parte dos filmes brasileiros, e pela facilidade com que é dita a frase: *“Este país não presta”*¹. Acredito ser necessária a discussão destes aspectos que influenciarão o sucesso ou fracasso da aprendizagem da língua inglesa.

A aceitação ou rejeição de uma língua estrangeira estará ligada à imagem elaborada a partir de sua potencialidade em agregar o aprendiz a um grupo e a segregá-lo de outro. O aprendiz de inglês, em minha análise, acabará por ver a língua como fator de agregação

¹ Com os comentários comuns de que são só “pornografia”. É verdade que a pornochanchada foi o gênero que mais produziu filmes durante a década de 70, porém o problema talvez fosse a presença de artistas brasileiros com “cara de povo”, com temáticas brasileiras, falando de problemas brasileiros.

aos EUA e à classe dominante brasileira, que a seu ver está sempre a serviço de uma potência estrangeira. Aprender a língua inglesa seria, como veremos adiante, um fator de segregação entre Henfil e o povo brasileiro, e também entre os seus companheiros de trabalho no *Pasquim*.

Nos casos de intelectuais e militantes de esquerda a relação segregação ou agregação, produzida pela aquisição de língua estrangeira, pode se polarizar, fazendo com que o aprendiz se sinta em posição dúbia, oscilando entre duas atitudes; a de não aprender a língua inglesa e ser considerado pelo grupo um nacionalista exemplar, sentindo-se, entretanto, um ignorante por não saber uma língua de difusão de ciência. A outra atitude possível era a de aprender inglês correndo o risco de ser considerado traidor, mas se sentindo satisfeito intelectualmente por dominar uma língua de ampla difusão, ainda que fosse identificada como língua de imperialistas. Como veremos no caso de Henfil, ele reconhece que por mais nacionalista e contrário aos costumes e modismos norte americanos, não consegue esconder, nem de si mesmo, a inveja que sente dos brasileiros falantes de inglês. Este sentimento pendular torna o aprendiz uma arena onde lutam nacionalismo e sentimento de inferioridade, contra a necessidade do conhecimento de uma língua identificada com um país opressor da população brasileira e dos povos sul-americanos. A luta será tão violenta quanto equilibrados forem os sentimentos em relação à língua e a necessidade de aprendizagem.

Henfil é um excelente exemplar do dilema que assalta um esquerdista ao tentar aprender inglês. “*Estarei sendo um traidor?*” “*Estou apenas e tão somente aprendendo (desenvolvendo), uma nova habilidade?*” Estas perguntas são recorrentes e ecoam pelas páginas do “Diário de Um Cucaracha”. Se Henfil fosse uma pessoa sem qualquer compromisso com sua nacionalidade, não veria perigo algum na aprendizagem do inglês, podendo se dedicar ao seu estudo sem complexo de culpa. Henfil é, porém, um indivíduo

muito afeito às questões nacionalistas, como é possível perceber pelos personagens Zeferino, Graúna e Bode Orelana, os quais discutem humorística e didaticamente esta questão. Nestas discussões, prevalece a idéia de que é necessário ser nacionalista, da mesma forma que Henfil se posicionava dentro do cenário político-artístico brasileiro da época, (1973), principalmente na insistência ao denunciar, em seus quadrinhos, a desnacionalização do Brasil. Um exemplo é a explicação da personagem Graúna à “etimologia” da palavra importante: “*É importante porque vem do estrangeiro(sic)!! É importado é importante ! A importância é importada*”(Henfil 1977:03). Por esta razão, (o compromisso com nacionalismo), é provável que Henfil tenha visto na aprendizagem do inglês um risco extremado a seu nacionalismo. A atitude a ser tomada neste caso, seria a de rejeitar *in limine* esta língua com a certeza de ter realizado um ato heróico de resistência ao imperialismo (ou invasor). Henfil tinha várias razões para repudiar tudo o que fosse americano. Politicamente havia o fato de Henfil ser socialista, além disso seu irmão, Herbert de Souza, o Betinho, e muitos amigos igualmente militantes estavam exilados por causa do golpe de Estado de 1964, incentivado e patrocinado pelo governo americano. No âmbito econômico, várias empresas multinacionais, americanas principalmente, exploravam predatoriamente os recursos humanos e naturais brasileiros. Henfil era prejudicado profissionalmente, porque nos jornais em que trabalhava havia censura, e por causa deste cerceamento de liberdade de expressão não podia informar adequadamente o povo das mazelas políticas e econômicas do governo brasileiro.

Esta revolta, (contra os EUA e sua imagem de interventor na política e economia brasileiras), era contraposta pela imagem da língua inglesa que dava (ou ainda dá) ao brasileiro falante de inglês uma aura de intelectualidade. É preciso lembrar que o paradigma de homem inteligente no Brasil ainda é Rui Barbosa, famoso pela loquacidade e pela habilidade em falar línguas. Henfil explicita várias vezes a inveja que sente desses

brasileiros, por isto, buscará o subterfúgio de um tratamento de saúde nos EUA a fim de poder aprender inglês sem sofrer acusação de desvio ideológico.

A possibilidade de comprometimento ideológico ficará evidenciada pelas cartas que Henfil enviou de Nova Iorque transmitindo mensagens defensivas para tranquilizar os companheiros do Brasil. Seria possível perceber que Henfil estava dividido entre o sentimento adverso aos EUA, por tudo o que este país representava política e economicamente e a imagem glamourosa deste mesmo país veiculada pelo cinema e pela televisão. Henfil não conseguia se desvencilhar dessa imagem glamourosa, resultante da situação ideológica vivida por sua geração. Henfil era originário de uma família católica praticante, fervorosa e numerosa, de uma classe social costumeiramente denominada de média. Na verdade era financeiramente pobre, porém os pais eram alfabetizados e com boas relações políticas que asseguraram um cargo público ao pai de Henfil, e garantiram um nível de vida razoável à família. Por esta razão ele teve a oportunidade de estudar em bons colégios estaduais, adquirindo na igreja e escola pontos de vista ideológicos e valores que (são) eram de outra classe social. Neste caso uma classe costumeiramente chamada de pequena burguesia que é assalariada, embora não se identifique com a classe assalariada, o proletariado, e obviamente não tem o padrão de vida da burguesia, os proprietários de fábricas, bancos e imóveis, mas é com os valores desta classe que a pequena burguesia se identifica defende e se orienta. O valor que serve como aglutinador destas classes é a idéia de que o trabalho enobrece o homem, que todos têm as mesmas oportunidades na vida, e que a riqueza é fruto de muito trabalho e privação de prazeres através de poupança. O domínio da ideologia burguesa nos Aparelhos Ideológicos do Estado, (escola), é ~~hegemônico~~ hegemônico, embora não seja o único, visto que há outras ideologias veiculadas pelos discursos de alguns professores. Muito provavelmente Henfil tenha sido influenciado por estes discursos contraditórios aos oficiais veiculados pela Instituição. O mesmo processo

pode ter ocorrido com sua experiência em relação à Igreja Católica que comunga dos valores burgueses, embora muitos padres, como (era o caso de) alguns Dominicanos de Belo Horizonte, tivessem e divulgassem outro ponto de vista, diferente do Oficial. Henfil teve portanto uma educação que lhe permitiu perceber algumas contradições da ideologia burguesa, ainda que esta ideologia o influenciasse majoritariamente². Por compartilhar de alguns aspectos da idéia da classe dominante, que passou a ser a idéia de todos, Henfil se vê diminuído por não saber inglês, mas não pode verbalizar esse sentimento para seus companheiros do Pasquim, pois provavelmente esta atitude seria considerada falta de patriotismo, além de fraqueza ideológica.

Outra razão para ver em Henfil um bom objeto de estudo está no fato de ele ter se colocado frente a uma situação de risco. Ao alegar a busca por um eventual tratamento de saúde no exterior, Henfil encontra uma boa causa a ser alegada em sua defesa, uma vez que sem uma excelente justificativa a viagem poderia ser interpretada pelos seus companheiros e, por ele próprio, como uma traição. A atitude de viajar ao exterior sem ter uma boa causa, como a saúde, seria considerada uma infidelidade ideológica, agravada por ter como destino um país considerado hostil pelos companheiros e pelo próprio Henfil.

Por ter optado pela militância no jornalismo e pela ideologia de esquerda, Henfil tem que compartilhar com os companheiros uma série de pontos de vista comuns ao grupo. Uma vez feita a opção ideológica, há obrigatoriedade de se defender as idéias e valores dessa ideologia, abrindo mão da possibilidade de fazer concessões aos valores e idéias de outras ideologias, primeiro por razões de consciência e segundo, por causa da vigilância dos demais companheiros. Nessa perspectiva, a possibilidade de mudar de opinião ou conceito só é permitida durante a infância ou adolescência, uma vez adulto, a possibilidade de mudança é vedada, sendo considerada, caso ocorra, uma traição.

² Chauí (1980:92) conceitua ideologia como “o processo pelo qual as idéias da classe dominante se tornam as idéias de todas as classes sociais, se tornam idéias dominantes”

IV

Para realização deste trabalho, preteri o método quantitativo ou “survey”, porque teria de montar um questionário a respeito do tema: -língua inglesa e militantes de esquerda. Teria então, uma amostragem, que provavelmente me levaria a resultados pouco satisfatórios, devido à metodologia que oculta as diferenças e que busca, essencialmente, um resultado médio.³

Com este método de pesquisa, chegaria com certeza a resultados do tipo: x por cento de militantes do partido A não quiseram aprender inglês e x - n por cento quiseram. Destes x-n-z não conseguiram estudar mais do que seis meses, e apenas x-n-y conseguiram fluência em fala, leitura e escrita. Comentaria os dados e chegaria à conclusão, muito provavelmente, de que a grande maioria dos militantes e simpatizantes de partidos de esquerda não conseguem aprender inglês. Argumentaria, possivelmente, dizendo que a aversão dos militantes em relação aos EUA seria o fator impeditivo da aprendizagem. Com um pouco mais de esforço “descobriria a pólvora”.

Precisava, portanto, de uma metodologia que me permitisse o uso de um número menor de informantes e de observação continuada do processo de aprendizagem. Pelas razões já abordadas, optei pelo estudo de caso por ter em mãos dados, que me levam a crer, é um *caso único, singular*, mas que é ao mesmo tempo ilustrativo de um grupo determinado de pessoas. Conforme aconselham Lüdke e André (1989: 17) “*quando queremos estudar algo singular, que tenha valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso*”.

Ao optar por olhar “uma árvore” em vez da “floresta”, levei em conta o aspecto da singularidade e sua ligação com o universal, assim conceituado por Lukács (1970:101).

³ *Eles não oferecem a possibilidade de penetração além dessa fotografia instantânea e tampouco permitem uma averiguação das diferenças que grupos e indivíduos necessariamente apresentam dentro de conjuntos maiores. Ao contrário procuram obter um resultado médio, que reúna (e anule) as diferenças por ventura existentes, (Lüdke e André 1989: 6).*

O singular não existe senão em sua relação com o universal. O universal só existe no singular através do singular. Todo singular é particular ou aspecto ou essência do singular. Todo universal abarca apenas de modo aproximado todos os objetos singulares. Todo singular está ligado por meio de milhares de transições aos singulares de outro gênero (objetos, fenômenos, processos, etc)

Desta forma é possível afirmar que Henfil foi, de certa forma, porta-voz de sua geração. Assim, sua angústia e incertezas, expressas nas páginas de “*Diário de Um Cucaracha*”, eram também as mesmas de sua geração, uma vez que é impossível pensar o indivíduo alheio ao seu tempo e à sociedade. O indivíduo é um exemplar e reflexo da sociedade e sua época, Lukács retoma Marx para lembrar que não se deve abstrair a sociedade em face do indivíduo:

O indivíduo é um ente social. A sua manifestação de vida-mesmo que não apareça na forma direta de uma forma de uma manifestação de vida comum, realizada ao mesmo tempo com outros- é portanto, uma manifestação e uma afirmação de vida social. A vida individual e a vida genérica do homem, não são distintas, ainda que- necessariamente- o modo de existência da vida individual seja um modo mais particular ou mais geral de vida genérica, e a vida genérica seja uma mais particular ou mais geral da vida individual. (Marx apud Lukács op cit : 86)

Por este motivo, fiz a opção pelo estudo de caso, uma vez que os dados que mais me interessam estão circunscritos ao livro “*Diário de um Cucaracha*”. Ao perceber no processo de aquisição de inglês por Henfil uma série de questões, a meu ver pouco discutidas, resolvi estudá-lo levando em conta fatores de ordem político-ideológico e social que interferem na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Procurando nos dados presentes nas cartas, o *processo de aprendizagem da língua inglesa* e principalmente procuro responder as seguintes perguntas:

- Por que Henfil se sentia impelido a aprender inglês?

- Por que apresentava tanta resistência à aprendizagem desta língua?
- E, finalmente, em que momento e em decorrência de quais fatores a resistência é minada e por fim quebrada?

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA DA TRANSFORMAÇÃO DE HENRIQUINHO EM HENFIL

Ao analisar o processo de aprendizagem de Henfil procurei estabelecer relações entre as crenças de sua geração e o significado de se saber uma língua estrangeira no Brasil. Henfil, antes de ser o famoso cartunista e militante, ou simpatizante das ideologias esquerdistas, era apenas o Henriquinho.

Henriquinho passou por uma experiência muito comum entre os brasileiros durante as décadas de 40 e 50, a mudança do interior para a capital, de um ambiente quase rural para urbano. Henfil é um exemplar da geração que nasceu nos meados da década de 40 e que viu, participou e sofreu com as profundas transformações político-sócio-econômicas do Brasil, durante as décadas de 40 a 70.

A industrialização, provocada pela Segunda Guerra Mundial no Brasil causou a mudança da concentração da população do campo para a cidade. É verdade que se tratava de uma industrialização de substituição de importação, ou que visava suprir as necessidades dos países em conflito. Esta incipiente industrialização começou a transformar o Brasil, de país com economia baseada na produção de produtos agrícolas de exportação, café e açúcar, para um país razoavelmente industrializado. Em consequência desta transformação, houve um forte êxodo rural que viria a fortalecer duas recentes classes sociais: o proletariado e a classe média constituída de funcionários públicos, e funcionários do comércio. Estas classes passaram a influenciar decisivamente nos rumos da política brasileira. A partir dessas classes sociais surgiram diversos sindicatos e partidos políticos que desempenhariam importantes papéis na política. O principal partido recriado foi o Partido Comunista do Brasil que conseguiria unificar grande parte da massa

trabalhadora, tanto a operária quanto a de trabalhadores do setor terciário. O Partido seguia a linha doutrinária de Moscou e serviria de inspiração e de direcionamento político para a juventude, que via na vitória da URSS contra a Alemanha e na pujança da economia pós guerra, provas incontestáveis da viabilidade do comunismo como regime político e econômico a ser implantado no Brasil.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial o mundo passou a viver uma fase de beligerância indireta entre os dois maiores vitoriosos, EUA e URSS, a chamada Guerra Fria. Esta fase dividiu o mundo em dois blocos: os países com economia planificada, alinhados com a URSS, e países com economia de mercado e alinhados aos EUA. A forte propaganda ideológica ocidental procurava fixar os nomes de “Cortina de Ferro” para classificar os países comunistas, e “Mundo Livre” para se referir aos países capitalistas.

Embora o mundo estivesse dividido entre esses dois blocos, a presença dos países periféricos, que viriam a ser chamados de 3º mundo, em um desses blocos não era definitiva, havia um forte embate entre as ideologias, principalmente nos países da América Latina que procuravam um modelo de desenvolvimento autônomo, sem a interferência do “Grande Irmão do Norte”, e os países da África e da Ásia, que lutavam pela libertação da condição de colônias das metrópoles européias.

O Brasil esteve a maior parte de sua história alinhado com os EUA, porém em determinados momentos o sentimento popular se voltaria contra os EUA, fazendo com que este apoio ficasse “na corda bamba”. O Brasil havia lutado ao lado dos EUA na Itália contra a Alemanha, embora houvesse uma rivalidade, ou pelo menos uma certa antipatia dos soldados brasileiros em relação aos EUA, conforme observou Schnaidermann (1985:79, 80), ao relatar a recusa dos pracinhas brasileiros em cantar o hino americano⁴.

⁴ Soube-se que o general Mark Clark vai passar em revista os brasileiros. Em consequência, realizaram-se marchas e passou a haver diariamente ensaio geral.... Recebemos uns papezinhos datilografados, com o texto de “Deus salve a América” em português.

Por ocasião do primeiro ensaio geral, recomendou-se a cada um que trouxesse seu papelzinho....O general comandou: “Sexto Regimento!” O sargento ergueu a batuta, mas nenhuma voz se ergueu. Os soldados

Havia uma forte propaganda americana que atuava em diversas frentes: através das agências de notícia UPI, (United Press International) e API, (Associated Press International) que selecionavam as notícias favoráveis aos EUA, tanto a respeito do desenrolar dos combates quanto após o conflito, por intermédio de redes jornalísticas que apoiavam as diretrizes norte americanas, como o repórter Esso da Rádio Globo. Através do cinema ocorreu uma influência, muito forte, a ponto de os filmes serem tomados como referência da realidade norte americana. Estes filmes, apresentados no fora dos EUA, eram selecionados a fim de exportar uma idéia de que os EUA eram uma civilização modelar. Para realizar tal intento eram vetados filmes “*que pusessem em ridículo ou questionassem qualquer instituição americana*” (Moura 1984:36). Tal censura a filmes que não se encaixavam no perfil desejado pelo Birô não ocorria por mero acaso, mas porque a ingenuidade do espectador o faz acreditar que a imagem é a extensão da realidade, como aponta Espinal (1976: 11), no livro *Literatura da Imagem*. “*No cinema nos é dada a percepção já feita, porque confundimos a imagem da tela com a imagem da percepção. E assim, resumindo chegamos a considerar a imagem cinematográfica como se fosse o conhecimento da realidade*”

O poder de persuasão destes filmes era realmente muito forte, como o próprio Henfil viria a atestar ao responder uma carta de uma leitora. Ela ficou comovida ao saber dos problemas de Henfil ao procurar um tratamento adequado de hemofilia nos EUA:

Se comova, Maria, mas com a ingenuidade dessa esperança. Com a ingenuidade minha em acreditar que estava numa sociedade cheia de oportunidades. E eu não tinha o direito de ter esta ingenuidade. Por quê? Porque eu já tinha todos os dados sobre o que é falso na

recusavam-se a entoar aquela canção em louvor à América, evidentemente a América do Norte e não a do Sul. O general bateu os pés: “Canta, Sexto Regimento!” Mas a tropa continuava muda. O general parecia em vias de explodir, o seu rosto ficou roxo, congestionado. “Canta, canta, Sexto Regimento!” Finalmente, umas poucas vozes desafinadas e de má vontade obedeceram o comando. “Segundo de Artilharia!” Nós, isto é, alguns oficiais, uns escassos estudantes da Bateria Comando e pouquíssimos soldados das baterias de tiro, ficamos esgoelando-nos, procurando cobrir o silêncio geral da tropa. “Isso! Canta, escravo!”- gritou alguém atrás de mim, deixando-me com as orelhas em fogo. (Schnaidermann, *Guerra em Surdina*, 1985: 79, 80)

maravilhosa sociedade construída pelo capitalismo. E apesar de ter esses dados eu fui me deixar levar simploriamente pela propaganda colonialista. O que mostra que o fato de conhecer a teoria não impede você de cair nos truques que nos vendem dia a dia pela televisão, jornais, filmes e livros. (Henfil 1977:45)

Henfil “cairia no truque vendido pelos jornais, filmes e livros” porque a teoria, que viria a aprender mais tarde, através de sua militância na J.E.C (Juventude Estudantil Católica), no movimento estudantil, na leitura de textos socialistas, (marxistas), ou nas conversas com os companheiros era assimilado de modo consciente. Esse aprendizado ideológico consciente, de forma alguma, apagaria sua experiência de ter assistido a filmes e lido histórias em quadrinhos (Hqs), quando era apenas o Henriquinho, e ter desejado, ainda que inconscientemente, ser como os heróis americanos, ou de viver em um país como aquele que havia visto nas telas ou nas páginas das HQs. As HQs que influenciariam Henfil mostravam a opulência, o progresso americano, além do poder bélico dos EUA; a ponto de o *ministro da propaganda de Hitler, Goebbels acusar, em sessão do Reichstag, Superman de judeu. Em 1941 foi criado um novo herói para combater o Eixo, Capitão América (Gubern: 1979: 31, 32)*, além destes super heróis, vieram personagens como Pato Donald que influenciaria as novas gerações no desejo de estabelecimento de um modo de vida americano no Brasil. Embora todo esse esforço coordenado pelas “missões de boa vontade” do “Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs”, mais conhecido como Birô, fosse maço e eficiente, a ponto de levar o ministro Osvaldo Aranha a ironizar a respeito das inúmeras missões de boa vontade no Brasil, “mais uma missão de boa vontade e declaramos guerra aos EUA” (Aranha apud Moura op. cit: 49) nada poderia esconder a façanha dos combatentes de Stalingrado. A censura estabelecida pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do Estado Novo tentava em, vão, esconder a resistência e a posterior vitória dos combatentes de Stalingrado que com poucos recursos, e combatendo um exército poderoso, conseguiram com enormes sacrifícios vencer o

exército alemão. Esse feito militar e político de Stalingrado era propagado pelos comunistas brasileiros, pois representava não só a vitória da população de uma cidade sobre um exército mas a vitória de um sistema econômico-social, o comunismo, sobre outro, o nazismo. Esse fato heróico influenciaria igualmente os jovens da geração posterior, talvez não com a mesma intensidade que o cinema americano, porém serviria para criar uma divisão nos “corações e mentes” dos jovens. Havia uma forte simpatia por parte dos intelectuais e de grande parte do proletariado influenciado pelo PCB à União Soviética que conseguira vencer os nazistas de forma incontestável e cuja economia parecia dar mostras de vitalidade e força, tornando-se por esta razão um modelo para o desenvolvimento brasileiro.

Em meio ao povo havia uma forte divisão entre os simpatizantes dos EUA, logo do capitalismo e da URSS, logo do comunismo. Na primeira eleição do pós guerra foi eleito o marechal Eurico Gaspar Dutra. Neste governo havia uma compatibilidade total com os EUA e suas diretrizes, porque Dutra seguia a cartilha liberal na economia, abrindo o mercado brasileiro para produtos estrangeiros, sem que houvesse qualquer exigência de reciprocidade, assim foram gastas as reservas, adquiridas durante a guerra, com a importação de produtos supérfluos. Embora liberal na economia, a política do governo Dutra era intolerante, a ponto de procurar uma lacuna na legislação para colocar o PCB na ilegalidade. O crescimento “assustador” do PCB punha em “perigo” a hegemonia dos partidos tradicionais UDN (União Democrática Nacional), PSD (Partido Social Democrático) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), tornando-se, portanto, um incômodo adversário a ser retirado do “jogo democrático”. No dia 7 de maio de 1947 o Tribunal Superior Eleitoral por, 3 votos a 2, extinguiu o Partido Comunista do Brasil, cassando o mandato de todos os eleitos por esse partido. O ministro Rocha Lagoa, deu a seguinte justificativa para seu voto pela extinção:

Não concordo com a afirmativa do Sr. Prestes de que os comunistas brasileiros combateriam qualquer governo que entrasse em conflito com a União Soviética. São essas idéias terríveis que pretendo evitar, (Correio Popular, 11 de maio de 1997, edição comemorativa dos 50 anos).

Estava aberta a temporada de caça aos comunistas e a seus simpatizantes, pois no mesmo dia o presidente Dutra assinava decreto suspendendo o funcionamento da Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil e das uniões sindicais, além de perseguir e demitir os funcionários públicos comunistas, ou simpatizantes e cortar relações diplomáticas e comerciais com a URSS.

Ante a menor possibilidade de o Brasil vir a ser dirigido por comunistas ou seus simpatizantes, o governo Dutra tratou de eliminar essa possibilidade sinalizando que o Brasil estaria automaticamente alinhado aos EUA. Esse alinhamento explicitava a subserviência do governo Dutra em relação aos EUA. Um fato serve de ilustração: Durante a visita do general Eisenhower ao Brasil o líder da UDN, Otávio Mangabeira beijou-lhe a mão, causando constrangimento no meio político e indignação entre a população.

Essa política de alinhamento automático sofreria dois reveses, a eleição de Getúlio Vargas em 1950 e um movimento que dividiria o país de modo inequívoco. O movimento do “O Petróleo é Nosso.”

Esse movimento separou o país em duas partes os “entreguistas” e “nacionalistas”. A ala dos entreguistas era formada por todos aqueles que acreditavam na possibilidade de o Brasil se desenvolver seguindo as regras ortodoxas da cartilha liberal. Seus defensores eram os economistas da velha guarda liderados por Eugênio Gudin, e seus veículos de propagação eram, O Globo da família Marinho e a rede jornalística de os Diários Associados, de Assis Chateaubriand.

O grupo nacionalista, que via no monopólio nacional do petróleo a única forma de desenvolvimento para o Brasil, era formada por uma ampla frente que abrigava militares, comunistas e estudantes que conseguiu, com grandes esforços, tornar vitoriosas suas idéias e fazer com que o governo Vargas promulgasse o monopólio do petróleo e a criação da Petrobrás. Para que esses intentos fossem realizados mobilizou-se, de forma raramente vista, a opinião pública. Discutia-se a questão petróleo em todos os âmbitos, desde as universidades até em botequins, como se discutia futebol, de maneira apaixonada.

A luta pelo monopólio foi tão apaixonada que constou inclusive da carta testamento deixada por Getúlio Vargas:

A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás; mal esta começa a funcionar, a onda da agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculizada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre, não querem que o povo seja independente (Vargas apud Ribeiro 1985:143)

O suicídio de Getúlio propiciou um clima de comoção nacional, canalizado para ataques à instituições, como o IBAD, (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), e às embaixadas norte americanas, além de jornais e partidos de oposição, como por exemplo o Diários Associados, O Globo e a sede da UDN. Estas instituições foram reconhecidas como sujeitos das ações denunciadas na carta de Getúlio. Essa carta e as reações populares ressaltaram o malefício da presença ianque no Brasil. Esses atritos não seriam encerrados após esse episódio, pelo contrário, seriam cada vez mais acentuados. O grande vilão desse período foi a Standard Oil e as companhias petrolíferas americanas que passaram a ser execradas pela população, da mesma forma que qualquer coisa que lembrasse os EUA e seus interesses no Brasil. A reação contra os interesses americanos era muito forte, principalmente entre os jovens, a ponto de muitas e muitas bandeiras americanas serem queimadas em toda e qualquer manifestação, não importando o motivo

da manifestação, a imagem da bandeira americana se tornara uma espécie de “judas no sábado de aleluia”.

Como fruto deste processo de estreitamento de relações nos períodos pré movimento “O Petróleo é Nosso” e no período de distanciamento pós movimento muitos livros foram escritos a fim de se tentar responder uma pergunta fundamental que atormenta aos brasileiros ainda hoje. Por que os EUA são um país rico e poderoso e nós somos um país pobre?

As respostas a esta pergunta variavam: origem predominantemente Anglo-Saxônica dos americanos contra a origem miscigenada dos brasileiros, a questão religiosa: (o protestantismo economicamente eficiente, contra o catolicismo anacrônico). Além destas explicações somavam-se outras: a questão geográfica desfavorecendo a colonização do interior do Brasil por causa das altas montanhas próximas ao litoral, ao contrário do território dos EUA que não apresenta esta característica. Os recursos naturais interfeririam igualmente a favor dos EUA com minas de carvão próximas a jazidas de ferro contribuindo para a industrialização, ao contrário do Brasil carente de carvão, o que contribuiria para o atraso da industrialização. A questão histórica também é lembrada para justificar esta disparidade entre o progresso americano e atraso brasileiro: os EUA por serem uma colônia de povoação e o Brasil uma colônia de exploração, além do fato de os EUA terem conquistado a independência 46 anos antes do Brasil. Uma piada famosa mostra como a tentativa de explicação do atraso do Brasil é popular. Nesta piada um anjo reclamaria com Deus da injustiça da distribuição de maravilhas da natureza entre os países. Esta distribuição, segundo o anjo, estaria sendo muito favorável ao Brasil. Deus explicaria, das seguintes formas, o critério da distribuição. Há duas versões de resposta: “Agora você vai ver o povinho que eu vou colocar aí. A outra versão é: “Agora você vai ver o governinho que eu vou colocar aí”.

Para os nacionalistas, a causa do atraso estaria mais próxima da segunda versão. O jornalista Mauro Almeida um representante do nacionalismo, passou dois anos nos EUA e escreveu um livro, cujo título, “Civilização Empacotada”, demonstra a antipatia dos nacionalistas em relação aos EUA, justificando da seguinte forma a publicação do livro:

Acredito que quanto mais soubermos a respeito das verdadeiras dimensões dos Estados Unidos, mais cedo poderemos nos libertar econômica e politicamente de sua chancela, que existe pela desvirilidade e suborno dos nossos homens públicos, (Almeida 1961:10).

Concomitante a esta aproximação e atrito com os EUA, houve um outro fato que direcionaria os membros da família Souza ao engajamento político. No início da década de 50, chegavam a Belo Horizonte jovens religiosos da Ordem dos Dominicanos visando ampliar a evangelização e despertar vocações religiosas. Estes dominicanos eram intelectuais que procuravam propagar a fé católica a partir de textos de esquerdistas não marxistas. A Ação Católica, nome do movimento de evangelização influenciou grande parte da juventude belo-horizontina. A partir dos princípios da Ação Católica “Ver-Julgar- Agir” foram formados vários grupos católicos que atuavam na sociedade a fim de tentar transformá-la: JEC (Juventude Estudantil Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), JOC (Juventude Operária Católica), JIC (Juventude Independente Católica).

Herbert de Souza, o Betinho, irmão mais velho do Henriquinho, era um líder na militância da JEC e aos 21 anos já havia publicado um ensaio, com o título de “Capitalismo e Miséria”, na revista francesa “Témoignage Chrétien”. Betinho se tornaria uma espécie de herói para Henfil. A imagem de herói se configurou a partir da paciente determinação do “mano velho”, na luta contra a tuberculose que o deixou confinado por três anos em um quarto dos fundos da casa. Henfil procurava seguir os passos de Betinho, assistindo clandestinamente às reuniões da JEC, embora ainda fosse prematuro para assisti-

las. Vários intelectuais surgiram a partir deste movimento, além de Henfil um outro jovem igualmente prematuro para participar da JEC assistia às reuniões, Carlos Alberto Libânio Christo, frei Betto. Ambos eram chamados de pejorativamente de “pré JEC”. As atividades desses jovens consistiam em ler textos de Lebrete e Mounier e participar de movimentos que visavam a melhoria da vida dos cidadãos, como por exemplo, a expansão do ensino público e gratuito e pelos direitos de cidadania. Além de ser “pré JEC”, Henfil também seguia o irmão nas exibições de cinema do CEC, (Centro de Estudos Cinematográficos). Para que o irmão pudesse assistir aos filmes de graça Betinho arrumou um cargo no cine-clube para Henfil, verificar se os espectadores eram realmente sócios. Assim Henfil podia assistir aos filmes do cine-clube e participar, ainda que apenas como espectador, das discussões posteriores aos filmes. Henfil era, assim, cada vez mais influenciado tanto pelo cinema americano, quanto pelos jovens que viam nos EUA o principal entrave para o progresso do Brasil.

Em 1961 com a crise da renúncia de Jânio Quadros e com o veto dos militares à posse do vice João Goulart, Betinho, que já era militante em tempo integral, participaria do movimento pela legalidade, a fim de garantir a posse do vice-presidente legitimamente eleito. Henfil seguia os passos do irmão militando no movimento estudantil, embora não fosse um intelectual típico. Sua atividade se restringia a desenhar cartazes para as chapas que concorriam aos DA (Diretórios Acadêmicos) da Faculdade de Ciências Econômicas, ilustrar jornais e folhetos dos estudantes, além de participar da UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas). As idéias de Henfil eram flagrantemente influenciadas pelas diretrizes da JEC, como é possível perceber na entrevista ao jornal Última Hora ao afirmar que as palestras da Umes visavam: *“politizar a classe estudantil que desconhece seu valor histórico e não pode se limitar apenas a estudar; tem que se sacrificar para que a próxima geração possa progredir como nos países desenvolvidos”* (apud Moraes 96: 47).

Em 1962, Henriquinho, se tornaria o Henfil. O batismo se deu na revista Alterosa onde Henriquinho fora trabalhar por indicação de Betinho. Roberto Drummond, editor da revista, precisava de um cartunista e viu em Henriquinho um potencial enorme. Drummond perguntou-lhe pelo nome completo. Henriquinho respondeu: Henrique de Souza Filho. Drummond, então o batizou de Henfil. Henriquinho não gostou nada do nome alegando que a família não aprovaria o nome. Recebeu a seguinte explicação do porquê do novo nome:

Esqueça sua família. Sabe o que vai acontecer? Vamos gerar uma controvérsia, e isso é ótimo para um cartunista. Muita gente vai ficar sem saber se você é brasileiro ou não. Uns vão chamá-lo de Anfiu, como se fosse francês. Outros o chamarão de Rênfil, como se fosse inglês. No Brasil é sempre bom parecer estrangeiro, (Moraes op cit: 53).

Henriquinho, havia sido aprovado no vestibular para o curso de Sociologia, mas o abandonaria seis meses depois para desenhar cartuns para os jornais. Em 1964 um acontecimento inesperado mudaria o país, pra pior.

Um golpe de Estado engendrado nos quartéis derruba o presidente João Goulart e faz o país retroagir política e socialmente. Vários políticos e intelectuais seriam exilados por conta desse golpe, transformando o país numa “ilha caribenha”, como disse Darcy Ribeiro, ou numa “república da Banana” em que as liberdades civis seriam cassadas, os direitos humanos mais elementares abolidos e a liberdade de imprensa suspensa. O país passou a ser dirigido por militares e tecnocratas que viam o país como um quartel ou uma senzala em que qualquer sinal de oposição à vontade do governo era vista como sublevação contra o país ou a nação.

Em suas charges Henfil demonstrava sua aversão aos americanos, que patrocinavam o golpe no Brasil, e os bombardeios contra aldeias civis no Vietnã, criticava, igualmente, ainda que cautelosamente, dada a virulência dos militares que haviam

usurpado o poder em 1964 e exilado seu irmão, perseguiram seus amigos e levavam o Brasil por um caminho que muitos, como Henfil, consideravam o caminho da desnacionalização do país e de sua economia. Na época do golpe muitos denunciavam a participação americana na derrubada do governo alegando ter sido este o principal motivo de o presidente João Goulart não ter resistido, pois teria preferido evitar um banho de sangue. Mais tarde ficaria provado que havia realmente um esquema de auxílio aos golpistas Wesson (op. cit: 308), aponta esta atitude como erro da política exterior dos EUA:

Com medo de violência e revolução, a tendência dos EUA tem sido para ficar com as elites e, ao apoiá-las tornaram-nas menos receptivas aos anseios de suas próprias populações, como ocorreu mais notoriamente no Vietnã, mas também, em certa medida, em muitos outros países, da Grécia dos coronéis à Espanha semifacista e às ditaduras militares latino-americanas.

A imagem dos EUA se deteriorava cada vez mais, principalmente perante os jovens que viviam a expectativa de viver em um país com um governo mais independente e mais próximo do povo como prometera João Goulart

A posição intervencionista dos EUA ficava evidenciada nas piadas a respeito do novo governo que usurpava o poder. Uma delas era um slogan que pedia o empossamento do embaixador dos EUA na presidência do Brasil: “Basta de intermediários, Lincoln Gordon pra presidente”. Nesta mesma linha de espírito cômico, Carlos Heitor Cony escreveu uma crônica que anunciava o AI (Ato Institucional) 2, que mudaria o nome da República de Estados Unidos do Brasil para Brasil dos Estados Unidos. Identificando os “entreguistas” a população dizia jocosamente que o embaixador do Brasil nos EUA, Roberto Campos, (que mais tarde viria a ser impopularmente chamado de Bob Fields), seria nomeado embaixador dos EUA no Brasil, tal seu entusiasmo em defender os

interesses norte americanos no Brasil. Essa imagem de intervencionista seria confirmada por ninguém mais que o grande filósofo Sir Bertrand Russel

Os EUA, hoje em dia, são uma força que mantém o sofrimento, a reação e as contra-revoluções por todo o mundo. Em todos os lugares em que o povo está faminto e explorado, em todos os lugares em que há oprimidos e humilhados, os agentes destes males existem com apoio e aprovação dos EUA. Quer se trate de um Mobutu no Congo, ou um Branco no Brasil, (...) as armas com que se subjuga o povo trazem a marca de sua origem americana, (Russel 1967: 140).

A partir de então, a juventude que se preparava para participar mais ativamente da vida política no intuito de mudar a realidade do país, através dos meios legais, viu-se surpreendida e decepcionada. Com Henfil não foi diferente porque estava emocionalmente envolvido por causa de seu irmão Betinho, que foi obrigado a entrar na clandestinidade por ser procurado pela polícia por causa de suas atividades políticas “subversivas” e a irmã Zilah que era igualmente perseguida por ser identificada como “elemento subversivo”. A palavra subversivo significava, na época, qualquer atividade, ou atitude que os militares detentores do poder achassem “atentatória aos valores ocidentais e cristãos”, o que quer que isso significasse.

1.1 - Henfil no Rio de Janeiro

No segundo semestre de 1967, Henfil vai para o Rio de Janeiro a convite de Joffre Rodrigues para trabalhar no *Jornal dos Sports* e no jornal literário *Sol*. Lá encontra um efervescente ambiente tanto político como cultural.

Embora os militares já estivessem no poder desde 1964, ainda havia uma intensa movimentação política. O ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda, um dos apoiadores do golpe, tentava a formação do que viria a ser chamada de Frente Ampla, uma

frente que contaria com a presença de políticos e lideranças cassados pelo Ato Institucional 1 de 1964, o ex-governador do Rio Grande do Sul Leonel Brizola, o presidente deposto, João Goulart, o ex-presidente renunciante Jânio Quadros e o governador pernambucano deposto, Miguel Arraes. Havia muita especulação em torno da anistia e do retorno dos exilados pelo AI-1, e a normalização da vida política e institucional. O debate político estava em alta entre os jovens brasileiros, mas já existia um sinal de que a contra cultura despontava no horizonte.

O movimento de contra cultura, importado dos EUA, chegou ao Brasil desvirtuado, como um movimento que preconizava o sexo livre, o uso de drogas e o culto ao corpo, ou seja um movimento que supervalorizava o indivíduo em detrimento do coletivo. No movimento estudantil brasileiro a questão coletiva da política ainda era predominante, como pode ser percebido por algumas atitudes e comportamentos como passeatas, palestras, panfletagens e pichações, nas universidades, através dos D.As e nos colégios através das UMES. A grande dúvida entre os estudantes era a mesma dúvida da esquerda investir na luta armada ou ter paciência e negociar, dentro do que restava de legalidade, na possibilidade de modificação do quadro político nacional. A tendência pela luta armada predominava, a revolução cubana, a vitória argelina sobre os franceses e a guerra dos vietnamitas contra os imperialistas ianques exerciam verdadeiro fascínio na juventude. Não se podia perder tempo em conjecturas políticas, era necessário fazer a revolução já. Essa visão extremamente romântica de revolução levaria muitos jovens a arriscar e perder suas vidas lutando contra o aparelho repressivo do governo militar nos anos pós 68.

O ano de 68, que começava com a esperança de que a Frente Ampla vingasse e trouxesse consigo a normalidade institucional. Millôr Fernandes (apud: Ventura 1988:19) resumia a impressão do início desse ano dizendo que “*o país corria o risco de cair numa democracia*”. Este ano seria marcado pela incrível agitação dos jovens em todo o mundo,

houve o famoso maio de 68 na França em que estudantes e operários paralisaram o país para protestar contra a ordem estabelecida, os lemas mais famosos deste incrível protesto foram: “*a imaginação no poder*”, “*é proibido proibir*” e “*seja razoável exija o impossível*”. No México estudantes protestavam em massa contra o governo e as eleições fraudulentas, na Tchecoslováquia os jovens também saíram às ruas no movimento que ficou conhecido como a Primavera de Praga exigindo mais liberdade. Nos EUA, os jovens queimavam cartas de convocação para a prestação do serviço militar, que significava lutar e morrer no Vietnã e protestavam contra a guerra imperialista.

Embora os resultados imediatos destes protestos não fossem muito animadores, uma vez que os operários franceses abandonariam o movimento após um aumento de salário, além de a população referendar favoravelmente ao governo De Gaulle seguidas vezes. No México os estudantes foram massacrados, e a Primavera de Praga foi esmagada pelos tanques soviéticos. Nos EUA, a população continuaria a apoiar a política imperialista, militarista e intervencionista do governo, elegendo e reelegendo o republicano Richard Nixon.

No Brasil, o reflexo desses protestos que propunham mudanças políticas, comportamentais, e sexuais poderiam ser vistos no meio artístico e cultural, do qual Henfil fazia parte. A mudança de temas e preocupações do meio artístico e intelectual era evidenciada pelos temas dos filmes que participaram do festival de cinema amador do Jornal do Brasil. “*Em 1965 todos os 40 filmes falavam de miséria ou de favelas. Em 68 os 28 selecionados dos 47 inscritos continham mais sexo, política e violência do que todos os apresentados nos anos anteriores*”, (Ventura op cit: 33).

A conjuntura política parecia estar a favor da abertura, os estudantes reuniam cada vez mais gente em suas passeatas, até culminar na famosa passeata dos cem mil no Rio de Janeiro. Nestas passeatas, a bandeira americana era sempre queimada pois os jovens estudantes nunca perdoariam o apoio dado ao golpe de Estado e a intromissão americana

nas universidades brasileiras através do acordo MEC-USAID. A aparente força dada aos opositoristas referendada pela manifestação dos estudantes criou um excesso de confiança que impedia a oposição de ver a movimentação dos militares de que não estavam contentes com as passeatas e confrontos com a polícia. Viam nestas atitudes a “baderna” que tendia a “insurreição”. Os representantes da linha-dura exigiam cada vez mais medidas repressivas, que o governo, dividido entre adeptos da abertura e os representantes da linha dura, hesitava em implementar. Acreditava-se, na oposição, que a opinião pública, ou melhor, “o povo” estivesse contra o regime militar como “comprovaria” a passeata dos cem mil. Nelson Rodrigues(apud Ventura: op. cit. 156) em suas crônicas demonstraria com seu conhecido sarcasmo a indiferença popular à passeata: *Ali, estavam médicos, romancistas, poetas, atores, atrizes, arquitetos, professores, sacerdotes, estudantes, engenheiros (só não viamos um único preto ou um único operário)*

Henfil esteve presente na passeata, mantendo porém, uma boa distância de possíveis focos de conflito por causa de sua fragilidade física causada pela hemofilia. Como todos os outros jovens acreditava na possibilidade de que naquela passeata estava sendo dado um importante passo para o fim do regime militar.

Entretanto, a grande concentração de estudantes, com expressivo apoio da população, serviria de justificativa para que os militares da “linha-dura” vissem uma conspiração comunista para derrubar o governo “revolucionário”. No embate de forças dentro do governo a vitória ficaria com os “linha dura” que conquistariam no dia 13 de dezembro, uma sexta feira, o instrumento desejado para acabar de vez com o pouco de liberdade que ainda existia.

O decreto AI-5 foi promulgado após os governantes “*mandarem às favas todos os escrúpulos de consciência*”, como disse o coronel Jarbas Passarinho, um dos signatários do malfadado decreto. A partir de então sem dramas de consciência ou impedimento de

ordem legal o governo fechou o Congresso por tempo indeterminado, cassou os direitos constitucionais, e suspendeu o “habeas corpus”. Com esta atitude o governo mostrou sua verdadeira face ditatorial, pois logo após o decreto do AI-5 jornalistas, estudantes, sindicalistas foram presos, deputados e senadores tiveram o mandato cassado, e foi institucionalizada a odiada censura prévia na imprensa. Além disso implementou-se nos porões da ditadura uma máquina repressora jamais vista, uma polícia secreta do estilo da Gestapo alemã. A desproporcionalidade dessa força repressora com “as forças que ameaçavam a revolução redentora” pode ser demonstrada por uma comparação feita pelo próprio criador de uma parte dessa força de repressão, o coronel Fiúza de Castro, (apud Ventura op. cit: 187). *Nós vamos organizar um a martelo-pilão para matar uma mosca, mas o diabo é que os espanadores do DOPS, não vão mais adiantar. Talvez não seja uma boa solução, mas a mosca será esmagada,* (Castro apud Ventura op. cit: 187).

Em meio a este turbilhão Henfil se sentia extremamente decepcionado, pois pensava que o fim da ditadura se avizinhava, e eis que esta se apresenta com ferocidade jamais vista. Henfil acreditava ser necessário lutar contra governo militar, mas não via a luta armada como possibilidade pois era um combate evidentemente desigual. Justificaria da seguinte forma a recusa a participar da luta armada:

Eu não ia para o escuro da clandestinidade. Quem leva vantagem no escuro é o cego. Ninguém leva vantagem sobre ele numa briga de foice no escuro....As Forças Armadas atraíram civis para lutar num combate desigual. Hoje isso fica claro pelo exemplo do cabo Anselmo e outros que, a gente nem imaginava, eram agentes da CIA do Cenimar (Henfil apud Moraes op cit: 164)

Embora achasse a luta armada um erro, não deixava de solidarizar com os “combatentes das trevas” enviando regularmente dinheiro para o irmão Betinho que optara por esta forma de luta. Ajudava financeiramente também o cunhado Gildásio do PC do B, no intuito de publicar panfletos e um livro denunciando a violação dos direitos humanos no Brasil.

De 1969 a 1973, data da viagem aos EUA Henfil trabalhava para vários jornais do Rio de Janeiro tentando, apesar da censura, criticar o regime militar através do humor, que denominava de humor armado. Sua decepção aumentava cada vez mais com as vitórias eleitorais do partido do governo, a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), nas eleições de 70 e 72. Essas eleições, apesar de não serem livres e democráticas por causa do AI-5 e de restrições como a cassação de direitos políticos de muitos candidatos simpáticos à volta da democracia plena, além da censura à imprensa, que impedia a informação dos desmandos e erros do milagre econômico, apontava a simpatia do povo com o governo. Sua angústia seria expressa por uma constatação pessimista a respeito da situação política: *“Esperar pela Assembléia Constituinte é o mesmo que deixar a barba crescer até arrastar pelo chão”* (apud Moraes op.cit: 165)

Sem ver grandes perspectivas de viver em um país com um mínimo de direitos para os cidadãos, Henfil vai aos EUA, em princípio em busca de um tratamento adequado para a hemofilia. A doença serviria de subterfúgio para sair do asfixiante ambiente que tomava conta do país e das redações dos jornais em que Henfil trabalhava, principalmente o Pasquim. Henfil era uma espécie de estranho no ninho, porque não bebia, não gostava de badalações noturnas, e também não era o tipo de intelectual clássico como, na época eram considerados, Paulo Francis e Millôr Fernandes, ambos capazes de escrever artigos citando de memória os mais variados filósofos. Ainda assim fazia muito sucesso no Pasquim, embora não gostasse do público para o qual desenhava. Henfil considerava a maioria dos leitores, pessoas fúteis que viviam olhando para os acontecimentos do exterior e pouco se importavam com o Brasil.

Esse pessoal é de moda, muda de filósofo, de Marcuse, como quem muda de camisa. Muda de cantor como quem muda de cueca. Fica mudando porque não tem raiz nenhuma- devido à formação estrangeira, vive de costas para o Brasil. O sonho deles é pegar uma bolsa de estudos para a Europa, é ir passear ou trabalhar nos EUA. (Henfil apud Moraes 1996 op cit:109).

Como é possível perceber, Henfil não estava muito contente com os acontecimentos nem com as reações, ou falta de reação, dos intelectuais. Henfil achava que os jovens intelectualizados, leitores de Pasquim estavam mais preocupados com a revolução sexual, que com a revolução propriamente dita, estavam cada vez mais individualistas e menos solidários. Henfil via nisto a vitória da contra-cultura, preconizada por alguns artistas que mais tarde denominaria de “odaras”. Em 1973, ao contrário do ano de 68, em que a esperança do fim do regime parecia se avizinhar, vivia-se o desespero de que aquele regime se eternizaria. As esperanças caíam por terra, uma a uma, Marighela e Lamarca estavam mortos, a guerrilha do Araguaia esmagada pelo aparato militar, o regime militar vivia o apogeu do “milagre econômico”. Nas redações dos jornais e revistas a situação era muito desconfortável. Havia forte hostilidade entre os jornalistas que tentavam “driblar a censura” e criticar o regime, publicando a parte podre do milagre e aqueles que bajulavam o governo, em troca de favores governamentais, além da incômoda presença da censura. A “parte podre” do milagre não era pequena, como o próprio general-presidente Médici resumiria: *“a economia vai bem, o povo vai mal”*. A forte censura, a omissão e conivência dos veículos de comunicação ajudavam a esconder o custo do milagre, como o próprio ditador comprovaria ao afirmar que ficava *“satisfeito por chegar em casa depois de um dia de trabalho e ver que o mundo estava caótico, mas que o Brasil, estava em paz e harmonia”*. Para ilustrar o ambiente jornalístico, nada melhor do que verificar a opinião dos próprios jornalistas ao responder a pergunta do jornal OPINIÃO: “Qual a função da imprensa hoje? (1973). “Ocultar a notícia” respondeu Millôr, em seu peculiar estilo, fazendo uma análise resumida da situação. Carlos Chagas preferiu uma análise mais pormenorizada afirmando que a imprensa se tornara um veículo de propaganda do Estado, em que alguns jornalistas são levados a conceber da seguinte forma o trabalho: *“é bom para o leitor o que é bom para o governo”*. Belchior ilustra o

clima no meio artístico neste trecho de sua música “A Palo Sêco” gravada em 1973 (pela WEA):

*Se você vier me perguntar por onde andei /
no tempo em que você sonhava /
de olhos abertos lhe direi /
amigo, eu me desesperava./
Sei que assim falando pensas /
que esse desespero é moda em 73,/ /
mas ando mesmo descontente,/ /
desesperadamente eu grito em português.*

Antes do embarque para os EUA, Henfil concederia duas entrevistas, uma para os companheiros do Pasquim, e outra para a revista Grilo, ambas tinham como finalidade explicar aos leitores o porquê de sua saída do país. Em ambas Henfil teve de fazer malabarismos argumentativos para justificar sua opção pela segunda parte do famoso slogan do período do milagre econômico do governo Médici “*Brasil, ame-o ou deixe-o*”

CAPÍTULO 2

O PATRULHEIRO PATRULHADO

Henfil preferiu uma permanência, ainda que breve, nos EUA, o último ilusório bastião da liberdade, a ter de ficar confinado no Brasil com um sentimento de impotência que o torturava apesar de sua aversão aos EUA e ao que este país representava como centro difusor dos golpes de Estado nos países subdesenvolvidos e do capitalismo selvagem que explorava o Brasil tornando-o mais dependente e deixando a população cada vez mais pobre.

Pouco antes de embarcar para Nova Iorque, Henfil é entrevistado pelo pessoal do Pasquim. Neste “pinga-fogo” tentará de diversas maneiras justificar sua ida aos EUA.

Para analisar a entrevista, preferi dividi-la em tópicos para que houvesse uma melhor compreensão das discussões, visto que os assuntos não são conduzidos de forma linear, ou seja um assunto é abordado aparentemente finalizado e retomado em outro instante.

Os motivos da viagem

Sérgio Cabral inicia a entrevista perguntando ironicamente se a viagem de Henfil aos EUA era um abandono do Brasil, ou se estava apenas “cheio” da turma do Pasquim. Henfil afirma jocosamente serem as duas recíprocas verdadeiras a fim de diminuir a previsível hostilidade da entrevista.

Henfil defende, entusiasticamente, as vantagens técnicas de se fazer um tratamento para hemofilia nos EUA, uma vez que os americanos detinham a mais avançada tecnologia para o tratamento. Essa explicação não convence, pois todos sabiam que Henfil não se preocupava com a saúde. Jaguar questiona a resposta afirmando que Henfil buscava verdadeiramente sucesso profissional. O tratamento seria apenas uma forma de tentar comover os companheiros, pois o próprio Jaguar afirmava ter se cansado de cuidar de Henfil.

Henfil insistia no argumento de que faltavam máquinas eficientes para o tratamento da hemofilia, apesar de haver médicos qualificados no Brasil. Os entrevistadores preferem não persistir no assunto, provavelmente por haver temas mais polêmicos a serem abordados, como a questão profissional.

O desafio profissional

Outra justificativa para ida aos EUA era a possibilidade de publicação de seus quadrinhos nos grandes jornais norte americanos e de lá para o mundo. Por esta razão, Henfil é severamente inquirido por Millôr e Ziraldo. Ambos afirmam enfaticamente que o desejo de Henfil é buscar a tríade “*fama-sucesso-fortuna*”, ou seja, a busca do Eldorado, o “*American Dream*”. Henfil se esquivava, afirmando que continuará trabalhando para os jornais brasileiros, inclusive para o Pasquim, e, conseqüentemente, a tentativa de buscar espaço na imprensa norte-americana não seria algo prioritário. A intenção, de publicar seus personagens na grande imprensa dos EUA, estava relacionada à abrangência mundial desta imprensa e sua importância para a veiculação de idéias, portanto um instrumento útil para massificação de sua ideologia (socialista). Transparece na resposta um estilo discursivo próprio de um militante: “*(Isso é minha opção ideológica de vida . Eu não quero ter sucesso, eu não quero ter fama, eu não quero ter dinheiro, Henfil op.cit: 63)*”. Há um tom de voto, de pobreza e obediência típicos da Igreja Católica, muito semelhante à Oração de São Francisco. Nesta oração, o pedido principal é o de Deus fazer do católico um instrumento da Paz: *Fazei de mim, Senhor, instrumento de Vossa Paz*. Demonstrar despojamento é típico de membros de instituições totalitárias e religiosas, uma vez que a Instituição está acima do indivíduo, o qual só existe para mantê-la e fortalecê-la. Com esta resposta Henfil demonstra sua disciplina e obediência aos valores da AP (Ação Popular), organização guerrilheira (uma vez dirigida por Betinho), formada por muitos ex-militantes

das JECs e das JUCs, fortemente influenciados pelos princípios maoístas da Revolução Chinesa e da posterior Revolução Cultural Chinesa que preconizavam o despojamento, o altruísmo e a solidariedade socialista mediante ações coletivas, obviamente determinadas pelo Partido Comunista Chinês, e desprezavam o “individualismo burguês”. Há, nestas instituições, um forte controle em relação às liberdades individuais, visto que nelas não há espaço para divergências, como foi possível perceber pelo “silêncio obsequioso” imposto pelo Papa ao Frei Leonardo Boff. A resposta não fica sem contestação de Millôr e Ziraldo, que questionam a resposta por ser tão digna de crédito quanto a aceitação do “*sacrifício de ser presidente da República*”. Ambos insistem em que Henfil admita desejar fama, sucesso e fortuna como é próprio de todo ser humano:

Por que você tem essa certeza, essa segurança, quando você informa através de sua palavra e não de seu comportamento, que você não quer nem sucesso, nem fama, nem dinheiro, se tudo indica que você quer fama, sucesso e dinheiro? (Henfil op cit.: 64)

Percebendo que este assunto se estenderia infinitamente, caso ficasse contradizendo os entrevistadores, Henfil prefere contra-atacar:

Eu quero ser famoso como um cara que é mais um espinho contra o estado de coisas. Esta fama eu quero pra mim. Se por acaso todos os homens no mundo não quiserem essa fama, eu quero. Eu não tenho nada contra herói. Eu acho herói um cara bacana. O que eu acho calhorda é o que não tenta ser herói. Vamos tirar essa de hipocrisia. Eu tô tentando, com esse papo, renegar o negócio da fama-sucesso-fortuna, porque é um negócio que você vai mentalizando, mentalizando, e entra no jogo. É bacana você colocar outros tipos ideais pra você, inclusive porque você se cobra e, eu chegando e dizendo que não quero fama-sucesso-fortuna, eu tenho um compromisso comigo mesmo a partir daí! (Henfil op cit: 68)

A possibilidade de Henfil obter êxito nos EUA era reduzida entretanto, embalado por sua fé messiânica na capacidade de comunicação de seus personagens, acreditava pia e ingenuamente na chance de publicar nos jornais americanos e universalizar seu humor.

As personagens de Henfil, Graúna, Zeferino, Bode Orelana, e os Fradins desempenhavam papéis que nos EUA são considerados extremamente polêmicos. Nas histórias de Henfil o humor é apenas um meio de transmitir uma mensagem de caráter político e social, às vezes de caráter sexual inclusive. No Brasil há uma tradição de humorismo engajado, tendo como maior expoente Aparício Torelly, o Barão de Itararé, que além de jornalista e humorista foi deputado pelo Partido Comunista do Brasil. Nos EUA, no entanto, o humor dos quadrinhos, dos jornais filiados aos “syndicates”, é normalmente alienado, satirizando apenas situações banais do cotidiano, a turma do Charlie Brown, originalmente “Peanuts” de Schultz pode ser considerado o modelo do típico humor americano.

A fé acalentada por Henfil, na possibilidade de publicar nos EUA, era alimentada pela crença na ampla liberdade de imprensa e ausência de censura nos meios de comunicação americanos. Tal crença não era baseada na realidade, mas sim na liberdade de expressão prevista inclusive na constituição americana, pois era pouco provável que Henfil desconhecesse a realidade dos sindicatos distribuidores de quadrinhos. A censura nos EUA não ocorre de forma escancarada, com censores oficiais do governo presentes nas redações dos jornais, revistas e tvs, como ocorria no Brasil, mas de modo muito mais sutil. Os “syndicates” oferecem o produto de seus desenhistas para os jornais de variadas características e ideologias de diversos públicos leitores e de países diferentes, resultando em homogeneização de tendências conservadoras em relação ao mercado global, eliminando portanto, aspectos críticos capazes de ofender leitores de outras nações e crenças. Gubern' aponta a consequência desta situação *“resultou não só uma estandardização formal das Hqs, (formato, dimensões, etc), como também de temas e*

situações mostradas, igualmente conservadoras, o que, na verdade, implica uma autêntica autocensura sobre os produtos oferecidos”, (Gubern op cit:41). Assim como o cinema, os quadrinhos foram direcionados a promover o humor banal, sem qualquer motivação para a reflexão de ordem política, econômica ou ideológica. Quem ousou fazer do humor algo além de simples entretenimento teve problemas com as autoridades americanas, como foi o caso de Sir Charles Chaplin, expulso dos EUA, durante o período conhecido como “caça às bruxas” ou McCartismo, por supostas atividades não americanas, ou seja, ser comunista. Henfil era a antítese dessa forma de fazer humor, seria um corpo estranho aos “syndicates”, caso conseguisse ser contratado por um. Um dos companheiros do Pasquim, Sérgio Augusto, explica a razão da incompatibilidade do humor de Henfil com o produto dos “syndicates”: *“O humor do Henfil era agressivo para os padrões americanos. Ele não tinha a menor identidade com os EUA; ao contrário; não escondia um certo ódio pela cultura americana, o que dificultaria muito a aceitação de seu trabalho”* (apud Moraes op cit: 173)

O desafio de morar no exterior

Henfil tenta convencer os entrevistadores argumentando que a experiência no exterior seria fundamental para seu desenvolvimento profissional e intelectual. Alega a necessidade de estar inseguro para estimular sua atividade criadora. Nos EUA, teria a oportunidade de sentir esta insegurança, além disso havia o fato agravante de não se surpreender mais com as coisas no Brasil, *“quero ter a experiência de levar um contravapor na cara, de um país com todo mundo falando inglês e eu não falando”* (Henfil op cit: 68-69). Millôr faz questão de lembrar a Henfil que não haverá tantas surpresas assim, visto que haveria pessoas conhecidas a sua espera no aeroporto, Paulo Francis era o exemplo. Millôr acrescenta que pelo fato de viajar com dinheiro não haveria insegurança

nenhuma porque “*dinheiro fala inglês em qualquer lugar do mundo.*” (Millôr apud Henfil op cit: 69), Henfil desconversa a respeito do dinheiro que é mesmo uma proteção eficaz contra qualquer insegurança. Entretanto, Henfil, mais uma vez utiliza o argumento do sacrifício pessoal em prol da coletividade, afirmando que sua insegurança advirá “*da segurança que eu poderia ter e que eu não quero ter*” (Henfil op cit: 70).

Henfil também argumentava que era necessário evoluir a técnica do desenho no papel para o desenho animado e que o melhor lugar para isso, seriam os EUA. Segundo ele, o desenho no papel é uma idéia ultrapassada e o desenho animado por ter mobilidade e fazer parte de um moderno meio de comunicação audiovisual, além de ser análogo à vida moderna, seria mais eficiente para divulgar sua ideologia. Nesta nova atividade poderia salvar dois personagens importantes, Zeferino e Fradins, que estavam sendo “editados” de acordo com os critérios da censura. Estavam perdendo a força, e se estagnando, causando uma profunda insatisfação em Henfil e nos leitores.

O temor da traição

Durante grande parte da entrevista, há referências a Paulo Francis, correspondente do Pasquim em Nova Iorque. Em uma delas é notória a aversão do grupo ao correspondente. Henfil comenta uma futura operação (cirurgia), de Francis. Millôr, com seu peculiar sarcasmo, diz esperar que dessa vez não seja uma operação bancária. Maldosamente pergunta “*se não seria a mesma operação para mudança de sexo realizada no travesti Rogéria*” (Millôr apud Henfil op cit: 43).

Há uma previsão de que o correspondente de Nova Iorque se tornaria, um renegado, por ter mudado de posição ideológica, de trotskista a extremista de direita, por um punhado de dólares. Por esta razão, Francis não era respeitado nem pela direita, nem pela esquerda. Há uma piada maldosa, mas bastante divertida, dos militantes dos partidos

de esquerda em que afirmam ler Francis somente em inglês, língua na qual nunca conseguiu publicar. Millôr tem uma frase interessante a respeito das posições extremadas que se aplicava a Paulo Francis: *“quem está na extrema esquerda já está na direita”*. Por causa da desconfiança com o correspondente de Nova Iorque, Henfil é severamente sabatinado a fim de que certifique aos companheiros de sua firmeza ideológica, garantindo-lhes que não mudaria sua posição política por conviver com norte-americanos.

O patrulheiro ideológico

Mais tarde, a atitude de cobrar coerência ideológica será chamada de patrulhamento ideológico, e isso é exatamente o que Henfil sofreu na entrevista. É severamente cobrado pelos companheiros por causa da agressividade dirigida aos jornalistas que, ainda que eventualmente, defendam interesses contrários aos dos trabalhadores, fazendo, a seu ver, o papel de “capitão do mato”. Esta cobrança a respeito de firmeza ideológica, é feita neste momento da entrevista porque Henfil é impiedoso neste mesmo tipo de cobrança, e portanto não poderia passar por fariseu. O jornalista Carlinhos de Oliveira perguntou, por escrito, se Henfil era homem o suficiente para pedir desculpas, por causa de uma discussão violenta entre ambos. A resposta de Henfil foi: *“a minha agressão não foi gratuita, porque o Carlinhos de Oliveira vinha mostrando o popó para os oprimidos”*, (Henfil op cit: 50) Henfil sempre cobrava o posicionamento de seus colegas jornalistas, como relembra outros fatos a respeito de Carlinhos de Oliveira:

Ele numa determinada fase danou a defender Israel, sem ninguém estar pedindo pra ele fazer isto. Só porque trabalhava pra judeus...E o pior é que o Carlinhos começou a fazer um papel que Simonal fez muito tempo⁵. (Henfil op cit: 51)

⁵ Wilson Simonal, cantor de música popular brasileira, samba, era acusado de alcagüete e entusiasta do regime militar, era por esta razão desprezado pelos outros artistas, ainda que negasse as acusações.

Henfil era inflexível no que se referia a posicionamento político, mas afirmava poder manter relação amistosa na vida pessoal com pessoas que defendessem outras posições que não a sua, apesar de sua agressividade na imprensa, como exemplifica:

Se o Carlinhos estiver morrendo, eu vou salvar o Carlinhos. A não ser que o Carlinhos esteja com ... vamos dizer...Esteja acionando a guilhotina .Aí não tem condição de salvar o Carlinhos...Não tenho nada contra o Carlinhos. Tenho tudo contra o José Carlos Oliveira que escreve em jornal (Henfil op cit: 52)

A agressividade de Henfil em cobrar coerência de artistas e jornalistas era reconhecidamente forte, às vezes até exagerada, como pode ser exemplificado pelo efêmero personagem “Caboco Mamadô”. Henfil utilizava este personagem para mostrar sua desaprovação e do grupo de opositores ao regime militar, “enterrando”, através dos quadrinhos, pessoas como Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade e Elis Regina por causa de atitudes consideradas conciliatórias com o regime militar e seus representantes. Ele não perdoava nem mesmo atos aparentemente insignificantes, do ponto de vista político, como no caso de Elis Regina, “enterrada” e rebatizada de “Elis Regente” por ter cantado na abertura das Olimpíadas do Exército.

A Aculturação

Tárik de Sousa, o crítico musical do Pasquim, destinatário de grande parte das cartas enviadas por Henfil, faz a pergunta fatal sobre aculturação a que os artistas são acometidos quando no exterior: “*Você não acha que ficando muito tempo lá você vai perdendo e perdendo, [a cultura] e entrando na estilização, tipo Sérgio Mendes?* (Henfil op cit: 61). Millôr aproveita a pergunta e afirma ter experiência no assunto e relembra o caso do diretor de cinema Alberto

Cavalcanti, o qual ficou aculturado a ponto de esquecer a língua portuguesa, e como não poderia deixar de ser, o segundo exemplo é o de Paulo Francis. Por essas razões, Millôr sentencia : *“Não há possibilidade de você Henfil mineiro, ser um ser humano nos EUA. Não tem jeito. Americano é um ser humano lá. Você não tem jeito. Perca as esperanças.”*(1977:61). A resposta como não poderia deixar de ser, segue a mesma linha argumentativa de um militante, ou missionário religioso, que poderá desempenhar sua atividade em qualquer lugar, dada a universalidade da questão social: *“Eu tenho o Harlem lá, que é igualzinho à caatinga e não tenho medo é em relação à raiz ... o exílio no Rio me fez valorizar exatamente o que eu tinha que valorizar de Minas Gerais”* (Henfil *op. cit.* 62).

Essa crença de Henfil iria por água abaixo ao chegar aos EUA e perceber que algumas questões aparentemente iguais, a exploração do homem pelo homem, do ponto de vista marxista, por exemplo, têm conotações diversas em diferentes povos, brasileiro e norte-americano. Henfil teria igualmente a oportunidade de verificar, na questão do racismo, a diferença do modo com que ambos os povos percebem e lidam com este problema. Estas diferenças, a serem observadas, trarão, sem dúvida, um aprendizado relevante para Henfil, pois sua visão de que os problemas sociais seriam iguais era bastante ingênua.

Cooperativa de Cartunistas

Henfil estava sendo encurralado pelas perguntas embaraçosas de Millôr e Ziraldo, por esta razão busca um assunto para reverter a situação: a fracassada cooperativa de cartunistas. Esta cooperativa de cartunistas iniciantes havia sido idealizada com intuito de abrir espaços na grande imprensa. Henfil alegava que a vida efêmera da entidade deveu-se

ao ingresso de cartunistas famosos. Millôr, entretanto, discordava alegando razões técnicas como a impossibilidade de se lançar publicação apenas com novatos. A presença de “veteranos” seria necessária para que o leitor tivesse uma referência sobre a publicação e para que anunciantes sentissem segurança para investir na revista. Millôr insistindo na tese da seleção natural dá um exemplo:

Há um teatro em que se leva peça de iniciadores? ...Ninguém vai ver, vão ver os parentes. Ocasionalmente, um que tá ali consegue uma pontinha numa peça semi-profissional, tem mais talento, e às vezes consegue um papel, (Henfil op cit: 76).

Henfil replica afirmando que os novatos abriram espaços e quase conseguiram fazer uma publicação só deles. A cooperativa só não vingou por causa da exigência de Millôr e Ziraldo de fazer a divisão das cotas da cooperativa pelo subjetivo critério de qualidade. Esta exigência dividiu o grupo e acabou com a cooperativa. Henfil finaliza sua interpretação da história : *“Quando eu vi que o pessoal chegou e entrou para o outro lado. É aquele negócio: Vamos nos aliar aos americanos que a gente vai tomar o mundo” (Henfil op cit: 81)*. Esta afirmação é uma nítida repreensão aos cartunistas novos pelo primário erro político cometido. Por ambição pessoal se aliaram a cartunistas experientes, acreditando que seriam auxiliados na conquista de uma parte do mercado. Ziraldo e Millôr se juntaram aos novatos e tomaram os novos espaços dos estreantes, deixando-os sem publicação, sem cooperativa e sem espaço na imprensa. Ziraldo percebe a “indireta” e faz uma pergunta que deveria ser incômoda para Henfil. *“Como é que foi que você conseguiu passar pro lado de cá sem problema de consciência? (Henfil op cit: 82)”* Henfil aguardava esta pergunta porque ao respondê-la estaria dando uma prova, a seu ver, definitiva de lealdade ideológica. A resposta é uma tentativa de derrotar a tese da seleção natural no meio artístico sustentada por Millôr. Para defender sua presença no Pasquim,

apesar do fracasso da Cooperativa, Henfil declara que o grupo havia acabado por causa do erro político, não tinha, portanto, mais nenhum compromisso com a extinta cooperativa, logo poderia cuidar de sua carreira sozinho: *“O bom é o seguinte, e isso eu acho gostoso, foi uma ótima praga: aliaram-se aos fortes, não sobreviveu um.”* (Henfil op cit: 81)

A história da cooperativa, para Henfil, havia sido uma grande experiência política que reforçou sua tese de que é pouco salutar se aliar aos fortes, opinião da qual Millôr cinicamente discorda, fingindo não haver entendido a quem Henfil responsabilizara pelo fim da cooperativa: *“Se aliar aos fortes, em geral dá uma longa vida”* (Millôr apud Henfil op cit: 81).

O processo da frustrada criação da cooperativa de cartunistas foi um excelente exemplo para Henfil reiterar sua ideologia socialista, segundo a qual fora do grupo não há salvação, e que individualmente nada ou muito pouco se consegue, uma verdadeira apologia do esforço coletivo e uma negação da ideologia capitalista do “self made man”.

Para finalizar a entrevista, Henfil ironiza ao justificar sua ida aos EUA, utilizando-se de uma expressão, muito comum durante aquele período, para explicar o comodismo e conformismo com a situação política: *“Esta história me inspirou depois aquela série: Eu tenho que sobreviver, entende ?”* (Henfil op cit: 82).

Após responder todas as perguntas agressivas, Henfil se sente no direito de ironizar e usar a frase muitíssimo utilizada como escudo para defender atitudes incompatíveis com a militância pela defesa dos direitos políticos e de liberdade de expressão. Esse tipo de jornalista ou artista tinha um nome conhecido e, é a qualificação usada por Millôr para designar a atitude de Henfil ao pensar apenas em si e embarcar para os EUA em busca do que Millôr e Ziraldo estavam convencidos ser fama, sucesso e fortuna. *“Henfil é um filho da puta”* (Millôr apud Henfil op cit: 82).

Esta entrevista, que parece mais um inquérito ou uma inquisição, deixaria marcas tanto em Henfil quanto nos entrevistadores, porque as questões ali levantadas só seriam

respondidas após a publicação das cartas no “almanaque do Fradim”, com a opinião dos leitores a respeito da atitude de Henfil, e depois no livro “Diário de Um Cucaracha”.

Uma pergunta ficou suspensa durante toda a entrevista. “*Você está entregando a rapadura?*” Talvez não tenha sido feita diretamente, dadas as condições de tensão da entrevista. Millôr, entretanto, insinuou-a ao afirmar que considerava uma traição o fato de deixar o país para ganhar dinheiro, com o agravante de ser dólar.

Essa pergunta foi feita em outra entrevista, na qual não havia o menor sinal de tensão entre Henfil e o repórter, por esta razão teve a oportunidade de responder preliminarmente de forma mais descontraída e elabora a tão temida pergunta

Anos depois, ao resolver publicar as cartas de Nova Iorque no almanaque dos Fradins, Henfil resolve publicar juntamente esta entrevista, dada à revista Grilo, uma revista voltada para a divulgação de cartuns e quadrinhos artísticos, e portanto sem uma posição tão dogmática em relação a comportamentos e atitudes políticas. Nesta entrevista Henfil estava muito mais descontraído e portanto, mais expansivo sem nenhum temor de dizer algo comprometedor, ao contrário do caso da entrevista ao Pasquim, em que se manteve a maior parte da entrevista encurralado, na defensiva, tentando eliminar qualquer suspeita de que estivesse deixando o país em troca do vil metal:

Querem saber como era minha cabeça? Não, não tenho vergonha, não...Paulo Celso fez uma entrevista comigo 20 dias antes do embarque. E nela eu tô peladão. Nela estão todas as minhas engenhosas racionalizações, que acredito sejam as mesmas de muitos como eu. Que sonham em se curar, se fazer na América! ...Me conheçam um pouco mais. E um pouco mais de vocês também né, brasileiros? (Henfil, 1977: Fradim nº 21: 40

As engenhosas racionalizações, a que Henfil se refere, são as respostas, pouco ou nada convincentes, dadas aos entrevistadores do Pasquim, como viria a reconhecer mais tarde. Henfil temia dizer que procurava nos EUA um pouco de liberdade, um pouco de esperança que o reanimasse a lutar contra a ditadura, visto que no Brasil não havia o

menor sinal de que a realidade de repressão, censura e autoritarismo se dissiparia. Não poderia admitir igualmente, pelo menos naquele momento, seu sentimento de inferioridade por não saber inglês e conviver com o grupo de intelectuais da imprensa carioca.

Paulo Celso, o jornalista de “O Grilo”, não titubeou em fazer a pergunta que em algumas situações poderia ter o efeito de uma bomba arrasa-quarteirão: *“Você está entregando a rapadura?”*

A resposta de Henfil não é uma negação categórica. Ele comenta o fato de que “entregar a rapadura” era uma atitude muito comum no meio artístico, mas que ele não havia entregado a rapadura nem mesmo para a publicidade. Comenta o fato de haver “heróis” que não haviam feito concessão alguma ao regime militar, insinuando estar entre eles: *“eu nunca entreguei a rapadura em termos de maneira de pensar, até hoje, mesmo que isso signifique ter que abandonar emprego”* (Henfil 1977:41). Admite, porém que a viagem pareça uma capitulação ante a realidade brasileira *“ir pros EUA pode, em princípio, parecer entregar a rapadura, e até certo ponto pode até ser. Eu só posso analisar isso depois, com mais calma, mas eu vou.”* (Henfil 1977:41). Essa incômoda pergunta não o deixaria tranquilo porque após o entrevistador afirmar ser a pergunta uma brincadeira, Henfil desfia um rosário de adversidades que teria pela frente nos EUA: não sabia falar inglês, tentaria publicar os desenhos como todos os outros novatos. As alegações mais importantes para a viagem eram de ordem profissional, principalmente, a censura governamental: *“a criação está limitada pra mim, eu não estou conseguindo fazer aquilo que eu sou mais forte- a linguagem direta...Já estou com um sistema de auto-controle arraigado”* (Henfil 1977:41-43).

Além disso, Henfil desejava colocar seus personagens em todos os jornais do país e para isso achava necessário enfrentar a concorrência com a United King Features: *“Como é que eu vou enfrentar a King? Eu tenho que ir pra King.”* (Henfil 1977:43). Critica a situação de predominância de produtos culturais americanos, (cinema, Hqs, desenho

animado, charges, etc.), no Brasil, e só vê uma solução para tentar modificar a situação: lutar dentro do sistema:

Então eu vou lá pro negócio direto, que comunica aqui e com um negócio sensacional: vou me comunicar com a Tanzânia, com a Indonésia, com o Japão, com a Bolívia, e como me comunicar com esses lugares todos que eu tenho interesse sem ir para o centro da brincadeira? (Henfil 1977: 44).

Defende-se, previamente, de qualquer desconfiança de tal atitude significasse uma concessão de seu humor ao “sistema” dos syndicates “ *eu estou utilizando a máquina, mas ela não está me utilizando porque eu mantenho a minha linha e tenho condições de manter essa linha*” (Henfil 1977:44). Aponta a necessidade de lutar dentro da King como forma de ir às raízes do problema de distribuição de produtos culturais brasileiros no Brasil: “*por que eu vou ficar brigando com as Casas da Banha se eu posso brigar com a Sears? Então vamos brigar com a Sears agora.*” (Henfil 1977 45)

CAPÍTULO 3

A TERRA DE MARLBORO

Embora as cartas de Nova Iorque, enviadas por Henfil a seus amigos e parentes no Brasil, contenham muitas informações de ordem pessoal, as escolhidas para publicação foram aquelas que pudessem informar o público em geral sobre as crenças difundidas pelos meios de comunicação e a assimilação desta crença pelos

brasileiros, inclusive aqueles bem informados como era o caso de Henfil. Ele vê na publicação das cartas uma finalidade didática, mostrar a falsidade do paraíso americano.

Quando pensei em publicar estas cartas, a 1ª reação foi a de não dar esta bandeira de fragilidade. Afinal eu sempre deixei transparecer pelos cartuns um cara consciente, sabidão e maldoso. Depois, haveria o perigo de parecer piegas e babaca. Porém achei que valia a pena. Justamente porque esta era a verdade. E verdade bem generalizada. A maioria vê os EUA como eu via quando parti para lá em busca dos rios de mel, leite e saúde, medicina daquelas de filme de TV, liberdade da terra de Marlboro. (Henfil 1977:44,45)

Henfil desejava com a publicação das cartas alertar os brasileiros das mentiras vendidas pelos meios de comunicação. Lamenta ter de realizar esse trabalho, que poderia, e deveria, ter sido feito há muito mais tempo por pessoas mais bem preparadas. Torna-se, desta forma, um emissário que pretende desmistificar as maravilhas dos EUA. “Maravilhas” criadas há muito tempo e arraigadas na visão das pessoas que não têm informações dos problemas ocultos pela grande imprensa. Henfil parece tentar seguir o preceito de Mário de Andrade, segundo o qual não devemos servir de exemplo para as gerações futuras, mas sim de lição. As experiências relatadas nas cartas, como o próprio Henfil ressalta deverão servir de alerta a todos os brasileiros que acreditam nas imagens transmitidas diariamente pelos meios de comunicação. A intenção é mostrar o lado oculto do sonho americano, e para isso é preciso fazer uma espécie de penitência. As cartas se parecem muito com um ato de contrição, pois mostram a tentação do pecado da adoração dos EUA, a negação do Brasil, e por fim o arrependimento e a publicação das cartas como forma de expiação desse “pecado”, com a vantagem de que esse “ato de contrição” pode servir de aviso aos demais “pecadores” em potencial.

Justamente por nunca contarem o dia a dia é que nós, que nunca fomos, só acreditamos nos shows e nas paisagens. E nesta fui eu. E

nesta irá você. Ai pensei: pô eu tenho um veículo de comunicação nas mãos, as cartas estão aí, verdadeiras (muitas me dão vergonha e vontade de queimar), são o diário de minha babaquice. Vamos divulgar isto, tentar mostrar o que caras com mais domínio da escrita não fizeram e ver se quebramos esta corrente para frente da estátua da liberdade. Pretensão. Sou danado de pretensioso. Assim, Maria, não é meu drama pessoal que está em jogo e sim o drama geral da nossa colônia. Não quero comunicar meu drama. Quero conseguir que as pessoas se identifiquem com as minhas aspirações americanas se retratem e se manquem. (Henfil Fradins 1977:45)

A primeira carta de Henfil, datada de 4 de outubro de 1973, dirigida à mãe, dona Maria, narra a chegada, e noticia o início do tratamento de hemofilia ⁶. Nova Iorque é comparada com São Paulo, embora seja, a primeira vista, mais avançada tecnologicamente. Há uma frase, entretanto, cujo destinatário não é absolutamente a mãe, mas sim os companheiros do Pasquim, principalmente Millôr : *Quero nada daqui não, quero só poder correr...(Henfil op. cit. 11)*

Esta frase é uma denegação clássica possível de ser interpretada tomando seu sentido oposto, como explica Freud (1925:9), é como se tivesse dito: "*Certo, quero algo daqui sim, mas não me apraz admitir essa idéia*"⁷.

Henfil tinha outros interesses nos EUA, além de um eventual tratamento de saúde. Por que a necessidade em negar este interesse? Há uma evidência bastante plausível de que a discussão com a turma do Pasquim ainda não estava encerrada. Muitas das cartas a serem analisadas trazem indícios de que o jornalista carregava culpa por se ausentar num momento muito difícil para o Pasquim e o Brasil. Henfil estava nos EUA com o corpo, mas sua alma estava presa aos problemas tupiniquins.

⁶ Por serem voltadas a alertar os leitores em geral, não me preocupei com os destinatários das cartas, uma vez que estas tendem para um auditório universal, como uma carta aberta, embora tenham um destinatário específico. Além disto cartas escritas para um destinatário específico trazem mensagens para outros destinatários.

⁷ Adaptação vinha no original *é minha mãe sim*.

Nas primeiras cartas, a visão dos EUA é a de um turista comum, sem envolvimento com questões políticas. Relata aspecto muito comum nos EUA, a presença da tecnologia. Ela é considerada um forte demonstrativo de civilização para boa parte da elite brasileira, (inclusive entre os militares que estavam no poder): *A única impressão que pude ter, vindo do aeroporto pra este apartamento, foi a de que estava entrando em São Paulo ano 2.000. (Henfil op cit: 10).*

É muito significativa esta comparação entre Nova Iorque e São Paulo. Há, entre boa parte de brasileiros, a imagem de que os paulistas trabalham muito e que São Paulo é a locomotiva do país. Esta comparação antecipa a perspectiva de futuro do Brasil no ano 2.000: uma Nova Iorque de 1973. Henfil, entretanto, vê os EUA ingenuamente, como quem o conhece apenas por meio de televisão e cinema. Fala de Nova Iorque como se fosse uma cidade familiar e até certo ponto brasileira através da comparação com uma cidade como São Paulo, embora muito mais moderna.

Justifica a viagem por acreditar que lá nos EUA estariam, os tais recursos fantásticos, disponíveis para o tratamento da hemofilia. Ingenuidade não poderia ser uma característica de Henfil ao fazer esta descrição dos EUA, pois como jornalista, por mais desinformado que fosse, conheceria, ou deveria conhecer as vicissitudes da economia americana e a falsidade do “American Way of Life”. O próprio Henfil demonstrou isto ao afirmar ter possibilidades de vender seus cartuns nos EUA, porque o Harlem seria igualzinho à caatinga.

A admiração pelo progresso científico é estendido ao povo do país de onde o progresso advém, como pode ser percebido em algumas situações de interação entre Henfil com americanos, nas quais ele se sente bastante inferiorizado por ver nas máquinas o desenvolvimento que não temos. Durante as idas ao hospital, Henfil deixa transparecer, em algumas situações, que o sentimento de inferioridade é bastante arraigado,

independente da situação sócio-econômica-financeira de um sul americano, como pode ser verificado na carta, de 10 -10 -73:

Sem saber inglês, tá um pesadelo. Precisa sempre achar um porto-riquenho pra servir de intérprete. O problema é que eu entendo tudo o que os porto-riquenhos dizem, mas eles não entendem nada de português. E, sem entender nada olhando feito a gente fosse canibal, fica o americano. Com aquela cara de paciência, enquanto os nativos consultam os deuses. Parecem não acreditar que alguém não seja capaz de falar inglês. Pô, o inglês! Me fez sentir inferior. (Henfil op cit: 14)

Nesta carta, há uma explicitação, reiterada, do sentimento de inferioridade do sul-americano frente ao norte americano. Esta inferioridade decorre de diversos fatores. Um desses fatores levantado por Henfil é a inferioridade lingüística, que acaba acarretando para o brasileiro uma pretensa inferioridade intelectual, caso não fale inglês. Outro fator determinante do sentimento de inferioridade estaria ligado à cor (origem) dos brasileiros, uma visão tal qual a de Rudyard Kipling, segundo a qual o homem branco teria de assumir o fardo de civilizar estes povos, o famoso destino manifesto do “White Man’s Burden”.

O “Destino Manifesto” da superioridade da raça branca está presente na carta de Henfil, ao mostrar que ele tinha seu sentimento de inferioridade exacerbado por necessitar de tradutores americanos de ascendência porto-riquenha. Por não falar inglês ele não tem o poder da voz, e acaba sujeito a uma única voz, a do colonizador, que alienará o colono de sua real condição de Ser no mundo, como explica o antropólogo Ortiz: “Por estarmos presos à uma esfera de alienação seríamos vistos como coisa, porque visto pelo olhar do colonizador e portanto desumanizados e diminuídos”, (Ortiz 1994:57). Aqui Henfil se compara, junto com o porto riquenho, aos canibais. Imagina que os americanos vejam os povos do lado de baixo do Equador como canibais. Essa visão é incorporada igualmente pelos povos não brancos. Aos brancos é atribuído o direito de dizer o que é selvagem e civilizado. Os civilizados falam inglês, enquanto os bárbaros... Outra palavra a ser

analisada no discurso de Henfil, por ter seu significado alterado, é “nativo”, que segundo o dicionário “Aurélio” significa: *Que é natural; congênito; não estrangeiro; nacional; desartificial, singelo; Indivíduo natural de uma terra, de um país (por oposição a estrangeiro, colono etc), indígena, natural nacional* (1986:1182). Entretanto foi empregada por Henfil em seu sentido conotativo. Tornou-se, então, uma palavra pejorativa para designar povos não civilizados, ou seja não brancos. Para Henfil os nativos em Nova Iorque deveriam ser os médicos americanos, e não ele mesmo e os porto-riquenhos. Henfil sabe, entretanto, que “nativos” eram os povos africanos que viviam em guerra e eram “pacificados” por “*Jim das Selvas*”, “*Tarzan*” e “*Fantasma, (o Espírito que Anda)*”. Estes heróis brancos não mediam esforços para preservar a floresta e a paz sempre ameaçadas por homens maus e tribos, obviamente de negros. Igualmente nativos eram os índios que “cruelmente atacavam” as caravanas dos “pacíficos pioneiros,” sempre vítimas dos insidiosos ataques dos “selvagens”, eternamente vencidos pela “brava e destemida” 7ª cavalaria do general Custer. Este conceito de nativo estava presente nas revistas em quadrinhos e filmes que criaram heróis e vilões, os quais vieram a povoar, ou melhor, colonizar as idéias das gerações de brasileiros que cresceram lendo as histórias de seus heróis brancos no combate aos “nativos” recalcitrantes às novas regras de convívio dos colonizadores. Igualmente viam filmes de faroeste, mostrando o índio no papel de vilão e o “pioneiro” no papel de mocinho. Fica evidente que o jornalista brasileiro também é vítima do fenômeno pelo qual o colonizado se vê pelo olhar do colonizador e passa a ter os critérios deste como parâmetro para ver e julgar os fatos do mundo.

A afirmação de Henfil, segundo a qual os médicos parecem não acreditar que alguém não seja capaz de falar inglês, é mais um sinal de uma visão de si mesmo criada a partir do outro. Como explica Memmi “*o colonizado convencido da superioridade do colonizador e por ele fascinado, submete-se e faz deste seu modelo*” (Memmi 1977:08). Por esta razão Henfil é levado a acreditar que falar inglês é uma questão de capacidade, ou

um sinal de civilização do falante. No caso em análise, a língua tem o potencial de fazer com que o indivíduo se sentisse mais ou menos “capaz”, na linguagem de Henfil, superior, igual ou inferior ao interlocutor.

Embora não ocorra sem resistência, a “superioridade” do povo norte americano, e conseqüentemente da língua inglesa, exaustivamente mostrada pela mídia, é internalizada por nós sul-americanos. A língua inglesa é vista como superiora dada a sua abrangência, no entanto não é levado em conta os aspectos históricos que permitiram a difusão desta língua. Acredita-se, ingenuamente, que a difusão do inglês tenha ocorrido por seu “valor intrínseco”. A admiração pelo povo e avanço tecnológico dos EUA está sempre presente nas cartas de Henfil, no entanto, algumas situações tipicamente americanas parecem idiotas, criando uma imagem de que o americano é ingênuo. Henfil descreve o treinamento do Comitê de Defesa Civil, transmitido pelas emissoras de rádio, para alertar as pessoas sobre ataques nucleares, contado na carta do dia 25-10 de 73:

Aqui tem tanta coisa infantil levada com a maior seriedade (aqui só não, mas aqui mais; acho que aí a gente já tinha anarquizado com isto há muito tempo) que só vendo. O povo está tão condicionado que, se falarem assim: para evitar o comunismo todos devem cacarejar às oito em ponto, você vai ver os duzentos e tantos milhões de americanos cacarejando às oito em ponto (Henfil op cit: 18).

Essa visão crítica, até certo ponto ácida dos americanos, em geral, é justificável uma vez que eles não desconfiava de seus governos, de um modo surpreendente para nós, sul-americanos. Naquela época, o intelectual e o povo brasileiro era mais cético em relação aos governos, com raríssimas exceções⁸. Governo, para quem vive do lado de baixo do Equador, significa quase sempre, opressor, saqueador e corrupto, (não raro assassino). Por

⁸ O brasileiro aprendeu a ser irônico sobre o benefício de seus governos, desde o longo período colonial quando cunhou a expressão “quinto dos infernos” para ilustrar o destino do imposto e do ouro extraído no Brasil e enviado para Londres, algumas vezes com uma breve escala em Lisboa.

esta razão a expressão anarquista, “Hay gobierno soy contra”, já foi tão admirada pelos brasileiros. Entretanto, outros povos tiveram outras histórias, conseguiram suas independências das metrópoles, através de lutas que envolveram o povo e, que conseqüentemente, tornaram esse povo partícipe da criação da nova nação, recebendo e cobrando respeito dos novos dirigentes da nação. Para Henfil era inconcebível que um povo com tanta tecnologia e com imprensa livre acreditasse no governo e na possibilidade de um ataque nuclear. Esse julgamento é baseado na histórica distância dos governos brasileiros em relação ao povo. Henfil, em seus 29 anos de vida, já havia visto um suicídio de um presidente popular, Getúlio Vargas, que sofria enormes pressões de grupos representantes das classes patronais e multinacionais, por, aparentemente, desejar tornar o país mais desenvolvido e independente economicamente. Em 1961 vira uma renúncia do presidente eleito e o impedimento da posse do vice pelos generais que o consideravam “comunista”, e viu em 64 o golpe militar que usurpou o poder dos civis e introduziu a ditadura militar no Brasil. Nos anos subseqüentes, Henfil veria e sofreria com as perseguições, prisões e assassinatos de amigos e companheiros, além de ver o país ser governado por militares e tecnocratas implementadores de uma economia de concentração de renda jamais vista, e de uma brutal desnacionalização da economia em favor de interesses estrangeiros. Por causa desse seu breve conhecimento de política brasileira, sentiu-se no direito de fazer essa imagem caricata dos americanos. Henfil, no entanto, parecia não compreender que a confiança dos norte americanos em seu governo tem uma razão histórica.

Os EUA, através de seus Patriarcas, de sua Revolução e Constituição, foram referência para a Revolução Francesa e as demais revoluções republicanas do século XIX. Nos EUA, nunca houve governos ilegítimos ou golpes de Estado, por esta razão os cidadãos confiam, (ou confiavam até então), em seus governos, conseqüentemente podem (ou podiam) dizer “nosso governo”, enquanto nós sul americanos dizemos simplesmente

“o governo”, normalmente precedido de impublicáveis adjetivos. Outra justificativa possível para esse duro julgamento, seria uma forma de se defender previamente de uma suspeita de deslumbramento e assimilação ao sistema norte americano

Além do aspecto tecnológico, Henfil se sentia inferiorizado pelo aspecto histórico, por ser os EUA um referencial histórico de democracia, e o Brasil nada representar em termos político, econômico e social, sendo conhecido apenas como o país do carnaval e do futebol. Somado a estes aspectos havia a questão lingüística que reforçava o sentimento de inferioridade.

O simples desconhecimento de uma língua pode ser causa da sensação de inferioridade, que neste caso transparece através da sensação de dependência. Henfil não consegue se comunicar com os médicos e vê a causa desse problema no seu desconhecimento de inglês:

Tenho que arrumar uma maneira de aprender inglês urgente. Movimentei mais de cinco pessoas para me fazer entendido pelos médicos. Que vergonha rapaz, que vergonha que senti. Fico esperando a hora em que eles vão me colocar pra fora, pra fora moleque! Pra piorar, eu, como todos os porto-riquenhos, tenho a mania de responder yes, yes pra tudo que me falam. Pra parecer que tô entendendo e não sou burro (de repente, por não saber falar inglês, tô me achando burro. Tenho até que falar pra mim mesmo de vez em quando: você sabe desenhar, fazer cartum você não é burro!). Então, pra parecer que não sou burro e não receber o olhar horrorizado deles diante do bicho ignorante, eu falo yes, yes, yes, yes, yes, yes. Tem hora que eles perguntam: “Tem mais algum irmão hemofilico na família”? E eu: Yes! Eles: “Quantos?” Eu: “Yes!” Eles: “Tem seguro saúde?” Eu: “Yes!” O número... “Yes” (Henfil op.: cit. 19).

O raciocínio e os atos de Henfil são típicos de brasileiros inferiorizados perante estrangeiros. É preciso lembrar que no Brasil há uma histórica supervalorização de produtos e idéias estrangeiros, como já havia demonstrado Joaquim Manuel de Macedo em sua peça “A Torre em Concurso” Nesta peça o autor satiriza a submissão brasileira a padrões exteriores, através da exigência de que o engenheiro construtor da torre fosse

inglês. A justificativa para a exigência era a de que *“todos os engenheiros brasileiros juntos não valem o mindinho de um engenheiro inglês”*, (Joaquim Manuel de Macedo *apud Tufano 1981:90*). No caso de Henfil o raciocínio parece não ser muito diferente, porque deixou o Brasil, em princípio para se tratar, acreditando que seria muito bem tratado. Caso recebesse um tratamento no inadequado no Brasil, provavelmente, culparia o governo por causa do descaso com a saúde pública, ou acusaria a direção do hospital e médicos por negligência. No entanto, este raciocínio não é usado ao receber um tratamento pouco atencioso no hospital americano. Prefere apontar a causa para a questão lingüística, por não entender o inglês dos médicos, nem conseguir falar espanhol com porto-riquenhos. Ora, se o sistema norte americano de saúde fosse muito melhor haveria alguém para traduzir o diálogo, visto que a função do hospital é tratar o doente, e isto inclui entender o que o paciente diz. Se for necessário movimentar cinco, ou mais pessoas, ou chamar um funcionário do consulado, isto não é, ou pelo menos não deveria ser, de forma alguma, problema do paciente, mas sim do hospital. Afinal a mesma lógica capitalista que dirige uma empresa dirige o hospital, conforme o próprio Henfil afirma. Portanto, as necessidades do cliente devem ser atendidas.

A formação cultural brasileira é recursiva ao transformar a vítima em culpada, como exemplifica o ditado: *“todo povo tem o governo que merece”*. Henfil se coloca no papel de penitente, análogo ao raciocínio católico, segundo o qual, *“a morte é o salário do pecado (Carta de São Paulo aos Romanos 6: 23)”*. Todo o sofrimento tem origem e causa no pecador, por isso resigna-se e elege o problema lingüístico como principal fator de entrave ao tratamento adequado.

A vergonha que Henfil afirma sentir também advém do sentimento hierárquico, estabelecido na interação entre médico e paciente. Nesta relação, o médico é detentor do saber e o paciente mero relator de seu problema, e neste caso, há ainda o agravante lingüístico. Henfil se posiciona ou é levado a se posicionar, de maneira subalterna por ser

“bicho ignorante” em suas próprias palavras, verificando em si o motivo de entrave na comunicação. Neste caso específico de diálogo médico-paciente não faria grande diferença, do ponto de vista clínico, porque nos EUA os médicos, ao contrário do que se espera dos médicos brasileiros, tratam da doença, não do doente, como explica D’Alcantara, outro mineiro que viajou aos EUA.

Médico americano quase nem escuta direito o paciente, a menos que seja dos delicados, que fazem anamnese mais por cortesia. Essa confusão de dor “nos peito que responde na cacunda”, ou que dói atravessada, “daqui pra cá”, não lhe causa nem preocupação nem perda de tempo. Se a doença não está quase do lado de fora, evidente, saltando aos olhos, o que manda é o raio X, o laboratório, o cardiógrafo, e outros aparelhos que fazem gráficos, (D’Alcantara 1959:182)

Nestes excertos, vê-se que a valorização extremada da língua inglesa está sendo reforçada pela estada de Henfil em Nova Iorque. Henfil e sua geração foram levados a perceber, no domínio do inglês, um símbolo de cultura superior, mais uma vez reiterado como um sinal de “civilização”. A língua inglesa no Brasil, pelo seu acesso restrito a uma pequena elite, faz com que os brasileiros monolíngües se sintam inferiores, como aponta Henfil: “bicho ignorante”. O indivíduo acaba se colocando na condição de marginalizado por não dominar a língua inglesa.

A condição de Henfil, perante os americanos, pode ser resumida pela seguinte frase “Posso me tornar o maior humorista do mundo, mas serei o mais merda dos homens se não falar inglês” (Henfil op cit: 19).

Há nesta frase uma evidência de que Henfil pode estar se vendo através do outro, neste caso, o médico norte-americano. A imagem social criada, originada de um processo histórico e de produção de discursos que *negam ao brasileiro a condição de sujeito histórico, outorgando-lhe apenas a condição de sujeito cultural (Orlandi: 1990: 14)*. Em

razão desse mecanismo o brasileiro, ainda que bem informado e politizado, só se torna sujeito histórico quando aprende a língua estrangeira. Segundo Henfil:

O inglês, (não saber) é aleijão. Isto aí no Brasil já era um sufoco, já me tornava uma pessoa de segunda classe. Imagine aqui. Me sinto de segunda classe para os homens, para as mulheres, pros dogs e postes. Pode ser um chato, mas o brasileiro que fala inglês tem a minha inveja, e, se pudesse, eu matava ele a dentadas (Henfil op cit: 19, 20)

Neste trecho há a confirmação de que para Henfil saber inglês se torna um fator determinante do nível social e intelectual do indivíduo, inclusive para ele mesmo. O inglês é, portanto, um bem simbólico que confere “prestígio, honra ou posição de classe desejável” (Goffman: 1978:53) aos brasileiros que o falam. Este bem simbólico é acessível apenas à pequena parte da população, e por ser muito restrito acaba por supervalorizar seus detentores ou possuidores. Além de indicar a condição intelectual do indivíduo, o domínio da língua inglesa aponta a origem de classe do indivíduo.

Apesar de ser (mal) ensinado nas escolas públicas do país, poucos brasileiros domina(va)m a língua inglesa, fator que aumenta ainda mais seu valor perante a sociedade, pois essa língua estrangeira, como os demais bens de cultura, está ligado à lei da oferta e procura do “mercado”. O fato de ser ensinado nas escolas públicas, e ainda assim estar restrito a um pequeno grupo destaca a capacidade intelectual dos falantes de inglês e aumenta a crença de que esta seja “uma matéria difícil”, passível de ser apropriada por um pequeno grupo de intelectuais, criando, portanto, uma espécie de círculo vicioso. Da mesma forma, todos acreditam ser a música erudita um sinal de cultura superior, ou qualquer tipo de atividade cultural, (balé, ópera, etc) que não faça parte do universo cultural do cidadão mediano. Num país em que a segregação por classes é quase tão abrupta e marcada quanto a segregação racial da (antiga) África do Sul é inevitável que a posse de um bem, ainda que simbólico, torne o possuidor uma pessoa de status

diferenciado. Por isso Henfil inveja os brasileiros falantes de inglês. Por paradigmas como estes, um negro famoso no Brasil se torna mais branco e menos negro, de acordo com sua fama e dinheiro. Daí a afirmação de Pelé de nunca ter sofrido qualquer tipo de preconceito racial no Brasil, um país sabidamente preconceituoso, em que a frase “*preto parado é suspeito, correndo é ladrão*” é um exemplo público e notório da ausência de uma tão propalada “democracia racial”. Esse mesmo país que se orgulha do samba, do futebol e das mulatas, não teria lugar para um intelectual que não soubesse inglês. Seria estranho, que um intelectual como Henfil, justamente por ter vindo de camadas médias da população não sentisse inveja dos falantes de inglês e, principalmente da aura de intelectuais que os falantes de língua estrangeira detêm.

Henfil aparentemente se espelhava em Millôr Fernandes, símbolo da intelectualidade brasileira, e conceituado tradutor de peças teatrais francesas e inglesas, inclusive peças escritas em inglês arcaico. Apesar da associação imediata da língua inglesa com o imperialismo norte-americano, a imagem que prevalecia era, porém, a de um intelectual mais bem preparado, por isso Henfil necessitava aprender inglês para sanar esta “má preparação”, em suas próprias palavras, corrigir “um aleijão”. Para resolver este problema, Henfil tenta se inserir na comunidade de falantes de inglês nos EUA e sair de seu apartamento, deixando de ver as coisas como turista e, além disso, esperar os telefonemas de Paulo Francis para traduzir o que havia visto pela televisão. Henfil já estava há seis meses nos EUA e trabalhava apenas para alguns jornais brasileiros e Pasquim. Seu contato com os EUA eram apenas televisão e as raras idas ao New York Hospital. Em uma das cartas, a de 17-12-73, Henfil diz entender a frase de Ivan Cessa “eu morava em inglês e vivia em português” (Henfil op cit:107). Era assim que Henfil estava vivendo, visto que ele mesmo afirmava se assustar ao sair e ouvir os vizinhos falando inglês. Esse recolhimento ao apartamento é provavelmente resultado dos vexames pelos quais passou por não saber falar inglês. Um de seus principais objetivos, era o de publicar nos grandes

jornais americanos, e isto seria impossível de se conseguir estando insulado no apartamento assistindo a televisão e indo apenas ao hospital. Era preciso de uma vez por todas aprender inglês, e para realizar tal intento Henfil não hesitou em voltar para a escola.

3.1 - O perfil sócio-econômico-racial de Henfil no contexto americano

A rua proporcionaria a Henfil oportunidades de interações que serão de grande valia para formar, ou reformar seu juízo de valores em relação à sociedade americana e aos americanos. No entanto tais interações pouco contribuíram lingüisticamente. Uma das primeiras surpresas de Henfil será o tratamento hostil dispensado aos estrangeiros. Nos EUA, segundo Henfil, os estrangeiros precisam se sentir estrangeiros:

Sou o único paciente estrangeiro e uma fisioterapeuta já me fez sentir isso durante uma semana. Quando soube que eu era do Brasil, passou a cantar debochado e revirando os olhinhos: La Cucaracha...La cucarááácha...” (Henfil op cit: 29)

Henfil fica surpreso e ofendido pela atitude claramente xenófoba da enfermeira, provavelmente por causa da idéia que ele fazia dos EUA. Acreditava que seria tratado com cortesia e camaradagem, uma vez que o país é formado por imigrantes. No entanto, percebe que novamente o fator lingüístico interferiu para que não recebesse um tratamento mais digno pois por não falar inglês é imediatamente identificado com os porto-riquenhos, um grupo muito estigmatizado em Nova Iorque. Além disso, o tratamento não era compatível com o que havia visto em filmes ou seriados de televisão em que todos os médicos e enfermeiros eram dedicados e sensíveis às dores dos pacientes. Se Henfil esperava encontrar no New York Hospital a reprodução dos cenários dos filmes a musiquinha serviu para colocá-lo em sintonia com a realidade do sistema público hospitalar norte-americano. Henfil se sente duplamente humilhado por ser confundido com um porto-

riquenho e ser chamado de “cucaracha”. O motivo da vergonha de Henfil é a sua ignorância do inglês, e por não ser igual aos americanos, desejo aparente de toda a sua geração. Por esta razão a ofensa da musiquinha é grave porque o próprio Henfil ao descrever uma família de porto-riquenhos é impiedoso, beirando o racismo: *“São umas bolinhas de gordura. Uma feiúra!... A barriga cresce, os peitos, a bunda, as bochechas. Mas as pernas continuam fininhas, o que lhes dá a aparência de uma azeitona com dois palitos espetados”* (Henfil *op cit*: 91,92).

Essa descrição racista dos “primos porto-riquenhos” é um efeito do racismo colonial: *“conjunto de condutas, de reflexos adquiridos, exercidos desde a primeira infância, valorizado pela educação, o racismo colonial está tão espontaneamente incorporado aos gestos, às palavras, mesmo às mais banais”* (Memmi *op.cit*: 69) O racismo considerado *“uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista”* (Memmi *op cit*: 69), se faz presente na descrição de Henfil, como não poderia deixar de acontecer com alguém que vivia em um país que se deseja multirracial e não racista, mas que apresenta na sociedade um racismo forte, ainda que dissimulado. Embora no Brasil o tratamento oferecido aos negros seja muito pior que o tratamento dos norte americanos aos porto-riquenhos ou latinos em geral, convivemos e acabamos por crer no mito da “democracia racial” por causa da miscigenação. Por sermos uma nação “morena”, embora o estrato superior da sociedade seja composta em sua esmagadora maioria por brancos e a camada mais pobre composta de negros, não se conota a isso racismo, mas apenas e tão somente má distribuição de renda. Insere-se, assim, uma questão racial na questão econômica e continuamos a crer na democracia racial cantada em prosa e verso pelos poetas e prosadores oficiais. Por esta razão, Henfil se sente ofendido pela discriminação sofrida em Nova Iorque pois no Brasil, era considerado branco e merecedor de atenção especial, dada sua notoriedade na imprensa.

Um exemplo servirá de amostra de como a sociedade americana é impermeável aos estrangeiros. Uma amostra patenteadora deste fenômeno será, sem dúvida, a festa do dia de ação de graças ou, “thanksgiving day”, dos brasileiros residentes em Nova Iorque. Na descrição da festa, Henfil mostra como é possível alimentar uma ilusão que já se sabe natimorta, mas que não pode ser abandonada, sob pena de ser um fracassado.

No meio de brasileiros sitiados e desintegrados, que passei meu primeiro Graças a Deus nos Estados Unidos. Uma tristeza. O jeito deles agüentarem a segregação é tomar porre. E falar do Brasil. Vontade de dizer para esta gente triste, que fica juntando dinheiro pra comprar apartamento em Copacabana, dizer pra eles voltarem pro Brasil antes que esta doença que é ser estrangeiro os aleije definitivamente. (Henfil op cit: 36)

Estes brasileiros se encontram entre duas forças opostas e igualmente opressoras: a tentativa de integração, que dependerá do meio social de origem do estrangeiro, e a que meio ele deseja se inserir no novo país. Um brasileiro, ao emigrar para os EUA, poderá ser acolhido por americanos, numa remota hipótese, caso tenha igualdade financeira e seja de origem européia como os americanos, caso contrário a integração será quase impossível. Há um forte sentimento xenófobo entre os americanos por acreditarem que os imigrantes foram incapazes de fazer fortuna em seus países e por esta razão “invadem” os EUA, beneficiando-se do trabalho dos americanos. Não seria exagero afirmar que os americanos apenas suportam os estrangeiros: “E os americanos vão engolindo os porto-riquenhos como se fossem supositório” (Henfil op. cit. 94). A outra força que oprime o imigrante em geral e também os brasileiros, estaria em ter que admitir a vergonha da “incapacidade” em romper a segregação e passar por fracassado, por não “ter feito a América”. Para isso, seria necessário enfrentar a dura realidade de que os sonhos hollywoodianos eram apenas sonhos e não transposição da realidade para a tela.

Para Henfil a hipótese de retorno ao Brasil, para as pessoas reunidas na festa do Thanksgiving, fica cada vez mais distante, à medida que um ou outro brasileiro consegue uma inserção mínima na sociedade americana, (caracterizando antes uma exceção do que regra, mas que é vista como regra absoluta pelos outros que insistem na permanência e na procura do Eldorado). Os “felizardos” servem como um sopro para reacender as cinzas das esperanças da grande maioria de estrangeiros excluídos. São por isso, motivo de inveja dos outros, “os rejeitados”. Na festa do “tanquisguivim” aparece um exemplar desse estrangeiro em processo de “nativização”. Henfil descreve a cena com um sentimento misto de desprezo e incredulidade.

E o cara que estava esticando pelas festas (“vim só tomar um bom, autêntico, inigualável cafezinho brasileiro”) lamenta ter que ir, pois prometeu passar no tanquisguivim de um casal americano amigo. A inveja come todos...Vai lá para não parecer grosso, porque brasileiro tem aquela fama, né? Não cumpre compromissos. Mas ele é diferente, é por isso que está dando certo aqui e vai ter muita dificuldade de se adaptar de novo se um dia (cruz credo) tiver que voltar pro meu Brazilzinho esculhambado. A gente se acostuma, mas eu? Sei não.... Saiu ele e ficamos nós ali, rejeitados de tudo. (Henfil op. cit. 36,37)

Nessa descrição é perceptível o processo de uma orgulhosa desnacionalização do brasileiro, pretensamente aculturado e que teme ser estrangeiro se tiver que, contra a vontade, retornar ao país natal. A passagem desse brasileiro pela casa dos amigos brasileiros foi apenas para ostentar sua nova condição de aceito no “paraíso”, ou um “penetra consentido”. Os outros são “penetras excluídos” e ignorados, como se fossem invisíveis, por esta razão, a tentativa de negar a nacionalidade e tentar se parecer com um “convidado” nativo. Porém, essa pretensa aceitação é muitas vezes efêmera, da mesma forma que um órfão é convidado para passar o Natal e Ano Novo com uma família rica e cristã, embora nos demais dias do ano seja simplesmente ignorado, quando não visto com asco. Ainda que seja efêmera essa aceitação, os americanos, em alguns casos, apresentam

o amigo brasileiro como se esse fosse uma atração circense. Esta aparente aceitação é suficiente para reanimar a esperança do estrangeiro, além de causar inveja nos demais compatriotas ainda não “aceitos”.

Apesar da alegada intenção desses brasileiros em se tornarem “sobrinhos do Tio Sam, eles não queimam as pontes que os ligam ao Brasil, deixando-os em uma situação contraditória entre ser ou não ser brasileiro, e tornar-se ou não norte americano:

Ai que tristeza. Esqueci de falar da casa. É uma verdadeira boutique brasileira. Toda decorada com bonecos do Vitalino e tudo quanto é peça que, acham, dará ao lar uma cor bem Brasil...Parece uma tentativa de, dentro de um apartamento, reconstruir o ambiente, e a terra perdida talvez para sempre. Recusam a reconhecer que voltarão. (Henfil op.cit: 38)

Esse tipo de decoração é uma amostra significativa da divisão do sujeito que emigra, ainda que temporariamente, com a pretensão de permanecer no novo país. Há nos EUA um forte apelo à aculturação, devido ao seu poderio econômico e político, e por ser o paradigma de país desenvolvido para nós sul-americanos. Conseqüentemente, os habitantes do lado de baixo do Equador invejam a imagem paradisíaca da América do Norte trazida pelo cinema. A inserção na sociedade americana, dependendo da origem social do imigrante, e a que classe social deseja inserir, poderá ser dificultada por causa da imagem dos latino-americanos nos EUA. Outro fator que atormentará o imigrante é o sentimento de traição, que aumentará a dúvida e a angústia em permanecer ou não no novo país. A rejeição, provocada pela dúvida, faz com que, pelo menos dentro do apartamento, o imigrante se refugie no país natal com suas imagens e símbolos, ainda que sejam estes estereotipados e pouco representativos da cultura regional do morador. O efeito dessas imagens faz brotar uma identificação artificial do que significa ser brasileiro, servindo de alento ao expatriado, lembrando-lhe que há um lugar em que é possível não ser estrangeiro.

A comparação que Henfil faz desses brasileiros é a de que estejam *“brincando de americanos feito as crianças brincavam de caubóis. Thanks a lot! Xarap! Camonibói! Camirríri!”*. (Henfil *op. cit.* 38)

As crianças, no entanto, têm a possibilidade de voltar ao seu ambiente natural após a brincadeira, os estrangeiros inventam um ambiente brasileiro com a utilização de decoração com objetos que o façam se sentir em casa, ou seja um exílio dentro do exílio. Outras formas de se aproximar do Brasil são as festas e os assuntos sempre sobre o país, comentados da mesma forma que aqui, tragédias contadas como piadas, como os casos de brasileiros pegos pela Imigração, entre outras.

Nesta festa alienígena de “Thanksgiving”, Henfil percebe uma ponta de esperança ao ouvir algumas palavras em relação aos jornalistas do Pasquim:

Zé, transmita aí o que disse uma brasileira meio burrinha, na festa do tanquisguivim. Quando soube o que significava a nova censura ela disse:

-Vocês têm que agüentar. Resistir à censura é tarefa para gênios. Todo mundo no Brasil chama vocês de gênios. Não acabem com a última ilusão que ainda alimentamos...

*Assim dito no meio daquela tristeza, me marcou. (Henfil *op.cit.*: 39)*

Nesta mesma carta, de 23-11-73, Henfil faz duras críticas a estes brasileiros “desbundados” como um meio de avisar, simbolicamente, que ainda se mantém fiel às idéias comungadas entre os companheiros do Pasquim, e que não cedeu à tentação oferecida pela sociedade de consumo americana. Henfil acredita ser necessário avisar que estes brasileiros rejeitados não são felizes, por mais que dissimulem uma vida melhor, ainda que apenas materialmente. Reconhecer que a vida é melhor nos EUA seria uma forma de dizer que todos no Pasquim, nos outros jornais e nos órgãos de resistência à ditadura estavam errados, que o socialismo é um erro e que só o capitalismo salva. Caso não fizesse essa observação estaria sujeito a ser considerado um traidor, deslumbrado, ou

em bom português “um vendido”. Por esta razão, Henfil é tão contundente em suas críticas aos brasileiros no exterior, pois vê neles traidores, como insinua este trecho da carta de 24-11-73:

Meu irmão, tô com uma monstra duma saudade dos nossos papos, e descobri que meus amigos do Brasil são mais inteligentes e dialogáveis que esta cambada de gênios que tem aqui em New York. Fico meio derrotado. Pô preciso parar de comprar a angústia que sinto nos outros vivendo falsamente aqui. (Henfil op cit: 41)

O “rescaldo” da festa do Dia de Ação de Graças não seria nada bom para Henfil porque funcionaria como uma espécie de museu das ilusões perdidas.

3.2 O “Tanquisguivim” Tupiniquim

O feriado do dia de ação de graças foi tão marcante que atingiu a saúde de Henfil, provavelmente porque estava somatizando a angústia daqueles brasileiros considerados “apátridas” e temia passar pelo mesmo processo de renegação da nacionalidade sem atingir a inserção na sociedade americana, como julgava ser o caso dos brasileiros presentes na festa. Outro fator que acentuou a depressão de Henfil era a natureza da festa do Dia de Ação de Graças, uma festa eminentemente familiar, com a participação exclusiva do núcleo familiar, pai, mãe e filhos. Não é nada parecida com o nosso Natal em que participam das ceias e das festas os parentes distantes e amigos, trocando presentes em clima de confraternização. O dia de Ação de Graças é uma festa nacional americana, realizada para celebrar a conquista da nova terra, que não faz o menor sentido para nós sul-americanos. A tentativa dos brasileiros de reproduzir uma festa de “Thanksgiving” com os amigos aumenta ainda mais a depressão por causa do clima natalino, indesejadamente, criado.

Parece que quanto mais se tenta imitar os americanos maior se torna a diferença cultural de brasileiros e americanos, ressaltando o temor da não inserção na sociedade americana. Henfil, com o intuito de se distanciar desses brasileiros, passa a estudar inglês sistematicamente, afinal havia sido esta uma das razões que o teria levado aos EUA. Então, qual seria sua abordagem à língua? Henfil aborda a língua com uma certa cautela e desconfiança: *“Resolvi aprender inglês conforme é permitido. Arrumar algum americano para conversar inglês comigo. Acho que vai dar pra conversar na rua”*. (Henfil op cit: 27). A primeira tentativa de abordar o idioma foi através de conversas com uma jovem americana, que gerou resultado pouco animador, *“porque a professora nada sabia de português, e (dizem as más línguas) que o aluno não se concentrava nas aulas por causa dos belos olhos azuis da professora”* (Moraes op. cit.: 184). Embora essas aulas parecessem improdutivas, serviram para que Henfil se familiarizasse com a nova língua, pois professora e aluno passavam horas “conversando”, ela em inglês e ele em português. O temor de permanecer marginal à grande sociedade americana medeia a experiência de Henfil nos EUA. Ele cogita a hipótese de que a diferença histórica entre Brasil e EUA pode aumentar a estereotipação a respeito dos sul americanos. Ao contar para Kim, sua professora de inglês, os reiterados e sistemáticos desrespeitos aos direitos humanos, percebe em si mesmo a ocorrência do que “Hannah Arendt” chamou de banalização do mal:

Passei a ter orgulho das truculências, por causa do efeito que causavam nos ouvintes. No dia em que contei sobre o Matta Machado, (jornalista assassinado pela repressão) a Kim chorou. De repente noto que estou reforçando a visão racista americana: nós, os negros, somos mesmo uns animais...Mas rapaz, esta de ter orgulho de sair contando sobre a violência brasileira foi uma descoberta muito importante para mim. Cadê minha capacidade de indignação? Acostumado no pau, passei a valorizá-lo. Fiquei deprimido. (Henfil op cit: 87)

Henfil começa a mudar sua própria visão estereotipada dos americanos, uma vez que Kim demonstrou sensibilidade com os problemas brasileiros. Para Henfil os americanos olhavam apenas para o próprio umbigo, apoiando, assim, a política exterior de Washington de manter e apoiar as ditaduras militares sul americanas e os conseqüentes desrespeitos às normas elementares da democracia e direitos humanos. Além de começar a perceber as diferenças entre governo americano e o povo americano. Henfil percebe que a longevidade da ditadura brasileira é um problema alimentado pela histórica falta de capacidade de indignação do povo brasileiro, que considerava a ditadura algo absolutamente normal, não um roubo de seu direito de escolher os governantes e influir nos destinos do país. Essa percepção fará com que o jornalista observe mais o povo e menos os atos do Departamento de Estado da Casa Branca, minando a visão maniqueísta de que todos os males sofridos pelo povo brasileiro advêm do exterior e não de nosso próprio processo histórico de formação.

Ao descrever as etnias existentes em Nova Iorque, Henfil demonstra que alguns mitos cairão por terra, como por exemplo, a ausência de racismo. Aos japoneses e porto riquenhos, Henfil reserva uma especial adjetivação, aos japoneses por causa da busca de integração ilimitada:

Os japoneses se integraram totalmente nos EUA Você só sabe que é japonês por causa do olho. Imitam o americano feito macaquinhos. Dá até vontade de rir. Conseguem, mais que os próprios americanos, vestir todos produtos americanos de uma vez. Óculos rayban, cigarro Marlboro, jaqueta Lee, calças Lee, relógios digitais, medalhões hippies, botas de cowboy, gravadores e mil apetrechos eletrônicos. (Henfil op cit: 90)

Essa descrição contundente dos nipo-americanos lembra muito as críticas feitas à juventude brasileira do mesmo período, inclusive o mesmo adjetivo macaquinho era usado fartamente. O jornalista via nos nipo-americanos uma atitude de desprezo à cultura dos

antepassados semelhante a atitude da juventude brasileira que aceitava todos os produtos made in USA acriticamente. Em seus quadrinhos, Henfil denuncia o processo de aculturação dos jovens brasileiros através do consumo de produtos americanos, e inclusive no uso de palavras estrangeiras. A fúria anti-americana não era pouca. Henfil, em 1972, já denunciava o esquema de massificação da música americana, e conseqüente marginalização da música popular brasileira, promovida pela Rede Globo e gravadoras multinacionais através do Festival Internacional da Canção. Denunciava em seus quadrinhos esse “colonialismo cultural” substituindo o nome do prêmio de festival de galo de ouro por “galo de Tróia”, e que era entregue pelo Tio Sam em pessoa. Para reagir a esse entreguismo Henfil criou o prêmio Urubu de Prata, a ser entregue a personalidades da MPB. Pixinguinha e Chico Buarque foram os primeiros contemplados. Com estas atitudes é possível perceber em Henfil uma característica comum tanto às forças políticas de direita, quanto de esquerda. Característica chamada de “nacionalismo por subtração”, pois tanto os esquerdistas quanto os direitistas *“esperavam achar o que buscavam através da eliminação do que não é nativo”* (Schwarz 1989:33). Esta forte posição de defesa da cultura nacional, ao criar o Urubu de Prata e ao condenar as atitudes consideradas entreguistas dos jovens tanto brasileiros, quanto os nipo-americanos seria muito comum na carreira de Henfil. Sua intolerância com quem acreditava existir algo de bom na influência estrangeira era reconhecida. Henfil nunca perdoou o comediante Juca Chaves por afirmar que *“a influência estrangeira enriquece a cultura de um povo.”* (apud Moraes op cit: 141)

Ainda que as etnias e suas atitudes em relação ao padrão norte-americano sejam descritas por Henfil de uma maneira pretensamente objetiva, esta descrição tem sempre como ponto de partida - a atitude dos brasileiros em relação ao “American Way of Living”

Ao descrever os porto-riquenhos, Henfil assume uma perspectiva racista, semelhante a norte-americana e lamenta por sentir o que sente, mas não consegue vê-los

de outra forma. A descrição dos porto-riquenhos, na carta de 5-12-73, ocupa quase três páginas do livro, com uma confissão envergonhada de que, como os demais brasileiros racistas em Nova Iorque, era surpreendido pela mesma rejeição aos parentes “cucarachas”:

Não há consciência política que me faça sentir diferente. E seria hipocrisia negar. E me dá uma vergonha enorme, por identificação. É irmão meu, família minha que me envergonha. Me lembro agora de uma frase de frei Xico, que dizia que “pobre fede” para dizer por que que nós, da elite intelectual de Belo Horizonte, tínhamos dificuldade de trabalhar com os favelados, operários. Pobre fede. Claro. Bom lutar por eles, longe deles. (Henfil op cit.: 91)

Embora afirme não desejar se inserir na fechada sociedade americana Henfil procura se distanciar dos “parentes porto-riquenhos” como se assim fosse possível não perceber o preconceito dos americanos em relação a ele ao identificá-lo como porto-riquenho. Esta tentativa de fuga é impossível:

Assim como não se pode escapar à mistificação colonizadora, não poderia subtrair-se a essas situações concretas, geradoras de carências. Em certa medida, o retrato real do colonizado é função dessa conjunção. Invertendo uma fórmula precedente, pode-se dizer que a colonização fabrica colonizados como fabrica colonizadores (Memmi op cit: 86)

Henfil, por ser um intelectual de prestígio e de uma classe privilegiada no Brasil, se identifica com os porto-riquenhos, no entanto não quer ser objeto do mesmo preconceito sofrido por eles. Em virtude desta tentativa de se preservar do preconceito dos norte americanos acaba, confessadamente, agindo como os norte americanos, preconceituosamente. Nesta mesma carta, há uma descrição da “ofensa” feita por um porteiro de prédio. Henfil, ao tentar entregar um pacote a uma amiga, foi barrado pelo porteiro, possivelmente por confundi-lo com um porto-riquenho. Henfil, nesta ocasião, vestia um casaco de pele de coelho, além disso tinha farto bigode, ambos tipicamente

porto-riquenhos, ainda assim se sente ultrajado com a confusão e simplesmente desiste de subir ao apartamento: *“Deixei o pacote na portaria e saí furioso. Cheguei em casa e arranquei o casaco, aliviado de tirar a pele, o estigma, a identificação porto-riquenha. Eu, tá? Quem diria!”* (Henfil *op cit*: 92). A ofensa sentida por Henfil é bem típica do nosso país, onde a frase “você sabe com quem está falando?” demarca a posição das pessoas na sociedade, semelhante às posições de nobres e plebeus na Idade Média. Henfil sabia que não era possível subir ao apartamento da amiga sem ser antes anunciado. No Brasil talvez a situação fosse diferente, caso o porteiro conhecesse o visitante, mas por que Henfil deveria ter um tratamento diferenciado nos EUA? Havia, é claro, o agravante da aparência de Henfil, pele morena, bigode e casaco de pele de coelho, (cafona para os americanos), estereótipo do “suspeito de sempre” nos EUA. Enfim, dois fatores concorreram para que Henfil se sentisse ofendido, o tratamento impessoalizado do porteiro, (sinal de desprestígio para nós brasileiros) e obviamente o aspecto do preconceito racial-social ao ser confundido com um porto-riquenho.

Por que foi necessário viajar milhares de quilômetros para perceber a existência desse racismo cá entre nós? Ou será que Henfil, mineiro, vivendo no Rio de Janeiro nunca havia percebido a discriminação dos cariocas em relação aos migrantes, mineiros ou “paraibas”, como são chamados os nordestinos. Provavelmente sua posição social e intelectual tenha servido de eficiente escudo para protegê-lo de situações constrangedoras de discriminação regional ou étnica, porém ignorar essa situação é algo impensável, principalmente para um jornalista. As experiências discriminatórias e vexatórias pelas quais passou, trouxeram-no à realidade do preconceito em todos os lugares, inclusive de um outro tipo de preconceito de oprimido brasileiro para oprimido porto-riquenho. Esse duro aprendizado serve para Henfil delimitar povos e pessoas com ou sem dignidade. Os dignos são aqueles que preservam sua cultura, língua e costumes sem nenhum desejo de se incorporar ou ser incorporado na sociedade americana. Neste grupo, estão os negros que

vivem em seus bairros e não se “misturam” com os brancos, os japoneses idosos que muitas vezes não falam inglês, há lugar inclusive para um grupo de porto-riquenhos:

Mas ainda sobram alguns destes latinos com um resto de orgulho. Tanto que costumam pedir sua independência explodindo bombas em prédios e restaurantes de New York. Além de feios, gordos, analfabetos (não falam inglês, né), ainda são terroristas! Mais que o Vietnã, os EUA vão pagar (estão) caro por ocupar Porto Rico (Henfil op cit: 94)

A comparação, entre povos e grupos dignos e indignos, é sempre feita levando em conta o modo de aceitação ou rejeição aos modos de vida difundidos pelos norte americanos. Por esta razão, os terroristas porto-riquenhos são os heróis e, portanto dignos, da mesma forma que os brasileiros que resistiam à ditadura. Assim, os brasileiros que aceitaram os modos de vida norte-americana são “os vendidos”, “os pelegos” e os que resistiam eram os heróis. Na época, resistir à cultura americana era resistir à ditadura, pois ambas estavam ligadas, pelo menos na concepção de alguns, como matriz e filial.

Um aspecto a ser ressaltado nesta qualificação de digno e indigno é a questão lingüística. Henfil se refere aos porto-riquenhos como analfabetos por não falarem inglês, e por isso, são colocados em posição mais inferiorizada que a dos negros, pois estes, pelo menos, falam inglês. Segundo Henfil, a questão étnica, (cor da pele), aliada à lingüística determina a presença e o grau de estigmatização de cada grupo étnico. Talvez por esta razão, os brasileiros e também Henfil, tentem se desvencilhar de qualquer traço que possa identificá-los aos porto-riquenhos, daí o esmero com que os brasileiros tentam falar inglês, como Henfil demonstrou na festa do dia de Ação de Graças. Os brasileiros mais admirados e os que aparentemente estavam se inserindo na sociedade americana eram aqueles que falavam bem inglês, e não “inglesol” como eles mesmos adjetivavam o inglês falado por imigrantes latinos.

Antes de iniciar as aulas de inglês propriamente ditas, Henfil percebeu que essa língua estava se tornando cada vez mais importante para ele, porque lhe proporcionaria sensação de conforto. Aumentaria a probabilidade de não ser confundido com um porto-riquenho. Além disso, obteria um instrumento que o tornaria independente nas tarefas cotidianas que exigissem interação com americanos. Ao mesmo tempo, poderia fazer com que os amigos no Brasil o confundissem com um traidor, ainda que esta possibilidade existisse apenas em seu imaginário. Afinal, como já foi possível perceber, Henfil tinha um péssimo conceito a respeito dos brasileiros que lá estavam a fim de fazer “pé-de-meia”, ou se naturalizar americano. No momento em que Henfil começa a freqüentar aulas de inglês, ele se vê como um brasileiro traidor e hipócrita por estar fazendo aquilo que considerava traição. Henfil temia que ao aprender inglês se distanciaria dos “primos” porto-riquenhos e se aproximaria dos “patrões” de origem “WASP” (branco, anglo-saxão, protestante), embora não tivesse nenhuma dessas características. Não desejava, entretanto, manter-se analfabeto, como ele mesmo se referia aos porto-riquenhos, por não falar inglês. O dilema de Henfil estava ligado à questão lingüística, temia que ao adquirir a língua inglesa sua nacionalidade fosse ameaçada. Enquanto monolíngüe, Henfil era e se sentia brasileiro, mas ao dominar o inglês não podia prever as conseqüências, daí seu temor em se tornar fluente em outra língua, e ter de optar por um país, pois não conseguia dissociar língua e país, portanto, falar inglês era se tornar americano

A princípio, prefere aprender inglês, ainda que esta atitude custe um pouco de sua credibilidade como brasileiro, nacionalista e também socialista, era preciso porém, dominar a língua que o tornava “inferior”. Nas aulas, há diversas situações que demonstram haver um conhecimento aparentemente seletivo, como se apenas algumas coisas fossem possíveis de serem percebidas, como neste excerto:

Parei um pouco porque a Kim veio pro nosso papo em inglês. Falamos sobre o Chile e ela falou com a cara mais séria do mundo que estava muito envergonhada pelo que os Estados Unidos ajudaram a fazer lá. Tentei de tudo que é maneira acreditar na

sinceridade dela. Mas é difícil. Não sei se é pela raiva que tô do massacre, só sei que a palavra "envergonhada" me soou fraca. Impotente. Talvez se ela tivesse falado "indignada" eu teria aceitado mais. Mas o que é "envergonhada"? Me cheira a cumplicidade de mãe com filho. (Henfil op cit: 101)

Henfil não percebeu a dimensão da palavra "shamed," ou "ashamed" que seguramente são traduzidas para português como "vergonha", ou "envergonhado". No entanto, servem para designar um sentimento que em português sugere timidez ou acanhamento. Em inglês tais sentimentos são designados pela palavra "shy". As palavras "shame" ou "ashamed" sugerem um sentimento de vergonha somado ao sentimento de culpa, muito próximo ao que a palavra "remorso" sugere. Por esta razão, é possível que Henfil tenha entendido mal o sentimento de Kim em relação à barbárie perpetrada pelos militares chilenos com a ajuda da C.I.A, do Departamento de Estado Americano, da ITT e do governo brasileiro, (é muito bom que não se esqueça). Por esta razão, o preconceito de Henfil, em relação ao propalado desprezo do povo americano pelos latino-americanos, pode ter se intensificado por causa de um verdadeiro mal entendido.

Nesta mesma aula com Kim, há um acontecimento que merece uma discussão inclusive do ponto de vista cognitivo. Henfil lia o jornal em voz alta para "pegar pronúncia", como ele mesmo afirma. Consegue entender nesta leitura, aparentemente mecânica, uma notícia a respeito da morte de uma aposentada. A senhora idosa, por falta de dinheiro, alimentava-se apenas de um sorvete por dia, mas ainda assim pagava o aluguel pontualmente. Qual a razão de ter Henfil entendido esta trágica notícia entre tantas outras? Acredito que a razão esteja além da mera capacidade de compreensão do léxico e da gramática. Muito provavelmente, Henfil se deteve nesta notícia que desmascarava o sonho americano, por ser este seu interesse, ou seja, qualquer coisa que desmistificasse o "Eldorado" tenderia a ser mais facilmente compreendido e comprometeria menos sua posição como jornalista e socialista. Henfil via, com tristeza, nos EUA a antecipação do

futuro do Brasil. *“É um modelo de sociedade igual a este que estamos construindo no Brasil prós nossos velinhos”*. (Henfil *op cit*: 102). É provável que a percepção da notícia tenha surgido desta preocupação com o processo de americanização pelo qual o Brasil passa. Por esta razão não foram entendidas ou dignas de nota as outras notícias, por serem corriqueiras, ou por ajudarem a manter uma falsa esperança na possibilidade de “sucesso-fama-fortuna”.

As habilidades cognitivas são também determinadas, ou ao menos estimuladas de acordo com o interesse específico do aprendiz. Outra possível explicação, para que o aluno entenda um texto e não outro, é o interesse imediato na compreensão do texto. Henfil estava ficando cada vez mais cético e decepcionado com a sociedade americana, e desejava compartilhar esta constatação com os companheiros no Brasil. Assim preferiu concentrar sua atenção e seu parco conhecimento de inglês em uma notícia que desmascarasse a imagem de país das oportunidades, e da justiça. Através da observação de fatos deste tipo, Henfil informava os companheiros de seu progresso na aprendizagem do inglês e também relatava os problemas americanos, que previsivelmente seriam problemas brasileiros. Demonstrando preocupação com os futuros problemas brasileiros Henfil consegue manter a confiança dos amigos em sua fidelidade ideológica. Do ponto de vista cognitivo, é possível perceber que textos em que são discutidas, ou pelo menos apresentadas, questões com interesses específicos do aprendiz determinam melhor compreensão, e conseqüentemente maior velocidade de aquisição da língua alvo.

Outro fator determinante na aquisição da língua alvo é a imagem do esforço que o aprendiz deve fazer para produzir os sons desta língua. No caso de Henfil, a imagem desse esforço não é nada nobre, pelo contrário, vê o esforço de produzir os sons do inglês com forte temor de se desmasculinizar, sentimento que estende aos outros brasileiros:

Apesar da vergonha dos outros brasileiros, eu falei inglês com eles. Eles foram extremamente pacientes. No fim fiquei com dor de

cabeça de tanto esforço. Até que sei falar alguma coisa, mas o que atrapalha é a cintura dura. Pra falar inglês a gente tem que desmunhecar um pouco a língua, e aí o machão aqui não é disto, né? E aí não me comunico. Já notei que as mulheres brasileiras falam inglês melhor que os homens. Porque se soltam no remelexo da língua. Parece que o homem tem vergonha de parecer que está falando inglês. Como se falar inglês fosse nos rebaixar, como se a gente quisesse dobrar o americano até ele falar português, como se aquilo fosse uma queda de braço. E o pior é que pra falar inglês tem que ser no cantado deles. E aí a gente se sente meio exibicionista, artista de cinema. E recua feito macho sério. Quando faço uma voz falsete para imitar um americano, o inglês é perfeito. Continuo resistindo a pronunciar as palavras no seu cantar legítimo. E tenho raiva de todos que falam inglês bem. Como se fossem traidores (Henfil op cit: 118)

Henfil explicita seu sentimento em relação à língua inglesa ou ao que ela representa, e também aos brasileiros que se “submetem” a aprendê-la. Esta dificuldade de Henfil, em pronunciar como um nativo, não decorre de causas físicas, como a necessidade de reeducação do aparelho fonador, ou cognitivas por não perceber diferenças semânticas. Ocorre por causa de uma recusa de identificação com os americanos⁹: No caso de Henfil, é clara a rejeição que apresenta em relação aos EUA e a qualquer coisa que faça lembrar a posição imperialista norte-americana, daí sua resistência em trabalhar pronúncia. Caso contrário, estaria sendo um traidor, tentando negar sua origem sul americana. Aprender uma língua é mais do que empregar um léxico e gramática distintos da língua nativa: “É também assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon: 1961: 48). Caso Henfil aprendesse inglês, estaria se integrando aos americanos, ou ao conjunto de estereótipos que forma os EUA: Henfil tentava se livrar de qualquer insinuação de traição ao fazer questão de manter seu “sotaque” brasileiro na pronúncia do inglês, caso contrário estaria sendo assimilado como americano e eliminado como brasileiro. Estaria “sendo

⁹ o processo de aquisição de língua estrangeira é um processo de introjeção que pode ser descrito em termos freudianos ou da Gestalt, algumas vezes a aceitação forçada da identificação, às vezes falsa com o estrangeiro, o alienígena. (Sabinson: 1983:154)

esmagado em uma grande máquina de moer carne para produção de hambúrguer”, a qual não deixa vestígios de origem do produto inicial e homogeneiza o produto final.

A resistência de Henfil era um sinal dos tempos, na época (1973), o lema da esquerda brasileira era resistir. Resistir sempre. Henfil percebia na vergonha dos compatriotas, ao vê-lo falar imperfeitamente inglês, com forte sotaque brasileiro, um indicativo do processo de americanização, considerada, obviamente, uma traição. Henfil, via na pronúncia “correta” das palavras, o processo de assimilação: “*o candidato à assimilação esconde seu passado, suas tradições, todas as suas raízes*” (Memmi *op cit: 108*). Henfil se vê como um parente pobre que deve ser evitado, pelos candidatos à assimilação. Não se sente diminuído, pelo contrário, percebe que o “sotaque” faz dele um “brasileiro legítimo”, que apenas utiliza uma outra língua com objetivo definido, não nutrindo por ela nenhuma afetividade, ao contrário dos “traidores” que se esmeram na perfeita pronúncia do inglês com o intuito escuso, segundo o entendimento de Henfil, de esconder a origem brasileira.

O processo de aprendizagem de inglês acabará sendo muito rico para Henfil, pois lhe permite crescer intelectual e politicamente, tornando-se menos ingênuo em relação a seu próprio país. A permanência no exterior lhe dará uma oportunidade ímpar de repensar o país e os motivos de orgulho nacional. Essa experiência é muito dolorosa, uma vez que todos os motivos de orgulho são momentos fugazes de glórias pessoais de indivíduos que, pouco ou quase nada, tem a ver com o restante da população, os quais contribuíram muito pouco para a melhoria da vida dessa população. Henfil percebe que a glória dedicada a estes brasileiros é apenas um tapa-buraco afetivo, a fim de minimizar nossa indiscutível insignificância como povo, ou como país, produtor de ciência, cultura e atletas, inclusive por causa da dificuldade de acesso do povo brasileiro a esses bens, (científicos, culturais e esportivos), já massificados nos EUA:

Arranquei um dente-de-leite aos 30 anos! Agora entrou na minha cabeça que Santos Dumont, Pelé, Garrincha, Fittipaldi, Éder Jofre, Jobim, e todos os dentes de leite do nosso orgulho nacional, não significam nada. Não significam nada por quê? Porque o fato de Santos Dumont ter nascido no Brasil não nos deu um avião nacional. O fato de Guimarães Rosa ser brasileiro não enriqueceu nossa capacidade intelectual. E descobri que aqui nos Estados Unidos é possível um Guimarães Rosa em cada grupo de 50 mil pessoas. E aí, Zé, dá raiva, vontade de voltar e derrubar o rei (Henfil op cit: 119)

O orgulho, por ser compatriota desses homens, existe porque tais pessoas emprestariam ao país suas realizações, evidentemente pessoais, que podem ser comparadas e admiradas até mesmo pelos países desenvolvidos. Essas realizações servem de paliativo para diminuir o evidente sentimento de inferioridade dos brasileiros em relação aos países desenvolvidos, e em especial aos EUA. No entanto esta ilusão, de que pequenos oásis de desenvolvimento encubram o subdesenvolvimento não resiste a uma curta temporada no exterior, como Henfil teve a chance de comprovar.

Através desses reiterados golpes da realidade, Henfil se deprime e se distancia cada vez mais do Brasil e de seu trabalho, cada vez mais marcado pela censura. Resolve se estabelecer nos EUA, como se fosse um castigo, ou uma missão:

A partir da decisão de ontem abandonei o Galeão e entrei no aeroporto Kennedy...Tenho agora que aprender inglês de vez, tenho que ler jornais americanos, assistir e entender TV, cinema e teatro. Tentar vender cartuns aqui e tentar ter prazer com meu trabalho de novo. (Henfil op cit: 130)

Essa atitude é uma forma de cortar as relações com o país cuja censura o impede de trabalhar e obter prazer desse trabalho. É também um desembarque na nova terra, visto que sua relação com os EUA e o povo americano era até então quase nenhuma. “Desde que chegamos, há uns três meses o máximo que vivi fora de casa foram algumas

semanas. Eu até me assusto quando saio de casa e escuto meus vizinhos falando inglês
(Henfil op cit: 130)

Ao “desembarcar” em terras norte americanas, Henfil terá, enfim, a possibilidade efetiva de fazer uso da língua inglesa como instrumento de comunicação e não mais como disciplina escolar. Terá, portanto, mais chances de se tornar um falante fluente da nova língua, ainda que mantenha traços da língua portuguesa como fez questão de frisar. Um incidente nos EUA faz com que Henfil se envergonhe ainda mais de ser brasileiro, ou dos brasileiros produzidos pela ditadura. Um grupo de quatro brasileiros, matriculados no mesmo curso de Henfil, freqüentemente atrapalhava a aula, falando português, batucando e até ofendendo uma colega argelina, chamando-a de zulu. Não vendo possibilidade de aprendizagem com um esse grupo, e temendo ser confundido com os jovens brasileiros, decide abandonar o curso. Neste curso porém tem oportunidade de ver vários tipos de pessoas que serão modelos a serem evitados: os arrogantes novos ricos do milagre econômico brasileiro e os judeus-russos exilados que tentam negar a cultura e o país de origem. Ainda assim, neste conturbado ambiente de ensino, consegue aprender um pouco de inglês como ele próprio narra:

O inglês já está entrando. Já sei que almost não é comida e já consigo entender 30% dos diálogos dos filmes. Resto do dia é ler revista em quadrinhos, livros de crianças, jornais e ver TV até zanolhar. Tem dia que acordo pensando em inglês. Pena não ter legenda em português nas vozes de todo mundo aqui. (Henfil op cit: 139)

A aquisição do inglês advém prioritariamente de atividades extra-escolares mais do que das escolares. Ao conseguir “pensar” em inglês, embora entenda apenas 30% dos diálogos de filmes fica evidente a ocorrência da aquisição, em vez de aprendizagem

sistemática e determinada pela gramática e léxico tão arduamente trabalhados nestes cursos. A prioridade do conteúdo em detrimento da forma fica patenteada pelo tipo de atividade desenvolvida por Henfil, fazer cartuns em inglês e mostrá-los para a professora, verificando assim seu ritmo de aprendizado:

Inclusive ando levando meus quadrinhos pra que ela me ajude a fazer a versão pro inglês. Ela deve ser descendente de italiano, porque entende tudo do Fradim e ri principalmente daquilo que os americanos consideram sujo e doentio. (Henfil op. cit.: 146)

Henfil credita sua capacidade de comunicação com a professora à questão étnica, é bem provável que tenha importância na compreensão dos quadrinhos, porém, é preciso perceber que sem um bom domínio do idioma seria impossível a elaboração do cartum e a conseqüente compreensão do leitor. Portanto, é possível afirmar que o cartunista já consegue compreender e se fazer compreender na língua alvo, inclusive em texto escrito. Estes textos escritos têm peculiaridades que dificultam a transmissão da mensagem humorística: a pouca quantidade de palavras, e por isto a necessidade de escolhê-las bem, a necessidade de o texto estar próximo da oralidade, exigindo conhecimento das diversidades lingüísticas, no mínimo da diferença entre norma culta e popular. Entretanto esses conhecimentos não são, normalmente, adquiridos em cursos regulares de língua estrangeira.

Através dessas inferências, é possível afirmar que Henfil é um excelente aprendiz, apesar da pouca dedicação ao aprendizado formal de inglês. Quando Henfil consegue controlar seu temor, em relação a uma possível desnacionalização ao aprender inglês, demonstra ser bom observador das diversidades lingüísticas, embora não admitisse sentir prazer em estudar inglês, como explica na entrevista à revista Versus de 1975:20: “Falar

inglês pra mim, é quase como estudar matemática. Não tinha nada a ver com o que eu estava sentindo realmente”.

A pouca afetividade, que Henfil afirmava nutrir pela língua inglesa, é quebrada ou minimizada pelas atividades desenvolvidas aparentemente com outro intuito que não o de aprender inglês, como explica em carta de 2-5-74:

O fato de procurar coisas procê começou a me dar motivo pra ler jornais. Pra ver se posso dar palpite na base do olhai! Passei depois a generalizar meu interesse e catar tudo sobre política e economia da América Latina para o meu irmão que está no Canadá e é sociólogo. Ai meu inglês dana a improving. Enfim tenho dessas idiossincrasias. (Henfil op cit.: 149, 150)

Nesta busca de informações para Tárík e Betinho, Henfil tem a oportunidade de interagir com diversos tipos de textos e, conseqüentemente, diversas linguagens que o auxiliaram no processo de aquisição da língua inglesa, em diversos níveis de linguagem, desde o culto até o popular, mais próximo da oralidade. A idiossincrasia a que se refere Henfil está relacionada ao sentimento dúbio com a língua inglesa. Encara a falta desta como aleijão, embora mais tarde afirme tê-la estudado como quem estuda matemática, ou seja, sem nenhum envolvimento emocional. Em suas cartas, são fortes e fartas as demonstrações de envolvimento emocional que impediam a aprendizagem, mas uma vez controlados, tais sentimentos favoreceriam o processo de aquisição.

CAPÍTULO 4

Contradictions

Henfil vivia insulado por brasileiros em Nova Iorque, a ponto de estranhar os vizinhos falando inglês, e só então lembrar que não estava no Brasil. Como resultado deste isolamento Henfil interagiu com brasileiros, e lia apenas jornais brasileiros, (O New York Times ainda “*era grego*”). Os únicos contatos com os EUA eram a TV e as raras idas ao hospital. Convicto de que o problema da censura no Brasil não se resolveria tão cedo, Henfil decide investir no mercado americano, e tentar, a partir dos EUA, atingir o público brasileiro sem a interferência da censura governamental. Na esperança de poder contribuir com a luta pela liberdade de imprensa no Brasil, Henfil decide tentar entrar em algum sindicato distribuidor de quadrinhos para denunciar a ditadura militar e a odiosa censura governamental, em escala mundial. A censura governamental agia apenas contra as publicações nacionais, impedindo uma possível repercussão internacional da arbitrariedade, entretanto, caso um quadrinho distribuído por um sindicato americano fosse censurado estaria estabelecida uma evidente violação do direito de expressão e liberdade de imprensa. Percebendo o valor estratégico da publicação nos EUA, Henfil pretendia utilizar os EUA como base para poder publicar e interferir politicamente no Brasil. Depois de quatro meses de sua chegada nos EUA, avisa na carta de 11-01-74: “*A partir da decisão de ontem*

abandonei o Galeão e entrei no aeroporto Kennedy. Tenho que ler jornais americanos, assistir e entender TV, cinema e teatro. Tentar vender cartuns aqui.”(Henfil op cit: 130)

Quando Henfil, finalmente, decide enfrentar o mercado americano, e aprender inglês, ele o faz de maneira convencional, através de um curso de inglês para estrangeiros, com carga horária bastante elevada, (4 horas diárias). Além das aulas, exercia uma atividade que o expunha a outras oportunidades de aperfeiçoar sua aprendizagem, a ilustração de apostilas, a forma encontrada para pagar o curso. No entanto, a presença de alguns brasileiros que agiam de maneira inconveniente, durante as aulas, levou Henfil a abandonar o curso por se envergonhar de ser brasileiro, ou pelo menos de ser reconhecido como brasileiro, como explica em carta de 15-03-74.

Você não vai acreditar, mas o único motivo deu sair de lá, (o curso de inglês) foram as macaquices dos patricios. Na última vez que fui irrompeu uma batucada idiota que deixou perplexa toda a sala. Ai estourei e preferi a ignorância a ter que agüentar o filho do milagre brasileiro.(Henfil op cit: 145)

Henfil insinua que o fato de deixar o curso não decorria apenas do fato de ser identificado com os brasileiros indisciplinados, havia também questões de ordem afetiva, como indicou na mesma carta *‘desconfio que o que vim fazer nos EUA não foi aprender inglês, não. Tem uma consciência crescendo dentro de mim.’* (Henfil op cit: 145)

Após deixar a escola de idioma, Henfil consegue estudar inglês de forma produtiva, em outro curso, que provavelmente não contava com alunos brasileiros. Com o auxílio de uma professora Henfil desenvolve suas habilidades instrumentalmente, produzindo cartuns em inglês e submetendo-os à aprovação da professora, conforme explica na carta de 28-03-74:

A professora passou a me dar tratamento especial, sem essa de despejar aulas na minha cabeça, inclusive ando levando meus quadrinhos pra que ela me ajude a fazer a versão pro inglês. Ela

deve ser descendente de italiano, porque entende tudo do Fradim e ri principalmente daquilo que os americanos consideram sujo e doentio. (Henfil op cit: 146)

Há, neste trecho, uma crítica implícita à forma como o idioma era ensinado na outra escola, uma vez que a expressão “*despejar aulas*” se refere a estudos de nomenclatura e correção gramaticais, ou exercícios estruturais, que pouco ou nada auxiliavam na aprendizagem autônoma do inglês. Há também um indicativo de que Henfil já tem um domínio razoável, principalmente o de ordem instrumental, do idioma, pois já é capaz de transmitir mensagens humorísticas em seus cartuns.

A dificuldade em fazer humor em língua estrangeira decorre da necessidade de brevidade no texto e de muito conhecimento cultural compartilhado, entre membros de uma mesma comunidade. Caso a piada não estivesse bem escrita não provocaria riso nem em um brasileiro que soubesse inglês. O domínio da língua inglesa também já era suficiente para convencer os funcionários da sala de emergência do New York Hospital da necessidade de atendê-lo dada a gravidade de um hematoma. Conversar com funcionários de hospital também exigia um conhecimento instrumental do inglês visto que esse papel de paciente de pronto-socorro Henfil já exercia desde sua chegada a Nova Iorque. Entretanto, seu domínio do idioma ainda não lhe possibilitava expressar ira ou ofensas com palavras de baixo calão quando foi maltratado por uma enfermeira. “*Que falta me fez falar inglês pra mandar ela pra puta que pariu*” (Henfil op cit: 154). Henfil também encontrava problemas em pronunciar o som de algumas letras quando era necessário soletrar, como ele mesmo noticia, na carta de 10-6-74: “*O Orlando tem uma pronúncia ótima do h e do r. Eu ensaio, mas na hora embolo e vem sempre aquela expressão que é o terror nosso: I beg your pardon? Falou I beg your pardon eu me cago todo*”. (Henfil op cit: 158). Apesar desta dificuldade, o inglês de Henfil já estava se tornando bastante razoável, como explicou em carta de 18-06-74:

*Meu inglês? Tá ficando pretty good, you know? Sometimes I speak very well, you know? But, sometimes I, you know? I have a feeling that I can't speak a single word, you know?
Viu? Basta colocar um YOU KNOW que já tá falando inglês que nem eles aqui. O you know? é igual ao "sam" que a mineirada tem mania de falar, sam? (Henfil op cit: 163)*

Henfil aponta sua desenvoltura com o inglês, percebendo inclusive características linguísticas regionais, o que indica uma maior familiaridade com a língua inglesa. Seu desempenho na nova língua melhorava a cada dia, embora ainda visse a aprendizagem do inglês como um esforço hercúleo, conforme cita em carta de 20-03-74:

Tô numa espécie de piriri de língua, sem saber se penso em português ou inglês. Entrei na fase de policiar os erros. Does ou did ou do? Lendo o New York Times inteiro, todo dia, o que equivale a ler o Diário Oficial de cabo a rabo, ou a escutar a Voz do Brasil sem se distrair (Henfil op cit: 146)

Apesar de a leitura do *New York Times* ser bastante enfadonha, para Henfil, devido ao caráter didático da atividade, já há indícios de que tanto o português quanto o inglês se equilibram no papel de línguas veiculares. Embora já dominasse bem a língua inglesa, a ponto de não ser mais um monolíngüe, Henfil ainda tinha muita preocupação a respeito da "gramática", demonstrando uma característica do brasileiro, e sua tradição escolar de aprendizagem de idioma, que supervaloriza o conhecimento melalingüístico. Em uma carta de 6-7-74, Henfil noticia a evolução no domínio do inglês, apontando seu pouco conhecimento de gramática da língua inglesa¹⁰:

show de inglês meu aqui? Tô engasgando mais que o Zagalo. Tive que parar com o curso no Berlitz por falta de numerários e estou aprendendo feito matuto no interior. Sei tudo de cabeça, tenho um vocabulário cada dia maior, mas na hora do falar me falta a

¹⁰ A preocupação com a questão gramatical não se restringia apenas à língua inglesa, visto que mesmo em português apresentava esta preocupação, como demonstrou no prefácio das cartas publicadas no *Almanaque dos Fradins* "As cartas sairão com todas as imperfeições do meu subdesenvolvimento intelectual e gramatical" (Henfil 1977-14)

espinha dorsal, aquelas palavras repetitivas e de ligação. Enfim, a gramática tá um horror. (Henfil op cit: 176)

Henfil já apresentava intenção de publicar nos EUA e por esta razão “sondava” o desempenho dos artistas brasileiros nos EUA, a fim de avaliar sua possibilidade de êxito na terra do Tio Sam. Henfil procurava saber até que ponto deveria ceder para conseguir um eventual sucesso. Em carta de 20-05-74, posteriormente transformada em artigo, Henfil comenta o reconhecimento de alguns artistas brasileiros nos EUA, cujos sucessos estavam sempre restritos a determinadas classes sociais, ou grupos étnicos, e a inevitável necessidade de adequar a música brasileira ao gosto americano. Entre os porto-riquenhos o mais conhecido era, sem dúvida Nelson Ned. Como explica Henfil: *“Mas primeiro vem a vergonha de ver que o grande ponto de referência que encontrei sobre o Brasil, nos EUA, é o cantor de zona.”* (Henfil op cit.: 150). Os outros artistas brasileiros reconhecidos eram os cantores de bossa nova, conhecidos entre a classe média e intelectualidade norte americana. O samba, obviamente não poderia ficar de fora, como apontou Henfil, tentando mais uma vez se distanciar de qualquer coisa brasileira que pudesse envergonhá-lo. *“Assisti, na melhor sala de Montreal o grupo Brasiliana: zés cariocas, mulatas descadeiradas, travestis aos montes. Um vexame que me fez falar inglês para não dar pista de brasileiro.”* (Henfil op cit: 151, 152). Henfil via na necessidade de satisfazer o gosto americano uma dificuldade para a implementação de seu trabalho nos EUA. Entretanto, naquele momento, em que as portas no Brasil se fechavam, era preciso abrir outras nos EUA, e se para isso fosse necessário modificar alguma coisa nos quadrinhos, provavelmente Henfil não se opusesse a adequar o humor brasileiro ao gosto americano. Restava saber se o humor brasileiro adaptado para o mercado americano continuaria sendo identificável como humor brasileiro.

Henfil aponta que sua desenvoltura com o inglês dependia das situações que envolviam questões de caráter emocional, medo de não ser aceito pelos “*syndicates*”, e se

aceito o preço que deveria pagar para difundir seus personagens e sua mensagem. Nas idas a diversos jornais e revistas para exposição do seu trabalho Henfil falava muito bem quando não sentia temor em se aculturar. Henfil ainda via a perspectiva de satisfazer o gosto dos americanos como uma espécie de traição. É com essa visão que descreve seu encontro com Aragonés, um dos humoristas de Mad. Aragonés dizia que para ter sucesso nos EUA era preciso satisfazer o gosto local e esquecer o passado de humorista combativo, ou engajado.

Me deu conselhos, me ensinou o pulo do gato para ter sucesso na América. Me pediu para esquecer meu país, minha cultura, nosso humor, ou jamais seria aceito aqui. Jamais teria sucesso. E eu cá pensando na cara triste dele, como se o corpo quisesse desmentir o que a boca dizia. (Henfil op cit.: 168)

Henfil via no semblante de Aragonés, um mexicano que era conhecido no pelo seu humor engajado, o resultado de quem ousa compactuar com o sistema americano de massificação e aculturação dos estrangeiros. Com essa descrição aproveita para lembrar que ele não aceitaria de forma alguma deixar sua cultura e seu humor por um lugar no país das oportunidades, nem que o preço a ser pago fosse voltar a viver no Brasil sob censura. Em um encontro com o editor da revista “The Nation”, considerada esquerdista nos EUA, Henfil reiterará a possibilidade de estar agindo como traidor por vender seu trabalho para os ianques, ou caso modificasse algo em seu padrão político ideológico de humor: “*Ele me lembrou que poderia pagar no máximo 30 dólares por cartum. Piadei que foi exatamente isso que Judas recebeu*” (Henfil op cit: 170). Ao produzir este chiste Henfil tentou desviar sua atenção do que julgava ser uma verdadeira traição, a publicação de seus cartuns nos EUA, ainda que o The Nation e seus editores fossem “*companheiros de armas*”.¹¹ A

¹¹ Freud (1977:155) afirma que: “o pensamento procura envolver-se em um chiste pois esta é uma forma de recomendar-se à nossa atenção e parecer mais importante e mais valioso, mas acima de tudo porque este invólucro suborna nossos poderes de crítica e confunde”

tentativa de Henfil, ao produzir o chiste, fazendo referência a Judas, era afastar de si mesmo a desconfiança de que estivesse agindo como traidor dos leitores brasileiros e de sua ideologia.

Henfil estava em um dilema muito desgastante, publicar nos EUA, adaptando seu humor ao gosto americano, e ser considerado um traidor, ou ver o plano de burlar a censura fracassar, caso não conseguisse entrar em um sindicato. A tensão emocional deste dilema refletia na questão da aquisição da língua: *“No mais, é o cansaço do inglês, é procurar rádios porto-riquenhas para aliviar a cabeça”* (Henfil op cit: 170). O que ele procurava aliviar não era exatamente a cabeça, (sujeita a um esforço incomum), mas sim aliviar o imenso fardo de se tornar funcional em inglês, correndo o risco de perder sua identidade. Por esta razão buscava nas rádios porto-riquenhas ouvir sons de uma língua parecida com a sua, músicas cantadas, às vezes, por cantores brasileiros, e assim poder se reconfortar em um ambiente considerado mais terno do que o ambiente dos falantes de inglês, o qual considerava hostil.

Ao ser aceito como cartunista na “Universal Press Syndicate” (UPS), Henfil questiona o significado político e artístico da exigência do “syndicate” em redesenhar as histórias de acordo com a prática local e pergunta, retoricamente, na carta do dia 6-6-74, se tal esforço valeria a pena. Caso as aceitasse não comprometeria sua imagem, seu trabalho, e sua luta por liberdade política e artística?

Redesenhar não seria como “passar a limpo”? O que seria “limpo”? Seria uma espécie de aculturação do meu traço e conteúdo? Seria verter para o americano um ser totalmente brasileiro? Seria aceitar como limpo, de boa qualidade, de valor, o que é made in USA? Caceta, seria enfim matar a nacionalidade, a originalidade do meu desenho. Hein? (Henfil op cit: 173)

A desconfiança levantada por Henfil a respeito do preço a ser pago pela aceitação parece ser ainda reflexo da entrevista à equipe do Pasquim, (apresentada resumidamente

no capítulo 2). Nesta entrevista Millôr já advertia da impossibilidade em publicar nos EUA sem fazer concessões. Henfil conversa com um intelectual americano, o jornalista David Levine. Este o advertiu da inevitável “pasteurização” que sofreria ao ser aceito na UPS. Contou a Henfil a história de Jules Feiffer, o maior humorista americano, que “havia fracassado” na publicação pelos “syndicates”, e fez-lhe um desafio em tom de advertência *“Quem sabe você consegue o que Feiffer não conseguiu? Colocar conteúdo num supermercado?”* (Henfil op cit: 174)

Henfil, sempre que estava em situações de aparente contradição entre o que defende o que realiza, lembra seu passado de virtudes na resistência à assimilação pela grande imprensa no Brasil. Na carta de 6-7-74, fez questão de afirmar que nos EUA seria apenas uma espécie de franco atirador: se sua experiência com o “syndicate” desse certo bem; se não, amém. Henfil podia desconfiar que seria impossível servir a dois senhores, portanto, não era possível entrar no “syndicate” e ainda assim manter a coerência política, da mesma forma que achava impossível manter a “brasilidade” e também falar bem inglês. No entanto ainda acalentava a esperança de que haveria possibilidade de fazer sucesso sem fazer concessão de nenhuma espécie:

Como vencer a curiosidade de ver até onde vai essa experiência? E ademais minha mãe não me amamentou pra ser piloto de provas de fábrica de supositório. Ao primeiro sinal eu salto. A única certeza que tenho a meu respeito: a de ter coragem suficiente pra romper, pra quebrar. Tai minha parada com a Revista do Fradim, tai meu pedido de demissão do JB, tai minha demissão da revista Placar em solidariedade isolada ao Mauricio Azêdo. (Henfil op cit: 174)

Henfil faz nessa carta um termo de compromisso de que não faria qualquer concessão ao sistema de padronização dos quadrinhos distribuídos pela UPS por temer que no Brasil pensassem ou divulgassem que ele teria “amaciado” os Fradins para poder ingressar no “syndicate”.

Ainda mantendo a tese da recusa, de ordem ideológica, em se aproximar dos americanos, Henfil analisa, superficialmente, em carta de 12-7-74, a sociedade americana e reitera sua profissão de fé católica e comunista, como a dos militantes da Ação Popular:

Para ser feliz é preciso ser pobre. Mas todo mundo pobre, que eu também sou comunista. Ser contra a riqueza não apenas porque ela é injusta (e se todo mundo fosse rico?), mas porque ela mata e torna o homem infeliz. Questão assim de optar por um sistema sem nenhum supérfluo, nenhuma riqueza, só aquela pobreza boa e saudável. Você só vai entender por que tô nessa pregação franciscana se vier ver este país rico chamado Estados Unidos. Ô infelicidade mais fiedaputa (sic) a desses balofos, tristes e automáticos americanos! (Henfil op cit: 181)

Em franca contradição com a esperança manifestada, na entrevista anterior à viagem, Henfil não deseja alimentar, nos amigos, e em si mesmo, falsas esperanças na possibilidade de difundir a ideologia deles através dos quadrinhos a serem distribuídos pela UPS. Entretanto, ainda via nos acontecimentos recentes, a Revolução dos Cravos, e a possibilidade de “*impeachment*” do presidente dos EUA, Richard Nixon, uma pequena esperança: “*como mostrou o despertar dos portugueses (pobres de marré de si) que pareciam mortos, pode ser que estas máquinas que aqui vivem possam um dia se salvar do 1984.*” (Henfil op cit: 182) Preso a esta esperança, Henfil começa a fazer seus quadrinhos, e estranha, (na carta de 21-7-74), sua habilidade na nova língua: “*estou bolando as novas tiras que pediram já em inglês, e descobri que o espírito é completamente diferente. Se não ficar americanizadas? Só vão, só estão. Em frente pra ver no que dá.*” (Henfil op cit: 185). Estranha, também, as próprias personagens, muito provavelmente por acreditar que os Fradins seriam “clonados” nos “Mad Monks”, (nome dado aos Fradins nos EUA). Em primeiro momento, Henfil fazia os quadrinhos em português, e em seguida, traduzia-os para o inglês. O processo de tradução era uma forma de “amaciamento” dos Fradins, pois ele os considerava mais “fortes” em português. A falta

de força dos Mad Monks não estava na questão lingüística, mas sim nos aspectos paralelos à produção do humor. Ao produzir os quadrinhos, em português Henfil tinha em seu favor o conhecimento da situação política e econômica do Brasil, além de saber o padrão de humor agradável ao brasileiro. Não detinha o mesmo conhecimento da realidade americana, e portanto, não poderia ter as mesmas habilidades a fim de reproduzir os Fradins para o contexto americano. Essa desvantagem técnica fazia com que Henfil se sentisse temeroso com e com a coerência político-ideológica dos “Mad Monks”.

Acreditando que seria impossível negar que “os fradins estavam mais bem comportados”, e possivelmente americanizados, Henfil, em carta de 22-7-74, procura justificativas de ordem ideológica para persistir na publicação dos quadrinhos. Ele identifica as classes patronais dos EUA com as do Brasil, o que o leva a se identificar imediatamente com a classe trabalhadora norte americana: *“Já consigo distinguir Roquifeller Corporation de John ou Peter ou Paul, enfim de 220 milhões de fudidos que nem nós. (Henfil op cit:188)*. Henfil utiliza o internacionalismo como fator condicionador da necessidade de lutar dentro do monopólio americano dos quadrinhos para quebrá-lo. Salienta que o nacionalismo nem sempre é um sinal de posicionamento ideológico correto. Argumenta que o compromisso dos cartunistas não é com o Brasil, mas sim com o homem, independente da nacionalidade:

Tô na luta pelos homens e não apenas por uma parte dos homens que moram numa parte da terra chamada Brasil. E sabe por que os católicos foram ultraperseguidos, assim como o são hoje os comunistas? Porque são internacionalistas. (Henfil op cit: 188)

Se a luta transcorria em âmbito mundial, nada melhor do que ocupar o lugar de onde saem as informações que desempenham um forte papel de propagador de ideologia capitalista. Na tentativa de entrar no “syndicate”, como quem entra em um poderosíssimo quartel general ideológico, Henfil utilizará o inglês como arma. Não teria grandes

problemas para tratar da divulgação dos “Mad Monks” para todo os EUA e mundo, como demonstrou ao conversar com o editor da UPS: *“Conversamos 4 horas a respeito das minhas tiras, pra depois ouvir diretinho, como se fosse em português”* (Henfil op cit: 194)

Neste momento de negociação para o ingresso nos “syndicates”, Henfil não se sentiu pressionado pelo medo de que seus personagens e ele mesmo viessem a ser americanizados. Por esta razão entendeu e foi entendido, da mesma forma que entendeu e comentou, na mesma carta de 29-7-74, a dica dos editores de que poderia dar certas pitadas políticas nos “Mad Monks”, que Henfil ainda insistia em chamar de Fradim. Ele quis ser delicado e discreto ao iniciar a publicação: *“ele não abriria o jogo social tão rápido quanto queria o editor do UPS. Pra não chamar a atenção tão cedo”* (Henfil op cit: 194)

A necessidade e o desejo de publicar o mais rápido possível nos EUA fez com que Henfil interagisse com técnicos americanos do “syndicate”, discutindo de uma forma engajada, questões como linguagem, e o tipo de público dos diferentes jornais. Isto fez com que Henfil percebesse sua evolução no inglês *“Ah mas pra que fui descobrir a pólvora? Acabou-se o que era doce. Trabalhar no meio de tanta gente, meu inglês melhorando assustadoramente”* (Henfil op cit: 204). A atividade tecno-profissional, junto aos técnicos do “syndicate”, resultou numa “melhora assustadora” do domínio do idioma, devido ao caráter instrumental, que diminuiu a tensão de estar se sentindo politicamente incoerente. Essa preocupação, em relação à fidelidade política e artística nunca desapareceu. Simplesmente se manifestava das mais diversas formas, normalmente com reflexo no domínio do inglês. Henfil, por ser extremamente preocupado com a coerência política, pede na carta de 19-9-74 para ser vigiado, porque a alegria por ingressar no “syndicate” poderia quebrar sua convicção ideológica: *“alegria é a mesma de quando vi neve. Só que hoje sei que neve quando derrete vira lama. Mas vocês estão aí pra me*

guitar. Olho em mim, lá vou eu entrando na sala dos espelhos mágicos e dos gases maravilhosos” (Henfil op cit: 208).

Não se espera de alguém que, há quatro anos atrás, visava fundar uma cooperativa de cartunistas no Brasil, vendesse seus cartuns para os “syndicates” americanos. A contradição era muito forte, Henfil, em sua defesa, precisou argumentar que este comportamento fazia parte de seu engajamento na luta internacionalista contra o imperialismo. O reflexo da incerteza, provocada pela contradição, sempre se manifestava na fluência do inglês falado. Ele teve enormes dificuldades para negociar, com um dos diretores da UPS, um prazo mais curto na vigência do contrato, proibir o uso dos “Mad Monks” em publicidade, e nos jornais brasileiros. Como ele mesmo demonstra: *“fiquei tão perturbado que nem entendia direito o inglês... Do que se valeu pra me confundir: Do you understand “amigo”? Debochou o quanto pôde do pior inglês já falei na minha vida. Nem I love eu sabia pronunciar direito mais. E ele: “fale inglês, fale inglês!” (Henfil op cit: 206)*. Ele registra que nesta negociação foi chamado de maluco. É acusado, por um diretor do “syndicate”, que Henfil não conhecia pessoalmente, de querer levar o “syndicate” à falência. Para exigir o cumprimento de suas exigências Henfil falou por telefone com outro diretor, Andrews, a quem conhecia pessoalmente, e reproduziu o resumo da conversa na carta. Nesta conversa discutiu o veto da publicidade para multinacionais por questão ideológica. Ao comentarem que a ideologia da época era o dinheiro, Henfil disse ter sido arrogante, afirmando que já havia perdido a liberdade no Brasil, e que não desejava perdê-la mais uma vez nos EUA. Com esse rol de exigências, Henfil desejava firmar sua imagem de militante incorruptível perante os companheiros do Brasil. Quando lhe pediram para elaborar uma lista de empresas multinacionais vetadas para publicidade, ele foi enfático; vetou todas. Replicaram sobre a possibilidade de a Coca Cola financiar um filme na TV. Henfil aquiesceu porque neste caso o filme não faria parte do marketing da Coca. O próprio Henfil via a insignificância de ficar discutindo picuinhas

como aquelas: *“Se é para brigar com o sistema pra valer, eu teria que vetar os Fradins na TV. Tamos brigando por sutilezas malucas, mas nas quais eu acredito hoje, agora”* (Henfil *op cit*: 208).

Henfil queria ser autêntico, não usar meias palavras para transmitir sua mensagem político-social, mas sabia que suas chances de sucesso nos EUA seriam mínimas caso fizesse o que desejava. Numa solução intermediária, (que no Brasil se chamaria típica de um político mineiro), entre o desejável (usar o “syndicate” como “megafone” de sua ideologia) e o intolerável, (cair na vala comum dos cartunistas do humor alienado). Henfil tenta dosar o conteúdo ideológico dos “Mad Monks”, e delimita sua capacidade de negociação com o “syndicate”: *“Cresce agora o medo de não dar certo. Os Fradins, (Mad Monks) mesmo amaciados são os quadrinhos mais violentos já feitos para a publicação sindicalizada”* (Henfil *op cit*: 208). Das 72 tiras enviadas por Henfil, no início da publicação, apenas 17 foram aprovadas, sendo as outras consideradas muito sofisticadas ou impublicáveis. Os editores utilizavam a palavra “sick” para descrever as tirinhas rejeitadas. Henfil explica, em carta de 22-9-74, o sentido conotativo da palavra “sick”, cuja tradução literal é doente: *“Você pode chamar alguém de imoral; pornográfico, escatológico, sádico e até fascista. Mas “sick” é algo especial. É tudo isso junto”. É neurótico, desajustado. Um mundo”*. (Henfil *op cit*: 209). Com esse comentário, Henfil enfatiza o esforço empreendido para ser publicável nos EUA. Ele comenta que as tiras eram fraquíssimas, (a ponto de não ter tido coragem de mandá-las para o Pasquim), mas que considerando o padrão de histórias em quadrinhos normalmente publicados nos EUA, que segundo Henfil eram *“obras primas da alienação total”* (Henfil *op cit*: 210) pareceriam muito fortes. Ao mesmo tempo, a tolerância de Henfil com intromissão externa em seu trabalho havia aumentado muito. Narra a discussão com o editor que se sentiu ofendido quando Henfil o acusou censurar as tirinhas. O editor se defendeu dizendo que estava apenas “editando”, o que Henfil achou muito engraçado. Consolou-se com a

informação de que Trudeau, a estrela do syndicate, era “editado” frequentemente. No Brasil, Henfil se demitiu do Jornal do Brasil quando tentaram “editar-lhe” as tirinhas, alegando que aceitava censura da polícia, mas não de patrão. Nos EUA, embora achasse seu trabalho fraquíssimo, ele acaba por compactuar com a censura dos patrões: *“Mesmo achando um lixo, o papel couchê compra, se compra! Me embrulhou rapidamente e agora já estou me achando rígido demais (Henfil op cit: 210)”*. Havia, porém, um objetivo maior a ser alcançado, divulgar sua ideologia. Para isto era necessário ocupar um espaço no “syndicate”, ele não podia recuar: *“Eu só queria isto tudo para poder espalhar minhas idéias, falar das “verdades sociais” de igual para igual. Usando a mesma máquina, o mesmo veículo”*. (Henfil op cit: 211). Na tentativa de melhorar seu domínio do inglês coloquial a fim de melhorar o desempenho dos Md Monas e contornar as “edições” do “sindicante”, Henfil passa a buscar novas fontes de leitura. *“Preocupado ainda com o inglês, passei a ler as páginas dos jornais para chupar o coloquial”* (Henfil op cit: 210). Henfil temia fracassar por não conseguir dominar a modalidade coloquial e conseqüentemente amargar a classificação de incompetente por conseguir entrar no “syndicate” e não conseguir se comunicar com o público. Há um ditado popular que ilustra esta incompetência com uma frase muito conhecida “(feio é) roubar e não poder carregar”. Embora visse na língua um entrave para a publicação e empatia com os leitores americanos, uma dúvida o intranquilizava *“vai dar para depois de estar dentro do sistema, passar a furar o sistema? Enfim, estamos fazendo tudo limpo, mas sempre procurando a sujeira nossa escondida onde não sabemos.”*(Henfil op cit: 221)

A viabilidade de usar o “syndicate” para transmitir sua ideologia não o isentava de suspeitas de aliciamento ao modo de vida americano, e isto Henfil fazia questão de enfatizar até para que não diminuíssem a vigilância sobre ele, inclusive a auto-vigilância. Para eliminar definitivamente a suspeita de que a “incompetência” em inglês diminuiria a

possibilidade de sucesso nos EUA, Henfil tranquiliza os companheiros que perguntavam sobre o domínio do idioma:

Se eu mesmo ando traduzindo? Mano, nowadays estou criando já em inglês. Tem erros de gramática, tem alguma ajuda de dicionário e depois tem a revisão feita pelo americano-brasileiro Miguel Coelho... fica pela madrugada ciscando comigo, até encontrar a palavra que só tem em meu pensamento. A supervisão final é da Marlete, se ela ri...(Henfil op cit: 222)

No processo de produção dos quadrinhos é possível perceber que Henfil não conseguiria obter êxito com seus personagens, embora já dominasse o inglês, inclusive da modalidade coloquial. Há uma grande defasagem intelectual entre a visão de mundo de seus leitores, no Brasil, e os leitores típicos dos jornais americanos. Ele apresentava as matrizes de seus quadrinhos a Miguel Coelho, um americano intelectual, (músico) casado com uma brasileira. Miguel entendia a tirinha, mas este exercício não ajudaria Henfil a estabelecer o padrão de humor para o público norte americano médio. A supervisão final feita por uma brasileira, ainda que conhecesse muito bem inglês, aumentava esta defasagem de percepção. Neste estágio de domínio de inglês, a antipatia pelos americanos e pelo governo dos EUA se tornava cada vez mais intensa, enquanto o inglês de Henfil continuava melhorando. Na carta de 9-11-74, Henfil desfia um rosário de críticas e insultos violentíssimos: *“Desisti de conviver com os americanos. Estou enojado. Do povo, instituições, governo, way of life. Ai me fecho fora dos EUA. Estou aqui dentro fora daqui”*.(Henfil op cit: 223)

Henfil enumera uma série de razões para justificar seu sentimento adverso em relação aos americanos e seu governo. Relembra o linchamento de um negro em Boston, espancado pelo simples fato de ser negro, o morticínio de vacas gordas para aumentar o preço da carne, e a cumplicidade dos norte americanos com homens públicos da qualidade

ou falta de qualidades, como Henry Kissinger e Richard Nixon, e suas atitudes dentro e fora dos EUA. Henfil faz uma ressalva com uma parte do povo americano:

Apesar de uma certa solidariedade que passei a desenvolver pelos americanos fudidos, eu não consigo deixar de ter esta reação. E quais são os americanos fudidos? Não são americanos: porto-riquenhos, pretos, índios, mexicanos (Henfil op cit: 223)

Ao dividir o povo norte americano em categorias étnicas Henfil parece se revoltar contra os americanos brancos anglo-saxões e protestantes, justamente o seu público em potencial. Henfil sentencia *“Desisti. Posso usar o syndicate deles, usar a língua bonita deles, o poder deles; mas conviver COM eles eu não vou não” (Henfil op cit: 223)*. É provável que o sentimento de aversão estivesse ainda mais aguçado por causa das eleições parlamentares, a serem realizadas nos próximos dias. Vencidas pelo partido da oposição o MDB. A vitória devolveria a esperança para o fim da ditadura no Brasil. Na carta de 20-11-74 Henfil se mostra despreocupado com a possibilidade de fracasso nos EUA. Com a vitória do MDB os EUA já não importavam. A liberalização política no Brasil tornaria desnecessária a permanência nos EUA. *“Aí vai a página do Philadelphia Enquirer com os fradinhos, coloridos! Mas isto não importa. Mande o boletim do TRE com o resultado de toda a eleição.” (Henfil op cit: 224)*

Os jornais que haviam comprado os “Mad Monks” trataram de retirá-las de circulação. A grande maioria dos leitores acusavam a tirinha de ser contra Deus e a Igreja Católica. Henfil se vangloriava de pelo menos ter despertados as pedras. Um jornal de Salt Lake perguntou aos leitores o que achavam das tirinhas. Eles enviaram 404 cartas, quatrocentos contra e quatro a favor. Henfil decide romper o contrato. É claro que não havia possibilidade compatibilizar seus quadrinhos com o senso de humor americano. Henfil sugere que uma das causas dessa incompatibilidade era a aversão dos americanos a tudo o que é estrangeiro. Exemplifica esta xenofobia pela reação dos americanos ao

ouvirem estrangeiros falando outra língua nos EUA, e mesmo no exterior *“Ficam impacientes quando vão no exterior e os nativos não falam A Língua”* (Henfil *op cit*: 230). Henfil então define seu domínio do inglês, e o que significa falar inglês: *“Eu não falo inglês e nunca vou falar. Entenda aí o inglês como a cultura americana. Nunca. Mesmo que queira, e não quero”* (Henfil *op cit*: 230)

A receptividade de seus quadrinhos pelos americanos soou-lhe como uma prova definitiva dessa compreensão sobre o que significa aprender uma língua estrangeira. Nada mais havia a ser feito senão voltar para o Brasil. No entanto, a perspectiva de ser chamado de fracassado o amedrontava, por esta razão ainda ficou alguns meses nos EUA. Nestes meses, Henfil foi convidado por David Lenine para tentar publicar no Village Voice, jornal alternativo de Nova Iorque que Henfil comparava ao Pasquim. Lenine o repreendeu por ter entrado no “syndicate”, e lembrou-lhe que um povo que havia votado maciçamente por duas vezes em Nixon não aceitaria quadrinhos como os “Mad Monks”. Fez questão ainda de lembrar que Jules Feiffer, o maior cartunista americano, admirado no meio intelectual por seu humor sofisticado, havia ficado menos tempo no “syndicate”, apenas quinze dias. Ele comentou o caso de outro humorista, Gahan Wilson: o seu humor negro havia se transformado em um comportamento de escoteiro, de tão domesticado havia se tornado.

Henfil faz uma auto crítica ao dizer que também havia experimentado o vício de considerar o exterior como patenteador da qualidade do trabalho artístico. Neste caso, aponta a pouca auto-estima do brasileiro, que precisa da aprovação dos países desenvolvidos para todas as realizações, sejam elas de ordem cultural, científica, esportiva ou política. Ele, apesar de muito bem informado, não estava imune a este mal social de caráter endêmico, porque afeta a todas as classes sociais e se mantém ao longo de toda a nossa História, num processo contínuo, que ainda hoje persiste.

Seria novidade reafirmar nossa mentalidade colonial? Ainda vivemos, nós da elite, de costas para o Brasil e de frente para as

Oropas. Tudo que fazemos, a elite claro, é visando um dia sermos reconhecidos fora. Estourar no Norte...Então? Então este desejo de ser reconhecido no Norte é que faz com que a gente nunca faça um trabalho definitivo. Quando eu chegar nos EUA, eles pagam muito bem, aí eu vou fazer as coisas direito...Produzimos para sermos ouvidos nos EUA. Como a distância cultural e física é enorme, os americanos não escutam. Aí a gente pensa que não está bom e inventa outra coisa. E depois outra. E mais outra. Pra ver se o inglês vê. (Henfil op cit: 240)

Também nos meses após a saída do “syndicate”, Henfil aceita alguns convites. Faz uma história que satiriza a maior vergonha dos americanos, o salário desemprego. Neste trabalho, chamado de “Preto-que-ri”, ou “Laughing Black”, uma fila de desempregados, com todos os tipos “marginais” americanos, latinos, negros, mulheres e um hippie. Há também um envergonhado operário branco e direitista à espera de seu cheque. A fila sempre receberia uma personagem que estivesse em desgraça. Nixon após a renúncia forçada seria o primeiro a estrear na fila, e assim aconteceria com todos aqueles que estivessem em baixa.

Henfil começa a restabelecer os contatos com os jornais brasileiros, principalmente com o Jornal do Brasil e passa a descartar a busca de espaço na imprensa alternativa para eliminar qualquer possibilidade de permanência nos EUA, como ele próprio afirma: *“mas vou no Village, que senão alguns amigos aqui me batem. Tenho medo que dê certo e vá atrapalhar a volta.” (Henfil op cit: 246)*

O medo de ter de ficar envolvia um medo muito maior, o medo de se americanizar. Para Henfil não havia possibilidade de ficar nos EUA, falar bem inglês, e ainda assim, permanecer brasileiro. Ele percebia mudanças em si mesmo. O alerta dessa mudança silenciosa e “insidiosa”, soou na questão lingüística. Ao perceber que inglês já não era uma língua estrangeira, e que a língua portuguesa, às vezes, lhe causava estranheza. Só lhe restava uma opção, voltar ao Brasil. Henfil se declarava ser duas pessoas, um falante de português, ou seja brasileiro, e outro falante de inglês, portanto americano. Sabia, ou pelo

menos desconfiava, que destes dois só um poderia “sobreviver”. Por esta razão decide voltar ao Brasil, para “manter vivo” o Henfil, e de certa forma “matar” o Henry que teimava em querer crescer:

Se por qualquer motivo eu tiver que ficar, eu não vou ser mais o mesmo. Pra mostrar que a gente camaleão vai mudando a pele sem sentir. Tem dia que não consigo traduzir para o português um cartum que criei em inglês. Tenho que consultar o dicionário. Eu já sou dois. Já estou começando a aprender a fazer coisas para os americanos. Que não funcionam no Brasil. Se eu ficar aqui, o Henry vai cobrir com uma casca, uma pele cada vez mais dura o Henfil; porque estarei exposto a radiação deles 24 horas por dia. Quem escreve isto é o meu corpo, e eu mesmo me assusto com o que leio. Tenho medo, sim. Meu radar está alarmado.(Henfil op cit: 248)

A volta ao Brasil se torna mais urgente dada à contínua aculturação de Henfil aos modos americanos Nesta fase demonstra que já sabe xingar: “*Não tenho que conviver com estes bastardos (como eles se insultam).*”(Henfil op cit: 223). O uso da palavra bastardos para classificar os americanos é um forte indicio de que Henfil já estava se familiarizando ao modo de vida americano e com a língua inglesa, porque os brasileiros muito raramente utilizam a palavra “*bastardo*”, (que parece ser arcaica dado o desuso), para insultar alguém tendo a mesma força de “filho da puta”. Entretanto, ainda havia um problema de ordem profissional que incomodava e muito Henfil, a possibilidade de ser considerado um fracassado, como demonstrou na carta do dia 5-4-75.

Pô, eu publiquei e fui discutido em 10 jornais americanos e canadenses. FIZ SUCESSO. O fato de conseguir publicar aqui não significa fazer sucesso? Não importa que merda tenha sido: publicou é sucesso! Leia na coluna do Ibrahim (Henfil op cit: 249)

Este argumento, embora forte, não convenciu ninguém nem a ele mesmo, pois comenta que um casal de jornalistas amigos,(certamente Paulo Francis e Sônia Nolasco)

lhe sugeriu não falar mal dos EUA para não parecer que estava com raiva dos EUA por ter fracassado. Esta sugestão surgiu porque Henfil já tinha a intenção de publicar suas impressões a respeito dos EUA, obviamente mostrando o lado oculto do sonho americano. Henfil comenta em uma carta de 10-4-75, a impressionante questão da fome nos EUA que atingia 30 milhões de pessoas. Para suprir essa lacuna profissional, Henfil vai ao Canadá para fazer um curso de desenho animado e para visitar o irmão Betinho, e lá consegue vender seus cartuns para alguns jornais canadenses que lhe oferecem um contrato. No entanto, Henfil não queria de forma alguma ficar no exterior, como explica na carta de 30-6-75

Estou te mandando anexo o Globe & Mail, onde o titio pode ver, na página 8, seu sobrinho Luizinho falando da política interna canadense num desenho magistral. Se aceitasse a oferta, juntando com Le Devoir, eu seria o mais poderoso cartunista político bilingue do Canadá. Salário de uns cinco mil dólares! Vou me tornar o maior cu-doce da Terra.” (Henfil op cit: 273)

Assim podendo recusar um bom contrato internacional, Henfil decide voltar sem medo de ser chamado de fracassado, além disso o bom domínio do idioma até o assustava, como já havia demonstrado ao elaborar cartuns em inglês precisando recorrer a um dicionário para traduzi-lo em português. A volta para o Brasil representava uma espécie de sacrifício, assim como a tentativa de publicar nos EUA havia representado, o que servia para demonstrar seu amor pelo Brasil e sua fidelidade à ideologia socialista e aos companheiros do Pasquim. Outros indícios indicam que o conhecimento do inglês era de certa forma suspeito. Em uma carta de 23-05-75, Henfil relata: *“Discutimos ferozmente, num inglês corrente que me orgulhou (agora é tarde). Fui agredido e agredi”.* (Henfil op cit: 263). Sua fluência em inglês embora o orgulhasse era também um fator de suspeição porque Henfil demonstra uma indisfarçável admiração por uma faxineira brasileira que embora vivesse há muito tempo nos EUA só falava português:

Facina em inglês não é diferente. Nas casas dos brasileiros ninguém quer conversa, pra não atrapalhar a prática do inglês. Só falo português em casa e aqui na sua casa. E nas compras não me confundo: os produtos têm os mesmos nomes lá no Brasil” (Henfil op cit: 258)

Henfil via nesta empregada brasileira que “*não sabe inglês, mas sabe a língua multinacional dos shopping centers*” (Henfil op cit: 258) um símbolo de resistência, a ponto de dedicar a ela o livro “Diário de Um Cucaracha”.

Ao voltar ao Brasil, Henfil publica as cartas de Nova Iorque nos almanaques do Fradim, transformando-as, mais tarde, no livro Diário de Um Cucaracha. Esse livro tinha como finalidade denunciar a falsidade da propaganda que mostra os EUA como a terra das oportunidades, além de se penitenciar de ter ingenuamente embalado sonhos de sucesso na terra do Tio Sam, sempre baseado na propaganda norte americana.

É possível dizer que Henfil simplesmente esqueceu o inglês, ou se recusava a falar este idioma, porque ao retornar aos EUA em 1986 para a filmagem de uma parte do filme “Tanga” ou “Deu no New York Times”, já não sabia falar como demonstra Edgar Moura:

O vocabulário dele era de público de televisão. Soltava aquelas frases como se quisesse conversar. Eu, que falo inglês, tentei dar prosseguimento aos diálogos, mas logo descobri que ele não entendia patavinas. Só sabia reproduzir as frases como papagaio” (Moura apud Moraes op cit: 504)

O que teria acontecido com o inglês de Henfil? Onze anos apenas seriam o suficiente para que alguém esquecesse o inglês? Em princípio poderia ser dito que ao voltar para o Brasil, Henfil não falou inglês. Isto é possível. No entanto, Henfil quando se preparava para voltar ao Brasil em 1975, enviava livros em grande quantidade como descreveu na carta de 3-2-75

Compro o que posso nos sebos, tesouros escondidos da maioria silenciosa. Na calada da noite faço a pilhagem ao inverso. Acho que já mandei mais de 300 livros e até junho chego, quem sabe, nos dois mil! Assisto os filmes que posso, vejo lugares que não vi, recolho a prata e o ouro das catedrais (Henfil op cit: 242)

Acredito que Henfil se achava em débito com o povo brasileiro e com sua coerência de militante político, por esta razão iniciou uma série de quadrinhos dos Fradins e da Graúna que denunciavam a influência e a exploração americana no Brasil, e nos intelectuais que sempre estão distantes e de costas para o povo, e de frente para os EUA, (como pode ser visto nos quadrinhos em anexo). Henfil, ao voltar dos EUA, inicia uma espécie de cruzada contra os costumes americanos, considerados alienantes. Através da personagem Bode Orelana, que representava os intelectuais e artistas brasileiros que não se importavam com as questões políticas e sociais do país, aos quais Henfil chamava de “Patrulha Odara”. Devido a sua intransigente defesa dos interesses, que considerava serem nacionais, Henfil ficou conhecido como patrulheiro ideológico, muito provavelmente porque havia tido uma experiência própria em relação ao poder de sedução da ideologia e dos produtos americanos. As atitudes de Henfil visavam apagar qualquer indício de que tivesse se americanizado, ou seja, relativizado seu antagonismo aos valores capitalistas propagados pelos EUA.

CONCLUSÃO

Após verificar o processo de aprendizagem da língua inglesa por Henfil, acredito ser possível afirmar que Henfil sentindo-se inferiorizado como intelectual por não saber inglês. Este foi o principal motivo que levou Henfil a viajar para os EUA. No entanto, deixar o país em 1973 conotava uma atitude desabonadora, como se estivesse fugindo da luta contra a ditadura. Devido à atmosfera política deste ano nenhum ato que aparentasse desistência na luta pela reconquista de direitos de cidadãos, como o voto universal para todos os cargos, liberdade de imprensa, de formação de partidos, e o mais básico direito de “habeas corpus”, usurpados pela ditadura militar, principalmente a de sair do país, poderia ser visto como traição, ou no mínimo capitulação. Por isto Henfil usou o subterfúgio de um tratamento de hemofilia, para poder viajar.

A necessidade de falar inglês, além da possibilidade de sucesso profissional, foi o que o levou aos EUA. Caso o tratamento de hemofilia fosse a verdadeira razão da ida da viagem, Henfil teria embarcado no primeiro avião e voltado para o Brasil. Não havia grandes diferenças entre o tratamento para hemofílico no Brasil ou nos EUA. Investido da

missão de tentar “plantar” nos jornais americanos sua ideologia através dos quadrinhos Henfil permaneceria nos EUA por mais dois anos.

O remorso por estar longe do Brasil e o sentimento de culpa por deixar os companheiros, principalmente os do Pasquim, carregando sozinho o fardo da luta contra a ditadura imobilizou Henfil em seu apartamento durante seis meses. Durante este período ele não saía e não tinha contato com os americanos, como se tentasse se esconder de uma possível vergonha. A implacável perseguição da censura no Brasil foi a principal causa para que Henfil decidisse de uma vez por todas tentar o ingresso nos syndicates. A partir da decisão de parar de publicar seus personagens no Brasil. Henfil trabalhava apenas para os jornais brasileiros e só conversava com os amigos brasileiros residentes em Nova Iorque. Seus contatos com americanos e com a língua inglesa se restringiam a televisão e raras idas ao hospital, vivia numa espécie de exílio dentro do exílio.

A decisão de se manter afastado dos americanos e conseqüentemente da língua inglesa só foi mudada quando Henfil começou a vislumbrar a necessidade de fazer tiras em inglês.

Neste momento, o inglês tem um papel instrumental. Henfil precisava fazer charges e quadrinhos para atuar na luta de classes junto ao público americano. Seu domínio da língua inglesa chegou a ser tão envolvente que Henfil se assustava em não conseguir reproduzir em português um quadrinho feito em inglês. Ele temia ter desenvolvido em si um Henry, uma espécie de alter ego americano de Henfil, e sua decisão de voltar para o Brasil se deveu ao medo de que este alter ego crescesse e saísse do controle do brasileiro eliminando-o de uma vez por todas. Percebendo que para fazer sucesso nos EUA, teria que se americanizar cada vez mais, num processo irreversível de americanização, Henfil decide que o preço era muito alto e decide voltar para o Brasil e ser o mesmo Henfil.

Além desta questão lingüístico-cultural, houve um fato de ordem política, para determinar sua volta ao Brasil, no final de 1974. A vitória do MDB nas eleições

parlamentares. Embora tivesse feito uma carreira curta nos “syndicates”, Henfil poderia ter trabalhado nos jornais alternativos dos EUA e nos grandes jornais do Canadá, mas preferiu retornar para o Brasil do pós-milagre econômico e da promessa de abertura política.

De volta ao Brasil, Henfil procura se restabelecer profissionalmente, voltando a publicar seus personagens nos mesmos jornais, em que publicava antes de viajar. No entanto ainda pairava uma dúvida com relação à sua intempestiva decisão de abandonar o Brasil dois anos antes. Para rechaçar qualquer acusação de traição, ou de fraqueza ideológica Henfil decide publicar suas cartas como forma de se redimir perante os leitores e companheiros.

Nos almanaques do Fradim, Henfil publicou as cartas de Nova Iorque e respondia aos comentários dos leitores. A seção deste almanaque, “Fala Leitor”, transformou-se, neste período, em uma espécie de fórum para discutir a influência dos EUA sobre o Brasil. Neste espaço, muitos leitores expunham críticas às atitudes de Henfil, outros prestavam solidariedade ou apenas satirizavam a ingenuidade de Henfil. A publicação das cartas surtiu o efeito desejado por Henfil, despertou os leitores para a força da influência norte americana no Brasil.

No intuito de restabelecer sua confiabilidade, que acreditava estar comprometida por causa da jornada americana. Henfil passou a se recusar a falar inglês por ser este idioma um indicio de infidelidade nacional e ideológica, embora, talvez, ainda lesse os vários livros escritos em inglês, que havia comprado em Nova Iorque, (*“ouro e prata saqueados das catedrais”*).

As atitudes políticas de Henfil, principalmente nos seus desenhos em que denunciava a influência americana, passaram a ser ainda mais contundentes. A principal razão para o acirramento de sua posição nacionalista visava, muito provavelmente, afastar qualquer possibilidade de acusação de “americanização”. Talvez tenha sido esta a razão de Henfil ter decidido morar na Paraíba, onde as ondas da Rede Globo, maior símbolo da

disseminação da influência americana, ainda não haviam chegado. Henfil desejava ter contato com o Brasil mais brasileiro possível, que na época significava não ouvir apenas músicas americanas nas rádios, e não ver apenas enlatados americanos na televisão. Henfil também ajudou na fundação do Partido dos Trabalhadores, um partido, que a seu ver, nasceria sem os vícios da elite nacional, principalmente o de ficar distante do povo. Outro aspecto relevante que demonstrava a elevação do grau de antipatia de Henfil em relação à elite, e conseqüentemente uma tentativa de maior aproximação com as massas trabalhadoras, é a desconfiança de Henfil a um candidato a senador pelo MDB de São Paulo em 1978. Embora Henfil houvesse contribuído com dinheiro e com trabalho para a campanha do professor Fernando Henrique Cardoso, sua consideração não era das melhores em relação ao futuro senador. O fato de ser este professor um notório poliglota também contribuiu para aumentar a desconfiança de Henfil em relação ao compromisso do professor com o “povão”:

Quando comecei a conviver com o Fernando Henrique, sem muita profundidade, sempre me batia na cabeça olhar para o solado dos sapatos dele. Então, meu nego, sabe o que descobri? Que o solado era lisinho, não tinha um arranhão. Pensei: “Esse cara não anda com o povo”. Aqueles sapatos eram de alguém que estava pisando em alcatifas e tapetes de veludo, (Henfil apud Moraes op cit: 299)

A tomada de posição anti-elite e anti-imperialismo de Henfil ficaria cada vez mais evidente. No livro “O ABC do Entreguismo no Brasil” (Bueno et alli: 1983) das dez charges seis são de Henfil. Ele era um eterno vigilante das atitudes dos intelectuais e artistas brasileiros. Em 1978, houve uma refrega entre “patrulheiros ideológicos” que criticavam as músicas e filmes destituídos de caráter político ideológico, e os “patrulheiros odaras” que desejavam

fazer arte pela arte. Henfil criou vários cartuns denunciando a alienação desses intelectuais “Odara”. Nestes quadrinhos Orelana fazia músicas alienadas para provocar a esquerda. Percebendo a ausência de repercussão dessa atitude ele mesmo pede cobranças. Graúna, o alvo do pedido, diz que são trinta cruzeiros, e pergunta se Orelana queria nota fiscal. Henfil, que sempre foi muito preocupado com a questão de fidelidade ideológica, tornou-se obsessivo naquele momento, muito provavelmente por causa de seu “mau passo” em ter deixado o Brasil em 1973. Henfil acreditava que aquelas músicas e aqueles filmes produzidos pelos “Patrulha-Odara” continuariam a iludir o povo em relação aos EUA. Reagia violentamente contra estes artistas descompromissados, no intuito de criar condições que dessem aos brasileiros oportunidades de reflexão sobre sua própria cultura, evitando o que acreditava ser pura e simples cópia ou adaptação dos modelos já consagrados nos EUA. A iniciativa de Henfil visava fazer com que a arte fosse usada como meio de evitar influência estrangeira e para enfraquecer a ditadura em seu processo de *“distensão lenta gradual e segura”*. Henfil se notabilizou pelo desprezo à “arte pela arte”. Para ele a arte só teria valor quando tivesse uma finalidade política, uma vez que afirmou que talento se joga fora. Em virtude dessa consideração Henfil se sentiu obrigado por sua responsabilidade como militante a publicar suas cartas numa forma de reabilitação perante o povo, os companheiros e a própria consciência. A preocupação com a obra era maior do que com a própria vida, pois esta transcenderia seu período de vida, por isto sua diretriz foi resumida nesta frase *“Morro mas meu desenho fica. É a minha possibilidade de vida depois da morte que de fato vai acontecer. Não tem a menor graça. mas vai.”* (Henfil 1994:02)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Mauro- Estados Unidos- Civilização Empacotada. São Paulo/SP Ed. Fulgor. 1961
- BANDEIRA, Moniz - Presença dos Estados Unidos no Brasil. Rio de Janeiro/ RJ Editora. Civilização Brasileira 1973
- BONFIM, Manoel - América Latina - Males de Origem. Rio de Janeiro/RJ Topbooks. 1993
- BOSI, Alfredo- Dialética da Colonização. São Paulo/SP. Companhia das Letras. 1992
- BUENO, et alli.- O ABC do Entreguismo no Brasil. Petrópolis/ RJ. Vozes. 1983
- CAMINHA et alli.- Brasil- Estados Unidos Antigas e Novas Perspectivas Sobre a Sociedade e Cultura. In GIUCCI, Guilherme e DAVID, Mauricio Dias Org (s). Rio de Janeiro/RJ Leviatã Publicações. 1994
- CHAUÍ- Marilena de Souza- O que é Ideologia? São Paulo/SP Editora Brasiliense 1980

- D'ALCANTARA, Carlos X - Um Mineiro entre os Ianques São Paulo/SP Empresa Gráfica Carioca 1959
- ESPINAL, Luiz- Cinema e seu Processo Psicológico São Paulo/SP L.I.C Editores 1976
- FANON, Frantz - Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro/RJ Ed Civilização Brasileira 1961
- . Pele Negra, Máscaras Brancas. Porto/ Portugal. Col. Mutações. Edtora Livraria Paisagem 1961.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa- Rio de Janeiro/RJ Editora Nova Fronteira 1986
- FREUD, Sigmund- O Chiste e a Relação com o Inconsciente. Rio de Janeiro/RJ. Editora Imago 1977
- FROMM, Erich - Conceito Marxista do Homem. (8º edição) Rio de Janeiro/RJ Zahar Editores 1983
- GOFFMAN, Erwing -Estigma. Rio de Janeiro/ RJ Zahar Editores 1978
- GUBERN, Roman Literatura da Imagem Rio de Janeiro/RJ Salvat Editores 1978
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - Raízes do Brasil. Rio de Janeiro/RJ. Livraria José Olympio Editora. 1977.
- LUDKE, Menga et ANDRÉ, Marli- Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo/ SP. E. P.V. 1986
- LUKÁCS, Georg- Introdução à uma Estética Marxista: trad: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro/RJ Editora Civilização Brasileira 1978

- MEMMI, Albert- O Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador trad;
Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho (2º edição) Rio de Janeiro/RJ Paz e Terra
1977
- MOOG, Vianna- Bandeirantes e Pioneiros. Paralelo entre Duas Culturas. Porto
Alegre/RS Editora Globo 1959
- MORAES, Dênis de - O Rebelde do Traço, a Vida de Henfil.- Rio de Janeiro/RJ José
Olympio Editora 1996
- MOURA, Gerson - Tio Sam Chega ao Brasil. A Penetração Cultural Americana. São
Paulo. SP. Brasiliense. 1984
- MURPHY, Andrew Jenkins- How to Prepare for the Toefl. Orlando/ Florida Harcourt,
Brace, Jovanovich Publishers 1981
- ORLANDI, Eni Pulcinelli- Terra à Vista: Discurso do Confronto: velho e novo mundo.
Campinas/SP. Editora da Unicamp, 1990
- ORTIZ, Renato- Cultura Brasileira e Identidade Nacional São Paulo-SP Ed.Civilização
Brasileira 1985
- PEREIRA, Carlos Alberto M. et HOLLANDA, Heloísa Buarque de- Patrulhas
Ideológicas. São Paulo/SP Editora Brasiliense 1979
- PHILLIPSON, Robert- Linguistic Imperialism. Oxford, U.K. University Press. 1992
- RIBEIRO, Darcy- O Dilema da América Latina. Petrópolis/RJ. Vozes 1983
- _____, O Povo Brasileiro e o Sentido do Brasil. São Paulo/SP. Companhia das Letras.
1995

- RUSSEL, Bertrand- Crimes de Guerra no Vietnã. São Paulo/SP. Paz e Terra 1967
- SABINSON, Eric Mitchell- Foreign Language Acquisition and Real Politik.
Campinas/SP. Ed. da UNICAMP In: Trabalhos em Linguística Aplicada. Nº 1.
- SCHNAIDERMANN, Boris- Guerra em Surdina. Rio de Janeiro/RJ Editora Record 1985
- SCHWARZ, Roberto Que Horas São? Ensaio São Paulo/SP Companhia das Letras 1995
- SKIDMORE, Thomas- Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, (1930-1964). São Paulo/SP Paz e Terra 1979
- SODRÉ, Nelson Werneck- Síntese de História da Cultura Brasileira. Rio de Janeiro/RJ Civilização Brasileira, 1979
- SOUZA, Henrique Filho (Henfil)- Fradim. Rio de Janeiro/RJ Editora Codecri. 1976
- _____, Diário de Um Cucaracha. Rio de Janeiro/RJ. Editora Record 1983
- _____, A Volta da Graúna. São Paulo/SP Geração Editorial 1993
- _____, A Volta do Fradim. São Paulo/ SP Geração Editorial 1994
- TUFANO, Douglas- Joaquim Manuel de Macedo Literatura Comentada São Paulo/SP Abril Educação 1981
- VENTURA, Zuenir- 1968, O Ano que Não Terminou Rio de Janeiro/RJ Editora Nova Fronteira 1988
- WESSON, Robert G.- A Nova Política Externa dos Estados Unidos. trad: Antônio José da Silva e Sousa Rio de Janeiro/RJ Zahar Editores 1978

Bíblia Sagrada, (Católica). Rio de Janeiro/RJ Gamma Editorial e Gráfica

1980

Periódicos

CORREIO POPULAR Campinas/SP 11-05-1997, Edição Comemorativa dos 50 anos

OPINIÃO 31-12-1973 Rio de Janeiro/RJ Editora Inúbia

VEJA, 10 de Janeiro de 1995, São Paulo/SP Editora Abril

NOTAS DE FIM

ⁱ The knowledge of English gives rise in its turn to a desire to read English books, talk to British people, and learn about British life or some aspect of it. Indeed a knowledge of English is almost essential today for the study of many branches of science and technology as also, of course, for the study of English Literature, history and British Institutions(apud Phillipson:1992)

ⁱⁱ Read as much as many types of written material as you can: fiction, nonfiction, scientific journals, newspapers, poetry and songs (sometimes printed on sheets inside recorder album covers), even the backs of cereals and soup cans. Listen to lectures, TV programs, radio shows, and acquaintances who speak English well - all these are potencial sources of improved vocabulary. (Murphy 1987:235)

ANEXOS

Mãe

Espero que esta vá encontrá-la jogando de caudê. Mãe, isto algum singelo de diaculos eu opeço a senhora por ser a símica responsável pelo meu tito na vida.

Eu sei, foi o Roberto Drummond quem me obrigou a ser "desulista de piadas", mas foi a senhora quem me deu esta minha imundar e esplêndida personalidade.

Deusbra daquela viz que eu estava olhando a pata botar e a senhora me deu chumbados no bumbino e me levou pra confessar no colégio Arnaldo?

Deusbra daquela noite que eu estava brincando de dar injegão na Filomena e a senhora me deu bôlos com a socôva de noupa na mão que estava um pecado mortal (ou original)? Me explicou mitos, que as mãs antigoras, minha mãe searia e caíria!

E do dia em que eu xinguei a Tia Stela com um nome que era um pecado venial? A senhora passou pimenta malaguetta (das unweilhas lá de Bocaaiúva) na minha língua!

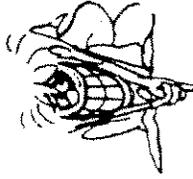
Deusbra do dia em que encontrou uns desulões de mulher pelada que eu fiz? A senhora queimou e sufogou os eirgos na minha mão!

Hah! E aquela noite em que me surpreendeu jogando boba gem assimbo no escuro? Me disse: é pecado! Vai pro inferno! A! Me deu bumbo de água fria, me sufogou álcool, me deu palha benta pra aquecer e rezou um terço comigo!

Pois bem mãe, graças à educação exemplar que a senhora me deu que eu hoje sou conhecido e tenho fama, sucesso e fortuna!

Obrigado mãe!

A blusão de seu filho,



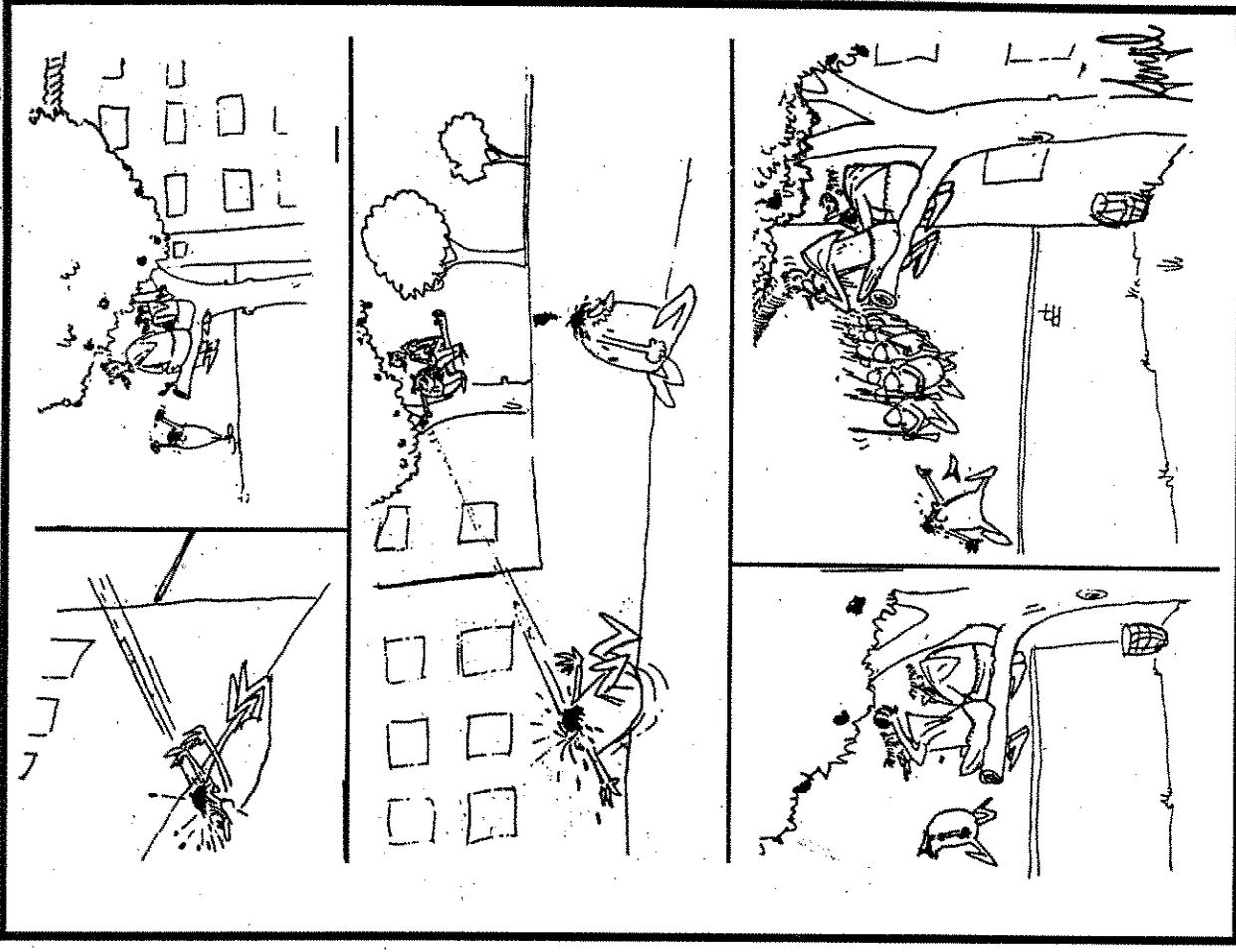
Henriquinho

Guanabara, 12 de abril de 1964

NASCIMENTO

REVISTA ALTEROSA (MINAS GERAIS) 25 JULHO 1964

DOCUMENTO



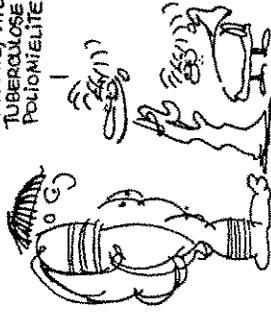
FRADIM ÍNDIO

BAIXIM,
ESSE É O
ÍNDIO MURUGA
QUE A FOMBI
MURUGA TÁA
GRATE INTEGRAR-LO
NA CIVILIZAÇÃO...

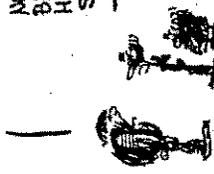
OOOOOOOO
OOOOOOOO



ANTES MURUGA,
VAMOS INTEGRAR-LO
CONTRA URUGUA,
SARAMPO, TIFO,
TUBERCULOSE E
POLIOMIELITE...

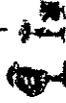


INDO NÃO TER
VARICELA, SARAMPO,
TIFO, TUBERCULOSE
E POLIOMIELITE...

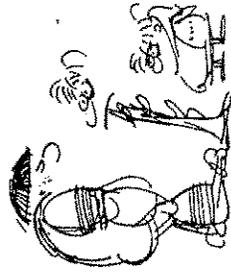


SEM REUMATISMO?
BICO DE PAPAGAIO,
HERPES, FURUNCOS,
SINUSITE, ASTIGMATISMO?

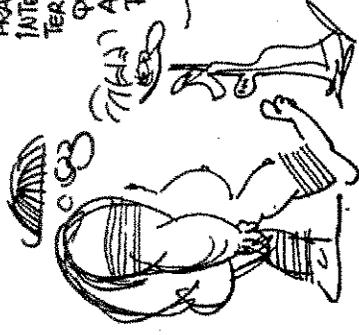
SEM CRUÍDIE, GASTRITE,
AZIA, ÚLCERA, MIOPIA,
ARTRITE, CÁDIE, SIFILIS,
HEMORRÓIAS, FATEIRA,
C.C., ENDAIS, CASIAS,
ESPINHAS, SAPIAHO, DE
COCELICHE, PIGHO, DE
VENTRE, ASIA?



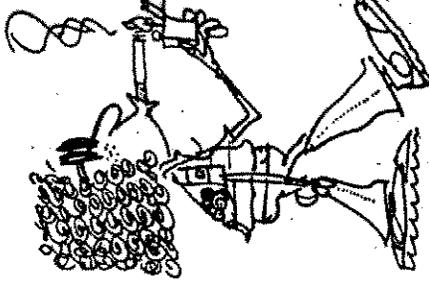
SEM
CHALÉ?



POA VOCÊ SE
INTEGRAR, VAI
TER PRIMEIRO
QUE APRENDER
A FALAR PORTUGUÊS!
PRESTE ATENÇÃO...



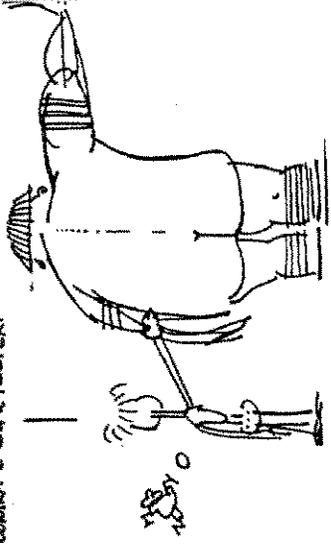
AQUILO ALI É UM PLAYBOY COM
UM BLUE-JEANS, T-SHIRTS,
ÓCULOS RAY-BAN, HOLLYWOOD
KING SIZE FILTRO, RONSON
CHICLETES E TÊNIS REEBOK!



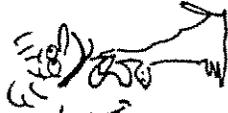
A TU MOSTRA UM TAPE,
AGORA UM REPLAY, UM SLIDE,
UM SLOGAN, UM SINGLE. DIZ
O PRESS RELEASE QUE VAMOS
TER UM CLIP COM O DARLING
DO HIT PARADE :GUNS'N' ROSES!



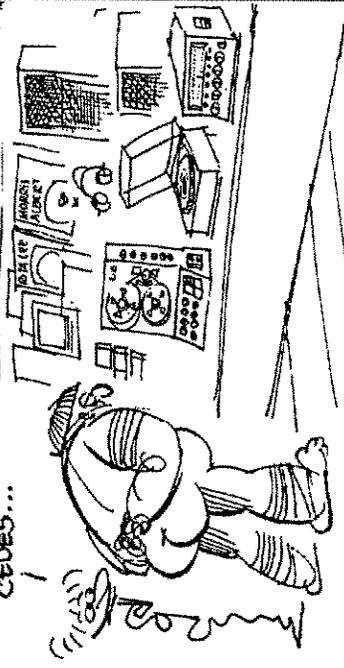
É O FOOTBALL! O BACK
COMETEU FAULT HANDS
E O CENTER FOUR VAI
BATER O PENALTY
CONTRA O GOAL KEEPER!



ALI NAQUELE SHOPPING CENTER
TEM UMA DRUGSTORE ONDE
A GANG DARK BEBEM COOL
TEDE HOT-DOG COM KETCHUP
OU ENTÃO UM BIG MAC
BEBEM DOCA-COLA OU PEPSI,
MILKSHAKE, ICE CREAM SODA,
OU MESMO WHISKY ON THE
ROCKS ...



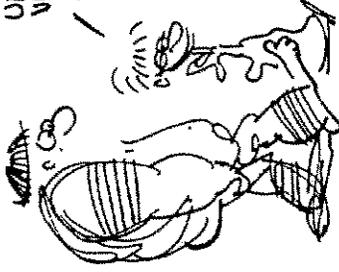
ISTO SÃO LONG-PLAYS,
CASSETES, PICK-UP-TAPE,
DECK, HEAD PHONE,
CEDES ...



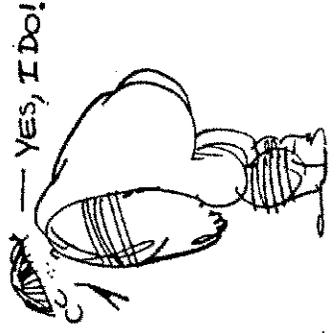
NOS WEEK ENDS O NOSSO
SOCIETY CURA O STRESS PEGANDO
UM SPA OU PARTE PARA
UM CAMPING. O DET-SET VAI
AO COUNTRY CLUB JOGAR POKER
OU ENTÃO AO DERBY DO JOCKEY.
JÁ O BEAUTIFUL PEOPLE PÔE
SEU SHORT E FAZ MOUNTAIN BIKE!
DE NOITE, VOCÊ PODE IR NUM
ROCK IN CONCERT OU
ASSISTIR UM TALK-SHOW!



QUANDO VOCÊ TIVER
MÁIS KNOW-HOW E
UM BIG BACK GROUND,
VAI TIRAR XEROX,
MANDAR TELEX E,
SE TIVER CASH,
JOGAR NO OPEN MARKET
OU NO OVERTIGHT.
UM DIA ENTRA NUMA
JOINT VENTURE E FAZ
UMA HOLDING ...



COMPREENDE?



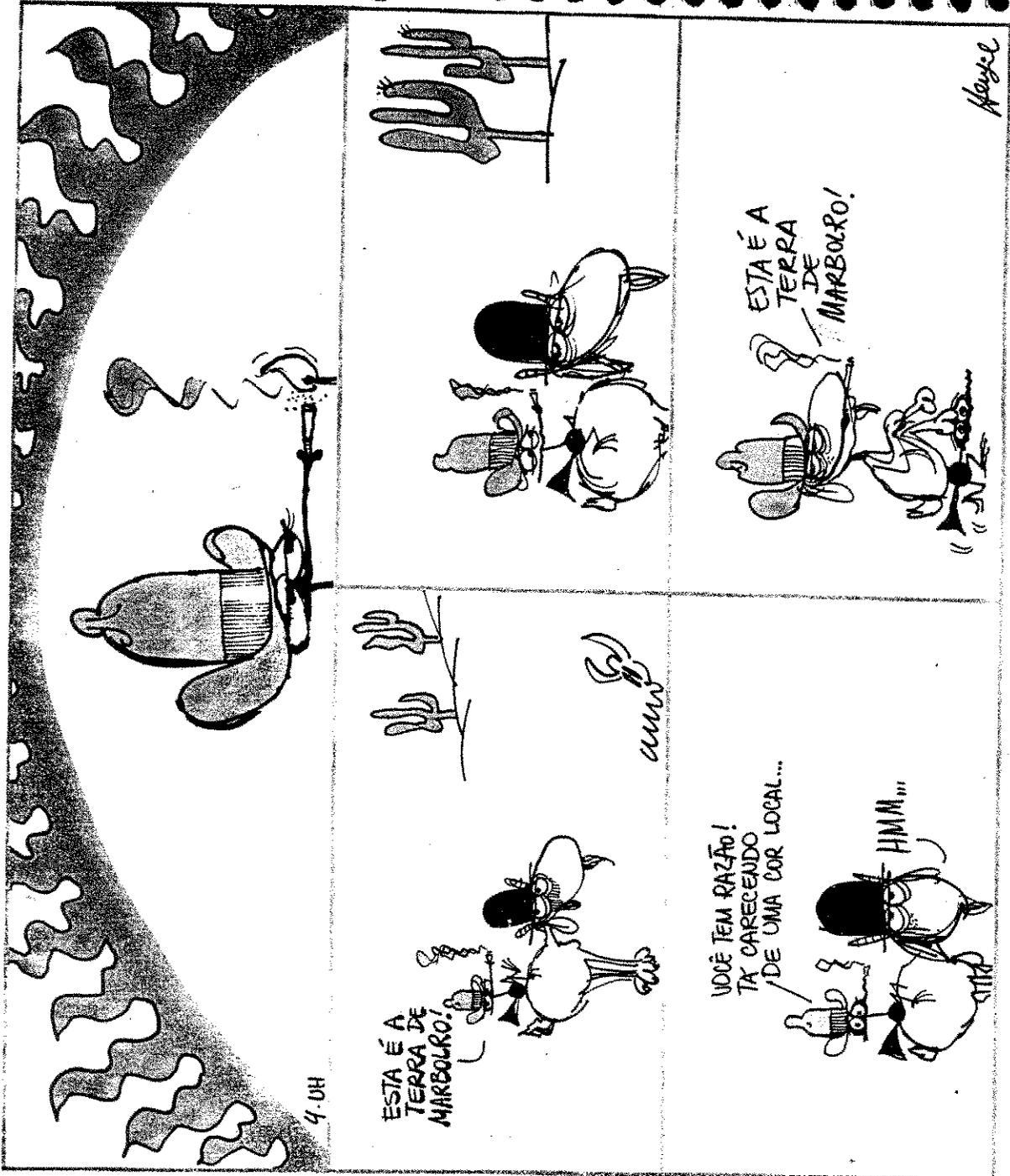
— YES, I DO!

zo, defendido e finalmente julgado criminoso ou ladrão. Só aí ele será legalmente criminoso. Enfim, o julgamento de uma pessoa não é feito pela vítima, pelas testemunhas, pelos jornais, pela polícia ou pela opinião pública. O julgamento é feito pelo tribunal.

E tem mais, a imprensa tem o maior cuidado e respeito o hábito de escrever "o suspeito" antes do nome do mais notório criminoso porque, se assim não o fizer, isto será usado pela defesa para absolver literalmente o, vá lá, suspeito. A defesa alegará e a lei aceitará que o jornal, um órgão que influencia, influenciou o provável júri e as testemunhas. O jornal (a TV, o rádio) fez um julgamento e caiu na antilei: culpado até prova em contrário. Vários criminosos se beneficiaram com o sensacionalismo da imprensa. Ela aprendeu e agora, ao lado da fotografia do cara matando, já vai colocando: o suspeito quando atirava...

Acredito que muitos inocentes também se beneficiaram disto. E penso que é preferível isto do que o que temos no Brasil. A irresponsabilidade da imprensa e principalmente da polícia julgando criminoso a quem bem entendem. É só lembrar do caso dos irmãos Naves. Ou dos "subversivos" acusados, julgados e mandados prender por jornais ou por delegados. Sem falar no esquadrão da morte.

É parafrasear uma frase do Aurora Moura Andrade: máquina de es-

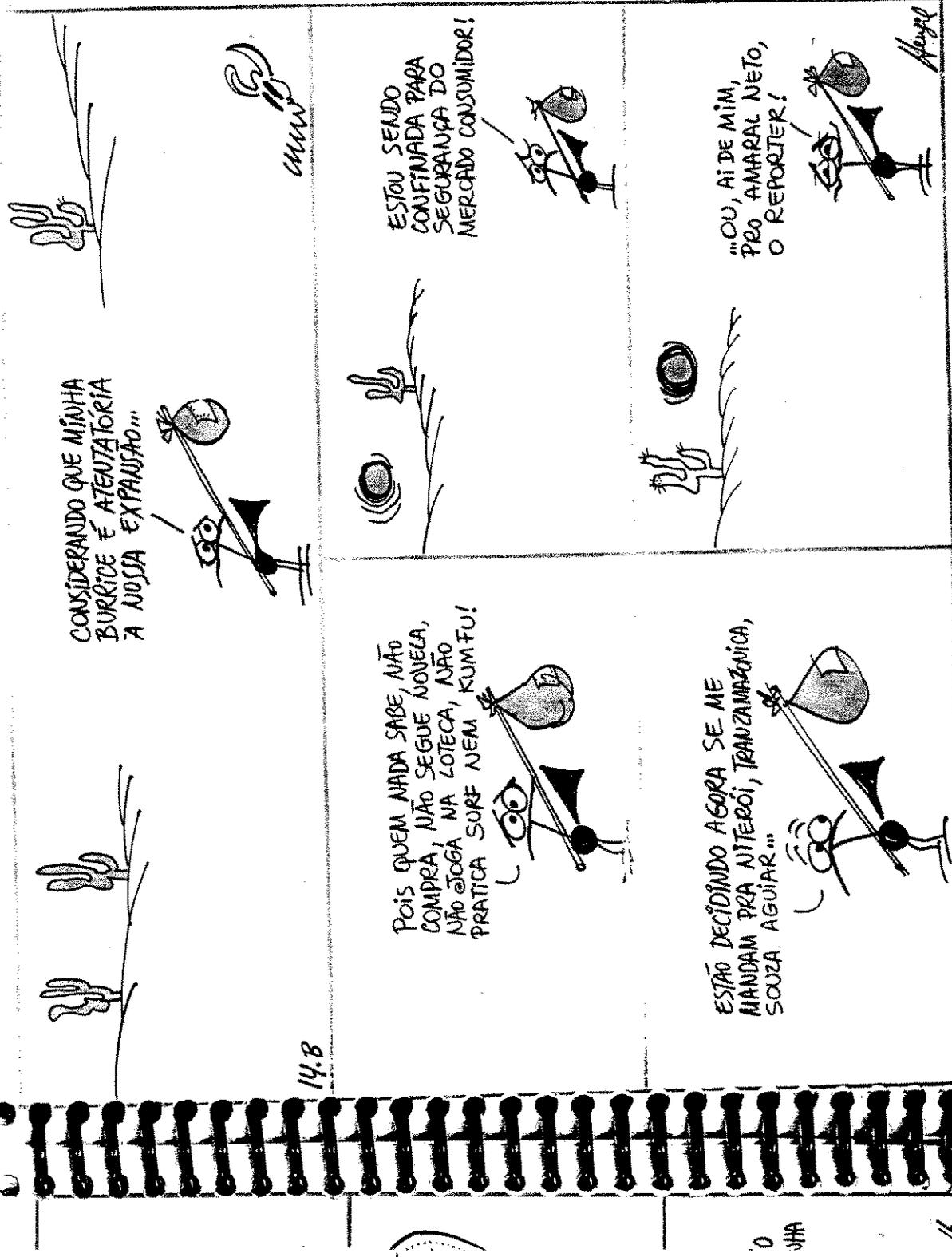


sejo-lhe que o ano novo seja de muita criatividade no seu trabalho. (OSÉ MILTON — Presídio Político de São Paulo).

• Além do Artur e do Zé Milton, recebi também cartão de festas do Gildásio Consenza, este do Presídio Político de Bangu. Como me sinto? Orgulhoso!

Henfil,
 Hah!!! Safado! Descobri finalmente porque ocê tem tal espírito, ocê passou mau bucados, né? Dana-do FDAMAE, qué dizê que ocê es-crescia aquelas do Fradim quando tava hemofílico, né? (ou tá ainda, gente fina é outra coisa). Agora mata uma curiosidade. Como ocê conseguiu escrever aquelas coisas boas tando fora? Lá tem Notícias Populares também? ó disculpi, is-quici que lá não é pais subdesenvolvido. Num diga que as idéias foram boladas no povão de lá? (cê tá brincando, aquele também é um pais que vai pra frente?). Tem algo de novo que aprendeu lá pra nós? (já sei: um novo método de Fisioterapia)... (SIDNEI REIS — Santo André — SP).

• Homem é mesmo danado de reprimido. Sidnei queria fazer carinho, mostrar calor. E sai assim. Carinho de homem é socar. Leia de novo e veja: Sidnei gosta paca da gente.



antes de dormir, a velhinha caiu no chão e morreu. De fome.
É um modelo de sociedade igual a este que estamos construindo no Brasil pros nossos velhinhos, zé. Nossos pais, zé. Pra nós, zé. Haja sorvete, zé!

BABAM

N.º 17 — MARÇO/1977
 Editora Codecri Ltda.
 Diretor-Presidente: Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe.
 Diretor-Administrativo: Júlio Nunes da Silva. Redação e Administração: Rua Saint Roman, 142 — ZC-37 — Copacabana — Tel.: 287-6796

Criação:
 HENFIL
 Programação Visual e Produção:
 Alvaro Augusto Ramos
 Revisão:
 Alfredo Gonçalves
 Assinatura:
 Helena
 Diretor-Comercial:
 J. Abreu

Composição:
 Linotipla Luna Ind. Com. Ltda.
 Impressão:
 Editora Vozes Ltda.
 Rua Frei Luis, 100 — Petrópolis - RJ
 Distribuição:
 Abril S.A. Cultural e Industrial.
 Rua Emílio Goeldi 575/747 — SP.
 REGISTRADA NA D.C.D.P. SOB O N.º 1.102 — PORT. 209/73

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
 © HENRIQUE DE SOUZA FILHO
 (HENFIL)

ARE HARE HARE KRISNA
 HARE HARE HARE KRISNA

ELE NUM VAI TE LAMBER NÃO, O GRANA! INTELCTUAL PRESTA MUITA ATENÇÃO EU MULHER. VOLTA LA' E FALA COM O BODE ORELANA...

130H

MAS BICHISSE, NÃO! QUALE? QUALE?

HARE HARE

ESCUITAQUI COMPADI! TÔ SABENDO QUE AS ALTERNATIVAS TÃO BLOQUEADAS E TAL E COISA...

TE FALEI, TÔ! ME LAMBEU EU DESARCANDO INTERESTING...

SLIP!

ARE HARE HARE KRISNA
 HARE HARE HARE KRISNA

HARE HARE HARE KRISNA

Devoivo porém parte da gozação e aqui val o troco do paciente: qualé o maior desejo de todos os médicos brasileiros? Heim? Ganhar uma boi-sa onde? Trabalhar num hospital onde? Receber um diploma de onde? Ré. Ré. Ré.

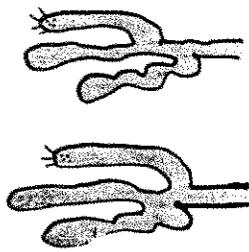
Tai, é uma das primeiras vezes que me dão uma gozada destas. Na frente dos meus amigos. Vou me vingar já-já. Qualquer hora baixo ai no sulmaravilha e ó... bebo o Crío seus todo, tchê!

Henfil,

"...no número de Natal (15), achei que o Fradim (personagem) fraquejou. Deve estar sendo difícil a você criar tensões que não tem mais, vivendo nesta tranqüillidade de Natal. Sem as psicólgicas que alimentam o Fradim (o personagem). Oreihão e Zeferino continuam na mosca. (TARIK — RIO).

* Tarik, tô usando tua carta pessoal porque preciso do pretexto pra discutir isto. De fato minhas tensões diminuíram muito vivendo em Natal. Mas é só chegar o Jornal do Brasil e o Estadão que é como se eu vivesse de novo no massacre do Rio. Acho que não é por ai que dá para explicar a fraquejada do Baixim no número 15.

Eu também, quando li, não senti bem o Baixim. Aliás, ele aparece pouquíssimo. Para você ter uma idéia pensel, mal dormindo, em colocar uma notinha no Fradim 16 pedindo desculpas aos leitores pela fraqueza da historinha. Devia



ZEFERINO FOI CA-
DAR CABO NESTA
MULTINACIONAL
QUE ASSOLA O
BODE ORELANA...



OUHAI... OUHAI...
JÁ PAROU O
CANTOREIO!



AGORA ELES
TÃO QUE
CONFABOLA...



ECO! TÁ UM
LAMBENDO
O OUTRO!



HARE
HARE
HARE
KRISNA!

TAÍ A QUE NOS LEVOU
O B*PARTIDARISMO,
SENHORAS E SENHORES!
A TURMA TÁ PEGANDO
DE SUBLEGENDA...



HARE HARE HARE HARE
KRISNAI KRISNAI



Alcides

FALA LEITOR!

Henfil,

Pô meu, não te ensinaram o caminho das pedras? Todo o teu tratamento estava ao alcance da mão ou da Varig aqui mesmo no Brasil, em Porto Alegre, sem dólares, sem yes, sem financiamentos, somente com um documento. Qual? Carteirinha do INPS. Lendo o Fradim 12 fiquei sabendo da tua odisséia em N. York.

Henfil, nosso serviço trata hemofílicos desde 1968, atendimento imediato, com cobertura completa, tanto ambulatorialmente como em hospital. Temos sob nossos cuidados atualmente 116 hemofílicos de diversos tipos (hemofilia A, B, Von Willebrand etc.). Em muitos deles já realizamos cirurgias reparadoras de diferentes articulações. As hemartroses nos joelhos, tornozelos e cotovelos usualmente regredem em 2 a 5 dias no máximo. Orientamos o hemofílico de modo que ele próprio saiba se defender e medicar. O INPS pagando tudo.

Dê um passeio até Porto Alegre (aproveita que não tem depósito prévio) que a gente te mostra nossos recursos. Já estamos produzindo do fator VIII de forma liofilizada,

BOM DIA LEITORES DO SUL MARAVILHOSA! ERA UM DIA COMO QUALQUER OUTRO NA CARTINGA...



3.B

HARE HARE HARE HARE KRISNA



INDAGUÊ-LHE QUAL A SUA PROPOSTA. E A MENSAGEM? ONDE ESTÁ A MENSAGEM?



DE MAL SÚBITO, O NOSSO INTELLECTUAL BODE FRANCISCO ORELANA FOI VIOLENTAMENTE DESAPROPRIADO POR UMA MULTINACIONAL...



HARE HARE HARE KRISNA



4.B

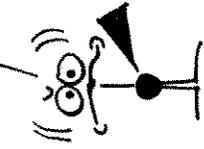
SÃO DUAS LAMBEDAS PRA CÁ, DUAS PRA LA?



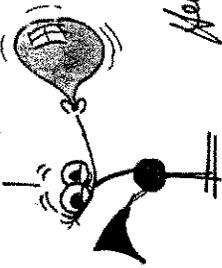
DEI PARTE DELE IMEDIATAMENTE A CPI DAS MULTINACIONAIS!



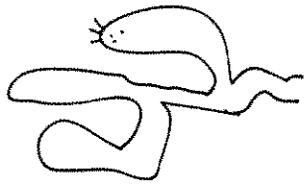
TÃO ACHANDO QUE FOI TOLA EM IR LA, NÉ?



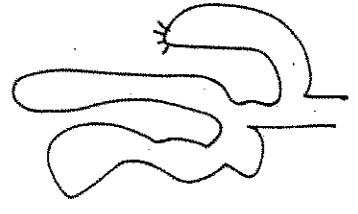
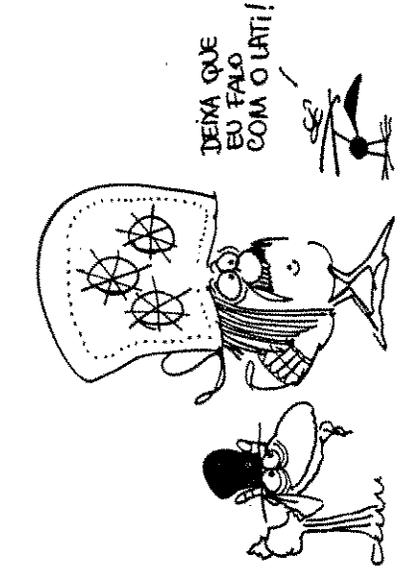
POIS ME DERRAM 4 CHICLETES DE BOLA, TA?



Henfil



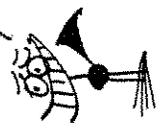
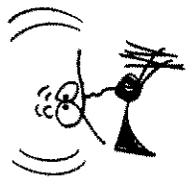
444.A



• Paulo, eu estive nos Estados Unidos de 1973 a 1975. Escrevia uma carta todo dia pelo malote do Pasquim. Assim, temos aí umas 600 cartas. Já publicamos umas 30. A resposta sobre o tratamento você vai ter aí pela carta número 150... por aí. Deve ser Fradim 35 ou 36. Paciência que chego lá. Mas não perca. O capítulo mais emocionante e pavoroso ainda vem: é quando conto como fui internado num hospital daqueles de fazer o filme O Hospital parecer conto da carochinha. Hah! Foram duas internações. Assim, aguarde Hospital I e II. Se tomo cuidados especiais no meu dia a dia? Claro! Todo dia crítico as instituições. Dizem que faz muito bem para hemofilia.



BANG!



Henfil,

Será que não dava para você tornar a editar aquele almanaque número 1? Aquele em que o Baixim e o Cumprido foram atropelados e depois foram para o céu e o inferno? Será? Será? Será?
MAURO LÚCIO (Ipatinga — MG)

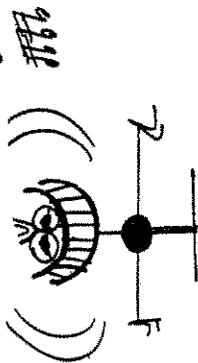
• Olhai Mauro, o Alvaro já fez todo o plano da reedição do Almanaque do Fradim 1. Vai sair no mesmo formato da revista atual. Assim como estão prontos os planos para o relançamento dos Fradins de 2 a 6. Sairão também no formato atual e juntos feitos um livro grosso. O que falta? Falta eu poder sentar e redesenhar umas coisinhas. Só. Logo que eu

Heizel do alto da Caatinga

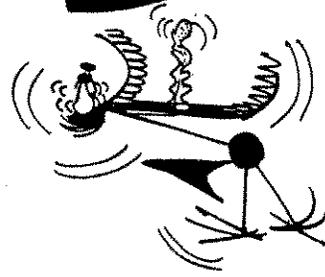
ZEBRÃO

392.A

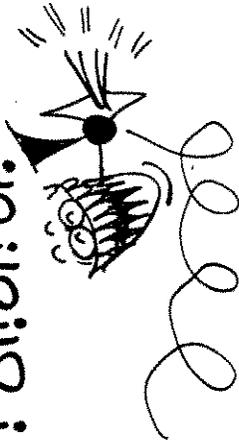
TCHÂM!



UÁ!



ô! ô! ô! ô! ô!



**TÔ PRECISANDO
CASAR. ESTAS
EXPLOSÕES HISTÉRICAS
E PURA FALTA DE
HOMEM...**



Cartas de um Subdesenvol- vido

Durante os dois anos em que vivi em Nova York (73-74), eu escrevi perto de 600 cartas para os amigos e família. Nelas eu contava minha traumática via-sacra pelos hospitais americanos e os detalhes da minha experiência num sindicato distribuidor de quadinhos. As cartas foram recuperadas e saíram com todas as imperfeições do meu subdesenvolvimento intelectual e gramatical.

Heizel

New York, 24 de novembro de 1973

Tarik minha nega!

Você continua fazendo minha psicanálise, né velho? Mas vou res-ponder tua provocação sobre a não publicação da minha entrevista no Pasquim. O caso foi o seguinte: quando li a entrevista tremi nas bases. Tarik, a agressividade que re-linou (ui) na entrevista, principalmen-te entre eu, Ziraldo e Millôr, não foi mole. O Jaguar preocupado com tu-do, chegou a me dar um toque: você

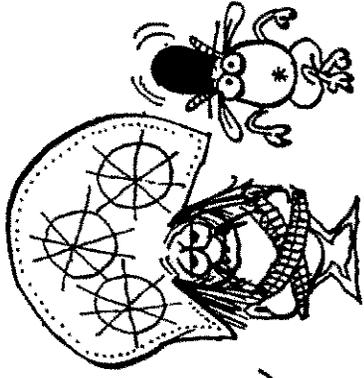
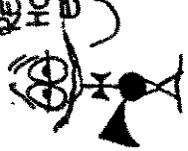
Heizel

Up Up

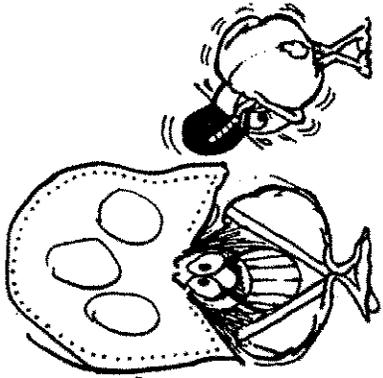
sim

Up Up

DEVIDO AO INCIDENTE NA ABERTURA DE ONTEM, VAMOS REAPRESENTAR HOJE O NOSSO "ELENCO"



EU, GRAUNA, A MINHA ESQUERDA O CAUGACEIRO ZEFERINO E O BODE ORELANA QUE É ESTE AI DE BRAGUTLHA DEBABOTADA"



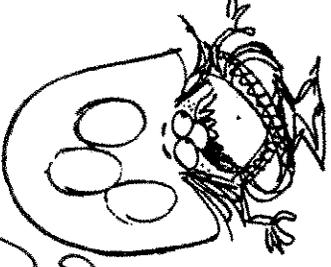
OS NÃO PEDIRAM PREU DAR UM MOLHO?



sim Hausel

Up Up

sim



ORELANA, DA LICENÇA? UOUE DISSE QUE PROIBIRAM A IMPORTAÇÃO DE SUPERFELUOS."



MAIS PRESSAMENTE O QUE É SUPERFELUO?



HAH, MINHA FLOR, SUPERFELUO É TUDO QUE É DESNECESSÁRIO."



COMO POR EXEMPLO... POR EXEMPLO... VOTAR?



VOTAR?

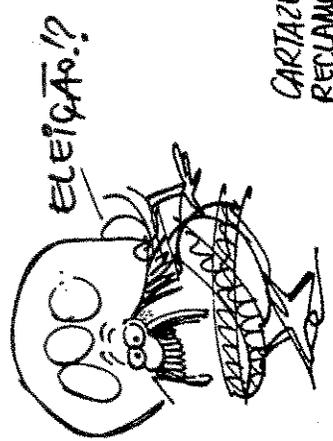


RAPAZ! VIU ESTA? VIU ESTA?

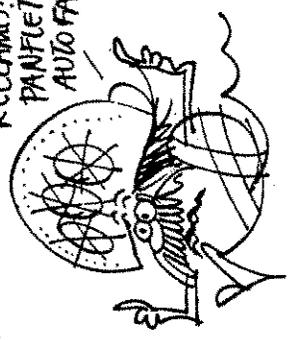
E OCHA QUE JÁ TEMHO 28 PRINHAZID.



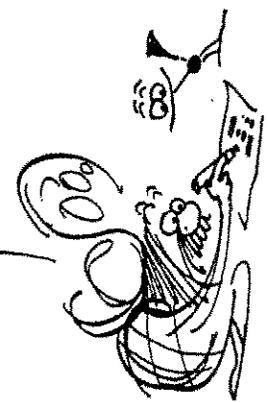
REFERENDO,
O BODE
ORELANA
DISSE QUE VAI
TER ELEIÇÕES...



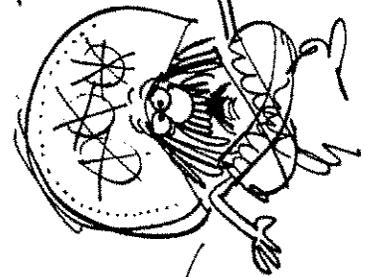
CARTAZES!
RECLAMES!
PANTIFLETOS!
AUTOFANALIES!



PRECISAMOS FAZER
UMA BATA CAMPANHA...



...OU OS
GOVERNANTES
ESCOLHEM
OUTRO POVO!

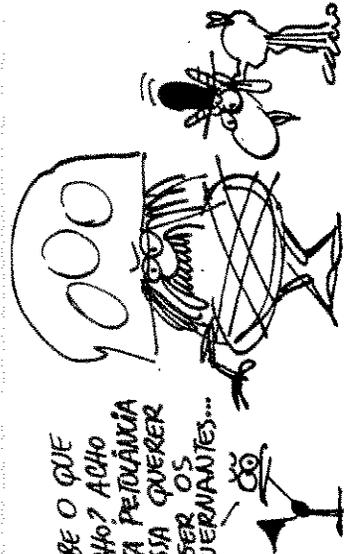


BRASILEIROS
PARA
POVO DO
BRASIL!

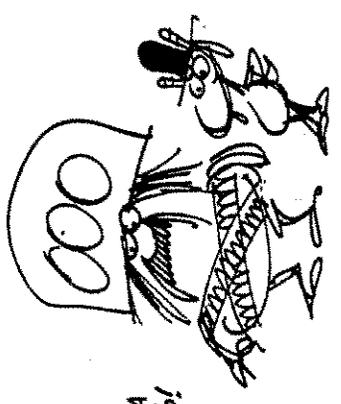


caul' Brasil!

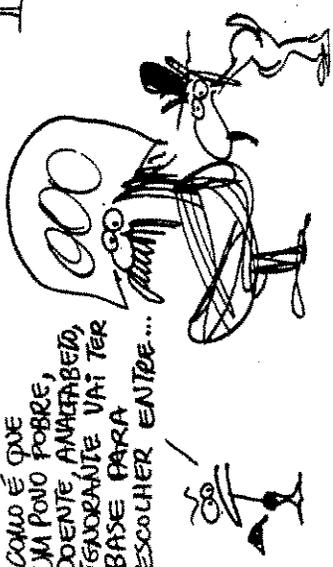
SABE O QUE
ACHO? ACHO
MUITA PERDIÇÃO
AQUISSA QUERER
ELEGER OS
GOVERNANTES...



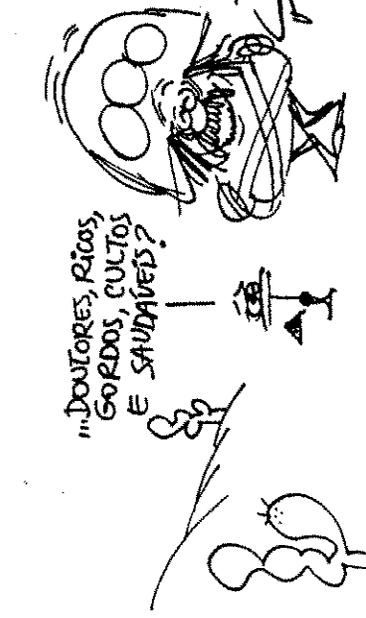
A GENTE
NUNCA
PREPARADA
PRISTO, NIA-ô!



COMO É QUE
UM POVO POBRE,
DOENTE, AMARGUEIRO,
IGNORANTE VAI TER
BASE PARA
ESCOLHER ENTRE...



...DOUTORES, RICOS,
GORDOS, CULTOS
E SAUDAVEIS?



caul' Brasil!